

PATRÍSTICA

LEÃO MAGNO

Sermões



SERMÕES

Leão Magno



Índice

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

1. Origem e ascensão
2. Homem de ação
3. Escritos e doutrina

PRIMEIRO SERMÃO SOBRE AS COLETAS

SEGUNDO SERMÃO SOBRE AS COLETAS

TERCEIRO SERMÃO SOBRE AS COLETAS

QUARTO SERMÃO SOBRE AS COLETAS

1. Advertência contra as artimanhas do demônio que procura anular a fé ou as obras
2. Sabendo como será o julgamento, o cristão deverá usar de misericórdia e ser generoso para com os pobres
3. O que doa aos pobres alcança libertação da condenação
4. Evitar e denunciar os heréticos como parte das boas obras

QUINTO SERMÃO SOBRE AS COLETAS

1. O mais aproveitável para a fé: ajudar os indigentes, cuidar dos doentes e atender as necessidades dos irmãos
2. Não são úteis as virtudes aos ricos que não socorrem os pobres
3. As esmolas purificam, apagam os pecados e despedem a morte

SEXTO SERMÃO SOBRE AS COLETAS

1. Deus já revelou a regra do julgamento
2. Cada um será julgado segundo a sua generosidade para com os pobres

SEGUNDO SERMÃO NO NATAL DO SENHOR

1. Convite à alegria. Plano secreto de Deus para restaurar a dignidade do homem e humilhar o diabo
2. Realização desse plano em Jesus, cujo nascimento singular traz o remédio a nossas almas enfermas e lhes dá vigor novo
3. A astúcia do demônio frustrada
4. O atrevimento do demônio com relação a Cristo inocente o faz perder todo o direito sobre o conjunto dos homens
5. Exortação moral
6. Crítica contra os que veneram os astros

TERCEIRO SERMÃO NO NATAL DO SENHOR

1. Dificuldade para falar apropriadamente do mistério da encarnação. Como as duas naturezas se uniram em Jesus

2. Relação do Filho encarnado com o Pai: ele lhe é inferior segundo sua humanidade, e igual segundo sua divindade
3. Incapacidade da lei antiga para nos salvar; a realidade da redenção trouxe aos seus ensinamentos os complementos necessários
4. Resposta aos que se queixam da demora da encarnação
5. Exortação moral: imitar a Deus

QUARTO SERMÃO NO NATAL DO SENHOR

1. A encarnação é o ápice das obras divinas; seus anúncios proféticos
2. Incapacidade do homem decaído para levantar-se por suas próprias forças; recordação de sua queda e de sua condenação
3. A encarnação é o remédio divino que Deus nos deu e que o batismo nos aplica
4. Erro e depravação dos maniqueus
5. Os outros erros referentes a Cristo têm uma parte de verdade; o dos maniqueus não tem nenhuma
6. Exortação moral: guardar a verdadeira fé

PRIMEIRO SERMÃO SOBRE A QUARESMA

1. História e razão da prática do jejum
2. Tempo privilegiado para a prática da virtude
3. Tempo de um serviço mais intenso do Senhor
4. Na quaresma, entremos na arena para a luta
5. Estágio em que combatemos pelo jejum

SEGUNDO SERMÃO SOBRE A QUARESMA

1. O fim da quaresma é proporcionar aumento da prática religiosa
2. Tempo favorável à salvação
3. As tentações provam a dualidade das naturezas em Jesus
4. A palavra de Deus nos alimenta para a vida eterna
5. Tempo propício para o treinamento nas virtudes

TERCEIRO SERMÃO SOBRE A QUARESMA

1. Tempo de limpar e enfeitar a casa por dentro
2. É necessária vigilância constante
3. Tempos de reconciliação

QUARTO SERMÃO SOBRE A QUARESMA

1. O maior e mais sagrado dos jejuns
2. O verdadeiro sentido do jejum: afastar-se da iniquidade
3. Estai atentos contra as artimanhas do demônio
4. Como os maniqueus são enganados pelo demônio
5. Acautelai-vos contra os que dissimulam sua incredulidade
6. Objetivo das advertências: preparar os fiéis para as obras de misericórdia

QUINTO SERMÃO SOBRE A QUARESMA

1. Extrema vigilância para não se deixar seduzir pelos desejos e ilusões
2. Vicissitudes e ambigüidades põem em perigo a prática das virtudes
3. Os exercícios da quaresma são necessários a todos
4. Cada um é um ministro de Deus

SEXTO SERMÃO SOBRE A QUARESMA

1. Tempo oportuno para um exame mais atento dos vícios, das doenças e das feridas para lhes aplicar remédio eficaz
2. O jejum deve estar aliado à supressão dos vícios e à prática das obras de bondade
3. Quaresma é tempo do perdão mútuo para alcançarmos o perdão divino

SÉTIMO SERMÃO SOBRE A QUARESMA

1. É tempo de preparar os caminhos do Senhor
2. A unidade dos caminhos da verdade e da misericórdia, da fé e da caridade
3. Quais os princípios que presidem o julgamento divino
4. Deus será misericordioso com os humildes e com os clementes

OITAVO SERMÃO SOBRE A QUARESMA

1. Jejuns inúteis daqueles que não se alimentam da verdadeira carne de Cristo
2. Unidade indissolúvel do Verbo e da carne de Cristo
3. Abster-se das mentiras e da perversa opinião dos heréticos para professar a verdadeira fé
4. Aquele que perdoa será liberto das tentações e do mal

NONO SERMÃO SOBRE A QUARESMA

1. O mais solene dos mistérios cristãos, a páscoa, exige profunda preparação
2. Demonstrações contra o maniqueísmo e apolinarismo
3. As obras de piedade como o perdão das ofensas, o socorro aos necessitados enriquecem o jejum

DÉCIMO SERMÃO SOBRE A QUARESMA

1. A universalidade dos fiéis e cada um em particular formam o Templo de Deus
2. Não há lugar para os vaidosos, soberbos, invejosos, luxuriosos na assembléia dos santos
3. Os frutos da caridade são sinais da presença de Deus na vida dos fiéis
4. Celebrar a Páscoa do Senhor é buscar a perfeição, perdoar as ofensas, libertar os prisioneiros
5. A devoção que mais agrada ao Senhor: dedicação aos pobres

DÉCIMO PRIMEIRO SERMÃO SOBRE A QUARESMA

1. Nem o mais santo e mais piedoso está livre das ciladas e das tentações
2. Usar das coisas deste mundo sem se apegar a elas

3. Nossa redenção tortura o demônio que se vê derrotado pelo poder da cruz
4. Que ninguém apele para sua fraqueza, porque os comandados têm ajuda de quem os comanda
5. Conceder o perdão dos pecados é a mais elevada prática deste tempo
6. Não há lugar na festa pascal para aqueles que não se afastam do ódio e das discórdias

DÉCIMO SEGUNDO SERMÃO SOBRE A QUARESMA

1. O cristão só participa da morte do Senhor e de sua ressurreição quando abandona os vícios e imundícies do pecado
2. A eficácia do jejum mesmo para os mais santos e mais justos
3. A generosidade nas esmolas, a obediência aos mandamentos e o perdão tornam o cristão inocente

SERMÃO SOBRE A TRANSFIGURAÇÃO DO SENHOR

1. A verdadeira fé reconhece Cristo como Deus e homem. A fé de Pedro é recompensada
2. Cristo se transfigurou principalmente para comprovar a verdade e o poder de seu corpo
3. Cristo quis também dissipar o escândalo da cruz e confirmar a esperança da sua Igreja. A transfiguração da Cabeça e dos membros
4. A aparição de Moisés e Elias significava o acordo entre o Antigo e o Novo Testamento
5. A ambição de Pedro não era má, mas desordenada
6. Explicação da palavra: Este é o meu Filho amado
7. Comentário da expressão: “Ouvi-o”
8. Este testemunho do Pai robustece a todos, apesar da própria fraqueza

PRIMEIRO SERMÃO SOBRE A PAIXÃO DO SENHOR

1. A salvação do mundo pela Paixão de Jesus Cristo
2. Deus e o homem neste mistério
3. As manifestações da divindade na paixão do Filho do homem
4. Seu caráter humano querido para a nossa salvação
5. Apóstrofe aos judeus e a Judas. Remitência à quarta-feira seguinte

SEXTO SERMÃO SOBRE A PAIXÃO DO SENHOR

1. Continuação da narração da paixão. Prisão do Senhor
2. Jesus diante do tribunal de Caifás
3. Diante de Pilatos
4. Jesus crucificado
5. Exortação moral: precaver-se contra os embustes do demônio e de seus agentes

OITAVO SERMÃO SOBRE A PAIXÃO DO SENHOR

1. Recordação do sermão anterior. Prisão de Jesus
2. Jesus diante de Pilatos; covardia deste
3. Furor dos judeus
4. Jesus carrega sua cruz
5. Simão carrega a cruz de Jesus
6. Compreender o sentido da cruz
7. Glória da cruz
8. A morte de Jesus nos dá a vida

PRIMEIRO SERMÃO SOBRE A RESSURREIÇÃO DO SENHOR

1. Mortos com Cristo, com ele ressuscitem os fiéis
2. Abreviação dos “três dias”
3. Provas da ressurreição
4. Transformação na carne de Cristo
5. Deve aderir o cristão às coisas celestes
6. Evitar reincidência, após a festa pascal

SEGUNDO SERMÃO SOBRE A RESSURREIÇÃO DO SENHOR

1. A carne de Cristo, mistério e exemplo
2. O Verbo assume nossa natureza para redimi-la
3. Mortos com Cristo, com ele ressuscitados. O Senhor continuamente nos conforta na terra e convida-nos para a glória
4. Virtude e exemplo da cruz
5. Tender para os bens celestes. Conservar a fé nas duas naturezas de Cristo
6. A “passagem” de Cristo é preparação de nosso trânsito à pátria celeste
7. Não participe da festa pascal quem nega em Cristo a natureza humana

PRIMEIRO SERMÃO NA ASCENSÃO DO SENHOR

1. Cristo ressuscitado aparece e a dúvida dos discípulos confirma a fé
2. Importantes ações de Cristo nesses dias
3. As chagas confirmam os corações vacilantes dos discípulos
4. A ascensão enche de alegria aqueles que a morte fizera tímidos e a ressurreição deixara na dúvida

SEGUNDO SERMÃO NA ASCENSÃO DO SENHOR

1. A ascensão é nossa alegria; aumenta-nos a fé e a esperança
2. Cristo subiu aos céus para nos tornar capazes da bem-aventurança. O que era visível, agora passou para os mistérios
3. Fé de tal modo fortificada pela ascensão, que nenhum tormento pôde superar, mesmo nas crianças
4. Maior “presença” pela divindade após a ascensão. Significado das palavras dos anjos

5. Peregrinos, como nos estimula a ascensão de Cristo, desprezemos as coisas terrenas, e aproximemo-nos, enriquecidos pela caridade, de Cristo

PRIMEIRO SERMÃO DE PENTECOSTES

1. Pentecostes em o Novo e Antigo Testamento

2. Instruídos de modo admirável os discípulos

3. Perfeita igualdade das três Pessoas

4. Erros dos macedonianos

5. O Espírito santificador, na Igreja

SEGUNDO SERMÃO DE PENTECOSTES

1. Instrução tanto para os neófitos, como para os espirituais

2. Perfeita igualdade nas Pessoas da Santíssima Trindade, embora haja atributos peculiares em cada uma

3. O Espírito Santo foi dado também no Antigo Testamento

4. Dado aos apóstolos, o Espírito Santo implora por nós

5. Não estavam em condições de compreender

6. Refutação dos maniqueus

7. É vão afirmar que a Igreja não possuía o Espírito Santo antes da aparição de Manes

8. Quem nega a carne de Cristo, também há de negar que o Espírito foi dado à Igreja

9. O jejum é um dom do Espírito

TERCEIRO SERMÃO DE PENTECOSTES

1. Superabundância de dons

2. Atribuições na obra de nossa redenção

3. Em nada são atingidas a igualdade e a consubstancialidade

4. Nada de semelhante na criação. Igualdade na Trindade

5. Alegria dos discípulos por causa da ascensão

6. Três Pessoas, uma essência, uma operação

SERMÃO OU TRATADO CONTRA A HERESIA DE ÊUTIQUES

1. Denúncia dos propagadores da heresia em Roma e advertência contra eles

2. A existência das duas naturezas em Jesus

3. Excomunhão dos fautores de erro e exortação a perseverar na verdadeira fé

TOMO A FLAVIANO

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 40, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos e suas obras conhecidos, tradicionalmente, como “Padres da Igreja”, ou “Santos Padres”. Esse movimento, liderado por Henri de LUBAC e Jean DANÉLOU, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje com mais de 300 títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras destes autores antigos, pouco se fez. Paulus Editora procura, agora, preencher este vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para se rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. Paulus Editora quer assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzidos e preparados, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar anotações excessivas, as longas introduções estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém, séria.

Cada autor e cada obra terão uma introdução breve com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos, devem-se ao fato que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e padres ou pais da Igreja. O termo patrologia designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga incluindo também obras de escritores leigos. Por patrística se entende o estudo da doutrina, as origens dessa doutrina, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico e pela evolução do pensamento teológico dos pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística” para indicar a doutrina dos Padres da Igreja, distinguindo-a da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”, da “teologia simbólica” e da “teologia especulativa”. Finalmente, “Padre ou Pai da Igreja” se refere a um escritor leigo, sacerdote ou bispo, da antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunho particularmente autorizado da fé. Na tentativa de eliminar as

ambigüidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e antiguidade. Mas, os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e antiguidade são ambíguos. Não espere o leitor encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, a Igreja Latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, a Igreja grega, a antiguidade se estende um pouco mais até a morte de s. João Damasceno (675-749).

Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes, e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda tradição posterior. O valor dessas obras que agora Paulus Editora oferece ao público, pode ser avaliado neste texto: “Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim, arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar este fim. (...) Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual” (B. Altaner; A. Stuiber, Patrologia, S. Paulo, Paulus, 1988, pp. 21-22).

A Editora

INTRODUÇÃO

1. *Origem e ascensão*

Criado e formado em Roma, aquele que foi cognominado o “Grande”, devido à sua intensa e efetiva atividade, nasceu, provavelmente na Toscana. Apesar de sua celebridade, a história nada nos informa sobre sua família, infância e juventude. Contudo, se levarmos em conta sua educação, devemos concluir que pertencia a uma família de alta condição social.

Por volta de 420-430, tornou-se diácono. Já, nesta época, era muito estimado, influente e se destacava como líder, ocupando lugar preponderante entre os clérigos de Roma. Assim exercia considerável influência nos negócios da Igreja. “Teve relações de amizade com são Próspero de Aquitânia e com Cassiano, fundador da célebre abadia de S. Vítor em Marselha; deste, que ele exortara a escrever o “De Incarnatione Domini” contra os nestorianos, recebeu Leão este elogio verdadeiramente singular para um simples diácono: “Honra da Igreja e do sacro ministério”.¹

Quando o papa Sixto III morreu, o diácono Leão se encontrava nas Gálias em missão política a fim de resolver um entrevero entre o patrício Aécio e o prefeito do pretório, Albino. Nas palavras de João XXIII, “foi, então, que a Igreja de Roma pensou que não se podia confiar o poder de Vigário de Cristo a homem melhor que o diácono Leão, que já se revelara tanto teólogo seguro como fino diplomata. Recebeu, pois, a sagração episcopal a 29 de setembro de 440, e o seu pontificado foi um dos mais longos da antigüidade cristã, e indubitavelmente um dos mais gloriosos”.² Eram tempos difíceis tanto para a Igreja quanto para o império em decadência. Hordas de bárbaros atacavam e invadiam os territórios romanos. Internamente, reapareciam antigas heresias, surgia o monofisismo e a política de Bizâncio que visava a suplantiar a velha Roma.

2. *Homem de ação*

Leão Magno era dotado daquilo que hoje se chama “senso da administração”. Empreendedor, empenhou-se, inteiramente, por salvaguardar a unidade da Igreja e proteger o povo romano da carnificina que os invasores costumavam executar. Neste sentido, moveu-se no plano político para salvar seus concidadãos das desgraças de cair nas mãos dos hunos e vândalos. Por esta razão, em 452 foi ao encontro de Átila, “o Flagelo de Deus”, em Mântua, negociando sua retirada da Itália, evitando que, na seqüência, Roma fosse tomada e ocupada. Três anos mais tarde, 455, suas negociações junto a outro invasor, Genserico, não alcançaram o mesmo sucesso: embora conseguisse que este general poupasse as vidas dos romanos, não evitou que Roma fosse, por quinze dias, pilhada.

No interior da Igreja, aplicou toda a sua solicitude através das pregações, nas intervenções anti-heréticas, na organização da liturgia e da vida monástica. Sua luta pela unidade e ortodoxia foi marcada por combate sem tréguas contra os hereges, perseguindo os maniqueus,³ os pelagianos⁴ e os priscilianistas.⁵ Para isso, apesar de sua diplomacia, não hesitou em apelar para a proteção das forças do império (*Epist.* 7; 11; 15). Assim, interveio para salvar a ordem na Igreja setentrional, na manutenção da disciplina eclesiástica. Com a mesma finalidade, suprimiu a liberdade das igrejas da Gália, aprovou os atos do concílio de Calcedônia (451), exceto o cânone que concedia à sede de Constantinopla prerrogativas de igualdade à sede romana. Em troca destes favores, concedeu aos imperadores o direito de convocar os concílios ecumênicos e de nomear presidentes sinodais (*Epist.* 29; 33; 34). Contudo, sempre reservou as questões de fé unicamente às autoridades eclesiásticas (*Epist.* 115).

Por tudo o que realizou passou para a história como o defensor da civilização ocidental e, ao lado

de Gregório I, também cognominado Magno (590-604), é considerado o maior papa da antiguidade cristã. A partir de sua atividade papal, a autoridade temporal e política da Igreja cresceu enormemente. Leão Magno morreu aos 10 de março de 461, venerado como santo. Bento XIV, em 1754, acrescentou-lhe ainda o título de “Doutor da Igreja”.

3. *Escritos e doutrina*

Os escritos de Leão Magno são de três gêneros distintos: sermões, cartas e textos litúrgicos, embora não se saiba provar, precisamente quais destes últimos lhe pertencem. Os sermões são quase sempre ligados ao contexto litúrgico enfatizando o aspecto soteriológico da cristo-logia, falando da presença de Cristo, Senhor e Salvador.

O *Sacramentum leonianum* (chamado também *veronense*, por se encontrar em Verona) é obra de colecionador elaborada pelos fins do século VI. Tomando por referência básica um calendário romano, o autor reuniu os formulários de orações provindas dos séculos V e VI, de diversos livros litúrgicos dos sacramentos, usados nas igrejas romanas. Atribui-se a ele a supressão da confissão pública, substituindo-a pela confissão secreta e a extensão do celibato aos subdiáconos. Na carta dirigida aos bispos da Itália, ordena “que não confirmem o *batismo* a não ser na Páscoa e no Pentecostes, salvo em caso de emergência” (*Epist.* 168,1). Quanto à *penitência*, julga que a mediação da Igreja só é necessária para os “culpados de pecado mortal”. Na *Carta* 168,2, repreende os abusos introduzidos em algumas igrejas de manifestar, publicamente, até mesmo os pecados secretos, sem o consentimento dos penitentes públicos. Mostra-se contra a proclamação dos pecados confessados em segredo, especialmente, antes da imposição da penitência pública. Quanto ao *primado* do bispo de Roma, diz, na *Carta* 65,2, que “por causa de Pedro, o bem-aventurado príncipe dos apóstolos, a santa Igreja romana possui a primazia (*princi-patus*) sobre todas as Igrejas do mundo inteiro”. Assim, destaca o ministério universal do bispo de Roma, vigário e herdeiro de Pedro, garante da integridade da Igreja, tanto no plano da comunhão dos sacramentos quanto no da sociedade dos santos (cf. *Epist.* 80,2; 108,20; 14,11; 5,2; 6,1; 12,2). O poder e a autoridade conferidos a Pedro, segundo Leão, estão ativos e vivos “in sede sua” (i. é, na Igreja romana) e esta dignidade não é diminuída nem mesmo num sucessor indigno. Para Leão Magno, o papa é concebido como herdeiro legítimo de Pedro, unido de modo singular a Cristo. Por isso só ele garante a integridade da Igreja. A partir desse princípio, desenvolve, à maneira romana, a doutrina concernente à trilogia Cristo-Pedro-Papa. Esta é, sem dúvida, a razão de suas referências freqüentes, em contexto litúrgico, da presença de Cristo, Senhor e Salvador, na Igreja, unido intimamente a ela. Esta é a “comunhão dos santos” construída e alimentada pelos sacramentos.

Entre suas Cartas, deve-se destacar a *Epístola* 28, conhecida como *Tomus ad Flavianum*, de 449.⁶ Nela repudia o monofisismo de Êutiques e expõe a doutrina de uma só pessoa e duas naturezas, em Cristo. O bispo de Constantinopla, Flaviano, havia condenado Êutiques. Mas em 449, em desacordo com Flaviano, reuniu-se, em Êfeso, um concílio em favor de Êutiques. Como o papa já havia tomado posição contra Êutiques, exposta justamente no *Tomo a Flaviano*, chamou ele este concílio de “Concílio de ladrões”. Estes acontecimentos provocaram a convocação do concílio de Calcedônia, em 451, o qual adotou as fórmulas de Leão Magno expostas no *Tomo a Flaviano*, isto é, proclamou como dogma de fé a unidade de pessoa e dualidade de natureza, em Cristo. A doutrina básica do papa assumida pelo concílio de Calcedônia é de que as duas naturezas, a divina e a humana, existem em Cristo sem mistura alguma. A unidade de pessoa permite, em Cristo, a comunicação dos idiomas: o Senhor é, portanto, “visível” e “invisível”, “compreensível” e “incompreensível”, “passível” e “impassível”.

Nas *Cartas* 102-106 e 114, Leão Magno felicita as autoridades orientais e os Padres que participaram do concílio. Na *Carta* 124, adverte os monges palestinos a que aceitem plenamente as decisões do concílio de Calcedônia e, na *Carta* 165, além de defender as decisões conciliares, mostra que elas estão conforme a fé de Nicéia e a tradição católica.

Das 173 *Cartas*, 20 mais ou menos são apócrifas. A maior parte delas consiste em documentos da chancelaria romana revelando as inúmeras medidas e decisões do papa sobre o governo da Igreja. Das *Cartas*, só publicamos aquela dirigida ao bispo de Constantinopla, Flaviano, que de-terminou, na história da teologia, a dogmática cristológica.

Dos 96 *Sermões*, escolhemos aqueles que julgamos mais representativos do pensamento de São Leão Magno, para este volume. A disposição seqüencial dos sermões obedece ao ciclo litúrgico anual, em que foram proferidos.

O *Sermão* era, no cristianismo antigo, um dever dos bispos. Diferente da *Homilia*, que é mais um comentário dos textos das Escrituras lidos nas assembléias e nas celebrações litúrgicas, o *Sermão* é uma pregação dirigida aos fiéis com o fim de lhes transmitir um ensinamento dogmático ou moral, exortando-os a segui-lo. Frequentemente, Leão Magno aproveita os *Sermões* para esclarecer os fiéis sobre as discussões teológicas do momento, ora sobre o maniqueísmo, ora sobre os priscilianistas, ora sobre o monofisismo, ora sobre os pelagianos. Após 529, os sacerdotes receberam autorização para pregar os Sermões. Nos séculos XI e XII, monges, eremitas e cônegos tinham também o poder de pregar, no que foram seguidos, no século XII, pelos frades menores franciscanos e pelos frades pregadores, dominicanos, que se especializaram na pregação das Quaresmas, dos Adventos e das festas religiosas, especialmente as da Virgem Maria. Mais tarde, em face à Reforma protestante, para a qual todo cristão é sacerdote, eliminando a distinção efetiva entre clero e leigo e todos os batizados podem pregar a Palavra de Deus, o Concílio de Trento (1564) fixou a obrigação dos párocos de instruir os fiéis todos os domingos e dias de festas, explicando-lhes o Evangelho do dia. No século XIX, Lacordaire renovou a pregação das Quaresmas da catedral Notre-Dame de Paris dando-lhes a forma de conferência. Em nosso século, o concílio Vaticano II (1962-1965) recomenda a homilia como explicação das leituras bíblicas que são lidas nas celebrações, expondo aos fiéis os mistérios de fé e das normas da vida cristã.

Os Sermões de São Leão Magno I têm ainda muito daquele querigma isto é, da proclamação da Boa-nova difundida pelos apóstolos, anunciando que Cristo interveio em nosso favor, trazendo a misericórdia, o perdão e a salvação. O querigma não é um simples anúncio histórico de um evento acontecido outrora. É esse mesmo evento (morte e ressurreição de Cristo) apresentado e vivido na fé pela comunidade como realidade presente: ação salvífica de Deus, em Cristo, por obra do Espírito Santo que está presente na “palavra” anunciada pelo apóstolo. Por isso, os ouvintes do querigma não podem permanecer indiferentes. São convidados a se converter e a crer. É esse mesmo apelo veemente que sai dos *Sermões*. Por esta razão, São Leão se preocupa em apresentar a doutrina de maneira clara, mas firme, sempre de acordo com a tradição dos antepassados. Faz-se defensor ferrenho da cristologia das duas naturezas na unidade de pessoa.

1. De vita et rebus gestis S.L.M., em PL 55, 187 B (trad. de D. Bernardo Botelho Nunes, O.S.B.).

2 JOÃO XXIII, “Aeterna Dei sapientia”, em Revista Eclesiástica Brasileira 22, 1962, p. 191.

3 O maniqueísmo é uma seita de salvação com vocação universal. Sua doutrina é um dualismo radical formado com empréstimos das mitologias mazdeanas, gnósticas, cristãs e budistas. O mundo atual é o lugar onde se enfrentam dois princípios: as parcelas de Luz procuram se desprender das trevas e da matéria. Para lembrar às almas suas origens e sua destinação luminosa, Deus enviou os profetas, dos quais, o último é Mani. Perseguido pelo mazdeísmo, judaísmo, cristianismo, assim mesmo sobreviveu até a Idade Média, através dos cátaros.

[4](#) rata-se dos seguidores de Pelágo, monge bretão, que viveu por volta de 360. Sua doutrina defende a excelência da criação de Deus e o livre-arbítrio a respeito do pecado original e da graça. Foi combatido por Agostinho e condenado por vários concílios africanos e pelo de Éfeso, em 431.

[5](#) Seguidores de Prisciliano, um leigo de alta condição e de notável capacidade. Por volta de 370-375, começou a pregar, na Espanha, uma doutrina ascética muito rígida, que teve grande sucesso, mas provocou a hostilidade de alguns bispos, especialmente, de Idázio e de Itácio. Estes não se deram por satisfeitos de verem Prisciliano condenado e decapitado por acusação de magia negra. Foi o primeiro heresiarca executado pelo poder secular. Embora condenado pelos concílios de Saragoça, em 380, de Bordeaux, em 384 e, finalmente, de Toledo, em 400, o priscilianismo sobreviveu na Espanha do Norte até o final do século V. Para uma visão mais completa destas e outras heresias surgidas até o século VII, cf. R. FRANGIOTTI, História das heresias (sécs. I-VII): conflitos dentro do cristianismo, Paulus, 1995.

[6](#) A Carta a Flaviano constitui o último texto deste volume.

BIBLIOGRAFIA

- AMANN, St., “Léon le Grand”, em *Dictionnaire de Théologie Catholique* IX, 631-659.
- CAMELOT, Th. “Saint Léon le Grand sucesseur de saint Pierre”, em *Vie Spirituelle*, novembro 1961, pp. 521-529.
- DOLLE, Dom R., “Les idées morales de saint Léon le Grand”, em *Mellanges de Sciences Religieuses*, Lille, 1958, pp. 48-84.
- L’Entré das le Carême avec saint Léon le Grand”, em *Assemblées du Seigneur*, Abbaye de Saint-André, Bruges, 1962.
- DUVAL, Y., *Sacramentum et mysterium chez saint Léon le Grand*, Lille, 1959.
- GÉLINEAU, J. (org.) *Em vossas assembléias* I-II, Paulus, S. Paulo, 1973-1974.
- HUDON, G., *La perfection chrétienne d’après les sermons de saint Léon le Grand*; col. “Lex orandi”, Paris, 1958.
- JALLAND, T., *The Life and Times of St. Leo the Great*, Londres, 1941.
- LAURAS, A., “Saint Léon et la Tradition”, em *Recherche de Science Religieuse*, 1960, pp. 166-184; “Études sur saint Léon le Grand”, em *ibidem*, 1961, pp. 481-499 (resenha bibliográfica).
- LECLERCQ J., *Introduction des Sermons de Saint Léon*, t.I, Sources Chrétiennes 22, Paris, Ed. du Cerf, 1964.
- LÉON MAGNO, San, *Homilias sobre el año litúrgico*, BAC 291, Madrid, 1969.
- MCSHANE, P. A., *La Romanitas et le Pape Léon le Grand*, Paris, 1979, (obra fundamental para as relações com a cultura romana).
- REVIÈRE, J., “Le dogme de la Rédemption d’après saint Augustin et saint Léon le Grand”, Em *Revue de Science Religieuse*, Estrasburgo, 1929, pp. 17-42; 153-187.
- SOOS, M. B. de, *Le mystère liturgique d’après st. Léon le Grand*, Montreal, 1958.
- ULLMANN, W., “Leo I and the Theme of Papal Primacy”, em *Journal of Theology Studies*, 1960, pp. 25-51.

PRIMEIRO SERMÃO SOBRE AS COLETAS⁷

Em diversas oportunidades, as Sagradas Escrituras nos ensinam como é grande o mérito e a eficácia das esmolas. Com efeito, é comprovado que cada um de nós alivia sua alma sempre que, movido pela misericórdia, vai ao encontro da indigência do outro. Portanto, caríssimos, a nossa liberalidade deve ser fácil e imediata se pensarmos que cada qual dá a si mesmo aquilo que proporciona aos indigentes. Com efeito, aquele que alimenta o Cristo presente no pobre, constrói seu tesouro no céu. Reconhece, pois, neste fato, a bondade e o favorecimento da ternura divina que desejou te cumular de bens para que, graças a ti, o outro não passe necessidade e pelo serviço de tuas boas obras o indigente não se preocupe demasiado com sua pobreza, e tu próprio sejas libertado dos teus múltiplos pecados. Ó admirável providência e bondade do Criador que, com uma só ação, quis socorrer a um e a outro.

O próximo domingo será, pois, um dia de coletas. Exorto-vos e advirto vossa santidade para que cada um de vós se lembre dos pobres e de vós mesmos e que, na medida de vossas possibilidades, reconheçais o Cristo nos indigentes; ele, com efeito, nos recomendou de tal modo os pobres que declarou ser vestido, acolhido, alimentado neles. Ele, o Cristo, nosso Senhor, que vive e reina com o Pai e o Espírito Santo, pelos séculos dos séculos.

⁷ De origem latina, o termo “coleta” indica a colheita ou o recolhimento de dinheiro ou outras espécies entre as pessoas especialmente para fins beneficentes. Nos Sermões de s. Leão Magno, é um apelo ao exercício da misericórdia, uma exortação para que o cristão esteja comprometido com esse exercício, a se empenhar com maior generosidade na oferta de seus recursos para os necessitados. Nestes Sermões, s. Leão mostra a grandeza, a dignidade e a eficácia das esmolas: sacia a fome do pobre e do indigente; alivia a consciência e apaga os pecados aos que doam.

SEGUNDO SERMÃO SOBRE AS COLETAS

Caríssimos, o mandamento que vos ensinamos e no qual exortamos como pastor vos é conhecido e familiar: que estejais comprometidos com o exercício da misericórdia. Ainda que isto nunca tenha sido negligenciado por vossa santidade, agora, todavia, deveis vos empenhar com maior presteza e maior generosidade: porque o primeiro dia das coletas, instituição muito salutar que remonta aos santos Padres, exige que cada qual, na medida que prometeu e que lhe é possível, ofereça parte de seus recursos para as necessidades e para a alimentação dos pobres. Vós sabeis que, além do batismo da regeneração, no qual foram lavadas as manchas do pecado, nos foi divinamente concedido este remédio para a fraqueza humana: qualquer culpa contraída durante a permanência terrestre é apagada pelas esmolas. Com efeito, as esmolas são obras de caridade e sabemos que “a caridade cobre uma multidão de pecados” (1Pd 4,8). Por conseguinte, caríssimos, preparai cuidadosamente, para a próxima segunda-feira, vossas doações voluntárias, a fim de que possais reencontrar multiplicados na vida eterna os bens temporais de que vos despojareis.

TERCEIRO SERMÃO SOBRE AS COLETAS

Caríssimos, é próprio da piedade cristã perseverante conservar com fiel devoção as instituições que recebemos da tradição dos Apóstolos. Porque os bem-aventurados discípulos da verdade, transmitindo esta doutrina sob inspiração divina, recomendaram que, todas as vezes que a cegueira dos pagãos os conduzisse com maior intensidade às suas superstições, o povo de Deus perseverasse ainda mais devotamente nas orações e nas obras de caridade. Pois, na verdade, quanto mais os espíritos imundos se alegram com o erro dos pagãos, tanto mais se sentem derrotados pela observância da verdadeira religião e, assim, o crescimento da justiça con-some o autor da maldade. Contra suas intervenções impie-dosas e sacrílegas, para que elas não causassem nenhuma poluição aos corações consagrados a Deus, o divino Mestre dos povos precavia, quando com sua palavra apostólica afirmava: “Não formeis parelha incoerente com os incrédulos. Que participação pode haver entre a justiça e a impiedade? Que união pode haver entre a luz e as trevas?” (2Cor 6,14). E acrescentou, em seguida, servindo-se das palavras do profeta inspirado: “Saí do meio de tal gente, e reparai-vos, diz o Senhor. Não toqueis no que é impuro” (ib. 17).

Foi, pois, muito providencial que, para destruir as ciladas do antigo inimigo, tenha sido instituída na santa Igreja a primeira coleta, no mesmo dia em que os infiéis a serviam ao diabo sob o nome de seus ídolos: queremos, pois, que vossa caridade se reúna na terça-feira em todas as igrejas de vossas regiões, trazendo cada um a oferta voluntária de suas esmolas. Ainda que a possibilidade de cada um não seja igual neste ano, que sua dedicação seja sem diferença: com efeito, a generosidade dos fiéis não é medida pelo peso do dom, mas pela intensidade da boa vontade. Que os pobres também tenham ganho neste intercâmbio de misericórdia e, que eles, sem serem prejudicados, escolham do pouco que possuem alguma coisa que possam dar aos indigentes. Que o rico seja mais generoso em sua oferta, sem que o pobre se sinta inferior em sua disposição. Na verdade, embora se espere maior rendimento de uma semente maior, pode resultar também de semeadura fraca numerosos frutos da justiça. Com efeito, nosso juiz é justo e veraz: não priva ninguém da recompensa devida aos méritos. Assim, ele quer que nós cuidemos dos pobres, a fim de que, no exame da retribuição final, o Cristo nosso Deus outorgue a misericórdia prometida aos misericordiosos. Ele que vive e reina com o Pai e o Espírito Santo, pelos séculos dos séculos. Amém.

QUARTO SERMÃO SOBRE AS COLETAS

1. Advertência contra as artimanhas do demônio que procura anular a fé ou as obras

Caríssimos, a misericórdia e a justiça de Deus nos foram desveladas e explicadas, em sua grande bondade, pelo ensinamento de nosso Senhor Jesus Cristo, quais recompensas ele reservou, desde a criação do mundo para atribuir àqueles que, acreditando nas coisas futuras, já as aceitassem como realizadas.

Nosso Redentor e Salvador sabia, com efeito, quantos erros a falsidade do diabo havia semeado em todo o mundo e que grande parte do gênero humano ele submeteu à inúmeras superstições. Mas, para que a criatura formada à imagem de Deus, por ignorância da verdade, não fique jogada por mais tempo nos abismos da morte eterna, inseriu nas páginas do evangelho a maneira de seu julgamento, a fim de desviar através disso o homem das insídias do mais ardiloso inimigo: porque, a partir daí ninguém mais ignoraria tanto as recompensas que poderiam ser esperadas pelos bons, quanto os castigos que deveriam ser temidos pelos maus. Este provocador e pai do pecado, a princípio, bastante orgulhoso para cair, em seguida invejoso bastante para prejudicar, não tendo permanecido na verdade, pôs toda a sua força na mentira, fazendo sair desta fonte envenenada de suas artimanhas todos os gêneros de decepções: desta forma ele desejou excluir da bondade humana a esperança daquele bem que perdeu pelo próprio orgulho, arrastando para uma condenação comum aqueles com quem ele não podia dividir a reconciliação. Portanto, se um homem, qualquer que seja, ofende a Deus por qualquer tipo de pecado, é porque ele foi arrastado pelo engano deste inimigo e pervertido pela sua malícia. Com efeito, para ele é fácil induzir à qualquer devassidão aqueles que enganou, sob o pretexto da religião. Sabendo, porém, que Deus pode ser negado não só por palavras como também por atos, ele destruiu o amor naqueles nos quais ele não pôde anular a fé; e, uma vez ocupado o campo do seu coração pelas raízes da avareza, privou do fruto das obras aqueles que não pôde privar da proclamação da fé.

2. Sabendo como será o julgamento, o cristão deverá usar de misericórdia e ser generoso para com os pobres

Caríssimos, por causa das artimanhas do antigo inimigo, a bondade inefável de Cristo quis que soubéssemos como será o julgamento da humanidade inteira, no dia da retribuição, de modo que, oferecendo no tempo presente os remédios legítimos, não recusando oferecer a reparação aos que caíram, permitindo-lhes, àqueles que há muito eram estéreis, pudessem finalmente tornar-se fecundos, ele decide desta forma prevenir o exame decretado por sua justiça, não permitindo jamais que a imagem do julgamento divino se afaste dos olhos do coração. Com efeito, o Senhor virá na glória de sua majestade, como ele mesmo predisse, e, uma multidão incontável de legiões angélicas o acompanhará, radiante de esplendor. Os povos de todas as nações serão reunidos diante do trono de seu poder e todos os homens nascidos ao longo dos séculos sobre a face da terra se prostrarão na presença do juiz. Os justos serão separados dos injustos; os inocentes, dos culpados; os filhos da misericórdia receberão o reino preparado para eles, apuradas as suas boas obras, enquanto será recriminada aos injustos a dureza de sua esterilidade; e os da esquerda, nada tendo a ver com os da direita, serão enviados, pela condenação do juiz todo-poderoso, ao fogo preparado para os tormentos do diabo e de seus anjos: eles serão associados à pena daquele de quem escolheram fazer a vontade. Portanto, quem não temeria participar destes tormentos eternos? Quem não teria medo dos males que jamais terminarão?

Mas, a severidade uma vez anunciada para que se procure a misericórdia, compete a nós, nos dias

atuais, exercer esta misericórdia com generosidade para que cada um, retomando a prática das boas obras, depois de perigosa negligência, torne possível libertar-se desta sentença. Com efeito, é pelo poder do juiz, pela graça do Salvador que o ímpio abandona seus caminhos e que o pecador se afasta do hábito da sua maldade. Que sejam misericordiosos com os pobres aqueles que querem para si o perdão de Cristo. Que estejam prontos para alimentar os pobres, aqueles que desejam chegar à sociedade dos bem-aventurados. Que o homem não seja vil perante outro homem, nem em algum deles seja desprezada aquela natureza que o Criador fez sua. A qual dos necessitados é permitido negar aquilo que Cristo afirma que é dado a ele mesmo? Ajuda-se o companheiro de trabalho e é o Senhor quem diz obrigado. O alimento dado ao pobre é o preço do reino dos céus e aquele que distribuir os bens temporais, torna-se herdeiro dos eternos. A partir do que se deduz que esses modestos recursos têm um preço tão alto a não ser porque o peso das obras é obtido pela balança da caridade e que quando o homem ama aquilo que agrada a Deus merece ser elevado ao reino daquele de quem ele assume os sentimentos?

3. O que doa aos pobres alcança libertação da condenação

Caríssimos, é para estas obras, portanto, que a instituição apostólica solicita nossa piedosa atenção neste dia em que a primeira destas santas coletas foi, oportunamente, instituída pela prudência dos Padres: porque outrora os povos pagãos se entregavam em épocas semelhantes a um culto mais supersticioso para com os demônios, eles quiseram que a santa oferenda das nossas esmolas fosse celebrada contra as oferendas dos ímpios. Esta prática, revelando-se frutuosa para o progresso da Igreja, pareceu conveniente torná-la uma instituição.

Assim, nós exortamos vossa santidade a trazer na próxima quarta-feira, para as igrejas de vossas regiões, dentre vossos recursos aquilo que aconselha a possibilidade e a vontade, para a distribuição da misericórdia, para que possais merecer a felicidade da qual gozará sem fim “quem pensa no fraco e no indigente” (Sl 40,1). E para percebê-lo, caríssimos, é preciso estar atento com uma incansável caridade, a fim de que possamos encontrar aquele que esconde sua modéstia ou que retém sua vergonha. Com efeito, existem aqueles que coram ao solicitar publicamente aquilo de que precisam e que preferem sofrer mais, em silêncio, sua indigência do que serem confundidos por um pedido público. É preciso pois, percebê-los e satisfazer suas necessidades ocultas a fim de que eles tenham maior alegria nisto do que com a descoberta de sua pobreza e de seu pudor.

Mas, teremos razão de reconhecer no indigente e no pobre a própria pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo que, como diz o Apóstolo, “embora fosse rico, para vos enriquecer com sua pobreza, se fez pobre” (2Cor 8,9). E para que sua presença não nos pareça faltar ele acomodou de tal forma o mistério de sua humildade e de sua glória que nós podemos alimentá-lo nos pobres, ele que nós adoramos como Rei e Senhor, na majestade do Pai: isto nos conseguirá no dia mau a liberação da condenação perpétua, e pelo cuidado dado ao pobre que nós percebemos, seremos admitidos a participar do reino celeste.

4. Evitar e denunciar os heréticos como parte das boas obras

Caríssimos, para que vossa devoção possa em tudo agradar ao Senhor, exortamo-vos também a usar de esperteza para tornar os maniqueus conhecidos de vossos presbíteros, onde quer que eles se escondam. É prova de grande compromisso desvelar os esconderijos dos ímpios e de combater neles o diabo a quem servem. É preciso, na verdade, caríssimos, que toda a terra e toda a Igreja espalhada em todos os lugares, empunhe contra eles as armas da fé; mas vossa entrega a Deus deve transcender nesta missão, vós que na pessoa de vossos antepassados recebestes o evangelho de Cristo da própria boca dos bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo. Não permitamos que fiquem escondidos homens

que não crêem na lei deixada por Moisés, através da qual Deus se mostrou autor do universo; eles contradizem os profetas e o Espírito Santo, ousam rejeitar com impiedade condenável os salmos de Davi cantados fervorosamente pela Igreja inteira; negam o nascimento do Cristo Senhor, segundo a carne; dizem que sua paixão e sua ressurreição foram simuladas, não verdadeiras; o batismo, eles o despojam de toda a graça e eficácia, o batismo de regeneração. Para eles, nada é santo, nada íntegro, nada verdadeiro. É preciso evitá-los para que não façam mal a ninguém; é preciso denunciá-los para que não subsistam em nenhuma parte de nossa cidade. Aquilo que nós ordenamos, aquilo que nós pedimos, ser-vos-á útil, caríssimos, diante do tribunal do Senhor. Com efeito, é digno que na oferta das esmolas se acrescente também a palma desta boa obra; auxiliando-vos em tudo, o Senhor Jesus Cristo, que vive e reina no século dos séculos. Amém.

QUINTO SERMÃO SOBRE AS COLETAS

1. O mais aproveitável para a fé: ajudar os indigentes, cuidar dos doentes e atender as necessidades dos irmãos

Caríssimos, fiéis à instituição que recebemos da tradição dos apóstolos, exortamo-vos com carinho de pastor, a celebrar devotamente, conforme costume religioso o dia que eles purificaram de superstição ímpia e consagraram pelas obras de misericórdia: demonstraram, assim, que a autoridade dos Padres vive ainda no meio de nós e que seu ensinamento é conservado pela nossa obediência. Tal instituição, com efeito, não foi útil somente para atender santamente às necessidades de época passada, mas continua sendo a mesma em nossos dias: outrora, ela serviu para destruir as crenças vãs, agora ela serve para crescimento de nossas virtudes. Na verdade, existe alguma coisa de mais aproveitável para a fé, alguma coisa que convenha melhor à piedade do que ajudar a pobreza dos indigentes, de se preocupar com o cuidado dos doentes, de atender as necessidades dos irmãos e de nos lembrar da nossa própria condição, percebendo as necessidades dos outros? Nesse trabalho aquilo que cada um pode fazer e aquilo que não pode fazer só pode ser verdadeiramente conhecido por aquele que sabe o que doou e a quem. Na realidade, não só temos bens espirituais e dons celestiais porque nos são dados por Deus, como também, as riquezas terrestres e materiais provém de sua própria magnanimidade, de tal modo que, por algum mérito, se poderia perguntar a razão destes bens que ele nos concedeu mais para distribuí-los do que para possuí-los. É preciso, pois, usar esses dons de Deus com justiça e sabedoria, para que a matéria das boas obras não se torne causa de pecado. Com efeito, as riquezas consideradas tanto externamente quanto nelas mesmas, são boas e muito úteis à sociedade humana, desde que estejam em mãos benevolentes e generosas e que não sejam administradas por esbanjador ou por avaro que as dissimule, fazendo-as desaparecer ou escondendo-as de forma que sejam dilapidadas estupidamente.

2. Não são úteis as virtudes aos ricos que não socorrem os pobres

Embora seja louvável fugir da intemperança e evitar os males que causam desejos vergonhosos, de outra parte muitas grandes personagens não se importam de ocultar os seus recursos, e nadando na fortuna, detestam uma economia vil e sórdida; no entanto, a abundância deles não é feliz, nem digna de aprovação à frugalidade dos outros, se os seus bens servem apenas a eles mesmos; se, por suas riquezas nenhum pobre é socorrido, nenhum doente reconfortado; se pela abundância de suas grandes posses o prisioneiro não experimenta a libertação nem o peregrino o conforto; nem o exilado o auxílio. Desta forma, os ricos são mais miseráveis do que todos os miseráveis. Eles perdem, pois, o retorno que poderiam tornar eterno e, enquanto se entregam à uma alegria passageira e nem sempre livre, não são alimentados por nenhuma justiça nem premiados por nenhuma misericórdia; resplandecentes por fora, são trevas por dentro; ricos em bens temporais, pobres dos bens eternos: tornam, com efeito, sua própria alma faminta e a desonram pela nudez porque eles não conseguiram colocar nada nos tesouros celestes daquilo que guardaram nos celeiros da terra.

Mas pode ser que se encontre algum rico que mesmo não tendo o hábito de socorrer os pobres com a riqueza de seus recursos, observa, no entanto, outros mandamentos de Deus e, dentre os diversos méritos de sua fé e de sua honestidade, acreditam que a falta de uma só virtude lhes será facilmente perdoada. No entanto, esta é tão grande que sem ela todas as outras, até reais, não podem ser úteis. Com efeito, embora alguém possa ser fiel, casto, sóbrio e dotado de outras insígnias mais importantes, se entretanto não for misericordioso, não merece misericórdia: pois, assim fala o Senhor: “Bem-aventurados os misericordiosos porque alcançarão misericórdia” (Mt 5,7). Quando,

portanto, vier o filho do homem em sua majestade e sentar-se no trono de sua glória, e todas as nações estiverem reunidas, realizar-se-á a separação dos bons e dos maus, porque os que estiverem à direita serão louvados por seus serviços de amor que Jesus Cristo olhará como feitas a ele mesmo? Pois ele que fez sua a natureza do homem, não se distinguiu em nada da humilde condição humana. Mas, o que ele reprovará aos que estiverem à esquerda senão ter negligenciado o amor, a dureza da humanidade e ter recusado a misericórdia aos pobres? Como se à direita não houvesse outras virtudes e à esquerda não houvesse outras ofensas. Na hora deste grande e supremo julgamento será levada em conta tanto a benignidade daquele que reparte seus bens como a impiedade daquele que é insensível, de modo que será considerada como plenitude de todas as virtudes e a outra a suma de todas as omissões, e assim alguns serão introduzidos no reino por causa de um só bem e outros serão mandados para o fogo eterno por causa deste único mal.

3. As esmolas purificam, apagam os pecados e despedem a morte

Caríssimos, que ninguém se engrandeça se lhe faltarem obras de caridade; nem esteja seguro da pureza de seu corpo, aquele que não se lavar com as esmolas que purificam. Com efeito, as esmolas apagam os pecados, destroem a morte e extinguem a pena do fogo eterno, mas, aquele que estiver vazio de seus frutos, permanecerá estranho à indulgência do retribuinte, de acordo com o que afirma Salomão: “Quem tapa o ouvido ao clamor do pobre também clamará e não terá resposta” (Pr 21,13). Tobias também, ensinando a seu filho os princípios da piedade, dizia: “Toma de teus bens para dar esmola. Nunca afastes de algum pobre a tua face, e Deus não afastará de ti a sua face” (Tb 4,7). Esta virtude torna proveitosas todas as outras; sua presença vivifica a própria fé, da qual o justo se alimenta e sem as obras é considerada morta; porque da mesma forma que as obras encontram sua razão de ser na fé, a fé demonstra sua força através das obras. Como diz o Apóstolo: “por conseguinte, enquanto temos tempo, pratiquemos o bem para com todos, mas, sobretudo para com os irmãos na fé. Não desanimemos na prática do bem, pois, senão desfalecermos, a seu tempo colheremos” (Gl 6,10.9). Assim, a vida presente é tempo de sementeira e o dia da retribuição, o tempo da colheita, quando cada qual receberá os frutos dos grãos de acordo com a quantidade que tiver semeado. Que ninguém se iluda quanto ao rendimento desta colheita, porque aí serão levadas em conta mais as intenções do que as distribuições; e, será dado pouco por pouco como muito por muito.

E, assim, caríssimos, curvemo-nos às instituições dos apóstolos. Como domingo será o próximo dia de coleta, preparai-vos para uma generosidade voluntária, a fim de que cada um, de acordo com suas possibilidades, participe da sagrada oferenda.

As próprias esmolas e aqueles que serão ajudados por elas implorarão por vós, de modo que possais estar sempre prontos para toda boa obra, em Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive e reina pela infinitude dos séculos. Amém.

SEXTO SERMÃO SOBRE AS COLETAS

1. Deus já revelou a regra do julgamento

Caríssimos, através dos ensinamentos divinos, bem como da instituição apostólica, aprendemos que todo homem estabelecido entre os perigos desta vida, deve procurar a misericórdia de Deus pelo exercício da misericórdia. Visto que a esperança poderia reerguer aqueles que caíram, que remédio poderia curar os feridos, se as esmolas não apagassem as faltas, e se as necessidades dos pobres não se tornassem a absolvição dos pecados? Por causa disso, o Senhor afirmara: “Bem-aventurados os misericordiosos porque alcançarão misericórdia” (Mt 5,7); ele mostrou segundo qual regra será feito todo este exame, através do qual, com toda a majestade, ele deverá julgar todo o mundo: assim que estiver esclarecida a questão da qualidade de nossas obras em relação aos pobres, tudo estará preparado para que os ímpios vão arder com o diabo e os bons reinar com Cristo. Neste momento, que ações não serão colocadas diante de todos? Que segredos não serão revelados? Que consciências não serão manifestadas? Aí, verdadeiramente, ninguém se ufanará de possuir coração puro ou de estar livre do pecado. Mas para que a misericórdia seja exaltada acima do julgamento e porque as atitudes de clemência transcendam qualquer retribuição exigida pela justiça, a vida toda dos mortais e seus atos mais diversos serão examinados a partir de regra única, a saber, que não será feita menção alguma de qualquer falta onde, pela decisão do Criador, forem encontradas obras de bondade. Será recriminado aos que estiverem à esquerda aquilo que tiverem feito, e não é porque se lhes mostrará que foram estranhos aos atos de humanidade que estarão isentos de outros pecados; mas, culpados por muitas coisas eles serão condenados, sobretudo por não terem redimido seus crimes, mediante alguma esmola. Com efeito, é o fato de um coração muito duro não se comover por qualquer miséria que seja dos que sofrem, e, aquele que tendo possibilidade de amenizar, não socorre o aflito, é tão injusto quando não socorre o aflito quanto o que oprime o enfermo; que esperança, então pode restar ao pecador se ele não é misericordioso de modo a também ele receber misericórdia?

Caríssimos, eis porque aquele que não é bom para os outros é, antes, mau para si mesmo, prejudicando sua própria alma, não socorrendo a daquele que ele poderia socorrer. A natureza dos ricos e dos pobres é a mesma e entre outras conseqüências da fragilidade humana, nenhuma felicidade dura indefinidamente, porque cada um deve temer aquilo que pode acontecer a alguns. Que o nosso ser mortal, mutável e perecível seja reconhecido em todos os homens, e que por causa desta condição comum, manifesta a estas de sua espécie o amor fraterno; chore com os que choram e junte seus gemidos aos gemidos dos doentes; que ele divida com os pobres suas riquezas; que ele use seu corpo sadio para se inclinar sobre o doente que está possuído pelo mal; separe entre os seus alimentos, uma parte para os famintos e que ele possa aquecer aqueles que tremem de frio. Aquele que, com efeito, ameniza a miséria temporal do sofredor se livra do suplício eterno do pecador.

2. Cada um será julgado segundo a sua generosidade para com os pobres

Caríssimos, foi providencial e piedosa a determinação dos santos Padres, para que em diversos momentos do ano houvesse dias marcados para despertar a devoção do povo fiel para uma coleta pública; pois é em direção da Igreja que vem todo pessoal necessitado de socorro, eles quiseram que os recursos de muitos recolhidos espontânea e santamente, fossem distribuídos aos necessitados pelos chefes das igrejas. Está próximo o dia que vos convida para esta obra produtiva e, acreditamos, desejado por todos; atendendo às nossas exortações para que no próximo sábado possais trazer às igrejas de vossas regiões os dons da misericórdia. E, porque “Deus ama aquele que

dá com alegria” (2 Cor 9,7), ninguém se obrigue a dar além de sua possibilidade. Que cada um seja juiz equilibrado entre si e os pobres. Que uma comiseração alegre e segura descarte qualquer falta de confiança; e, aquele que ajuda ao indigente compreenda que está dando a Deus a esmola que distribui. Todas as riquezas, cuja medida não é uniforme, podem ter o mesmo valor se, apesar de quantidades diferentes, o amor não for menor. Com efeito, Deus, que não faz diferença entre as pessoas, recebe igualmente o dom do rico e do pobre: ele sabe o que outorgou ou não a cada um: no dia da recompensa não é a medida das riquezas que será julgada, mas a qualidade das intenções. Por Cristo, nosso Senhor.

SEGUNDO SERMÃO NO NATAL DO SENHOR

1. Convite à alegria. Plano secreto de Deus para restaurar a dignidade do homem e humilhar o diabo

Caríssimos, deixemo-nos transportar de alegria e demos livre curso ao júbilo espiritual, porque raiou para nós o dia de uma redenção nova, dia longamente preparado, dia de felicidade eterna.

O ciclo do ano nos traz de volta o mistério de nossa salvação, mistério prometido desde o começo dos tempos e concedido no fim, feito para durar sem fim. Nesse dia é digno que, elevando nossos corações, adoremos o mistério divino, a fim de que a Igreja celebre com grande júbilo aquilo que procede de um grande dom de Deus.

O Deus todo-poderoso e clemente, cuja natureza é bondade, cuja vontade é poder e cuja ação é misericórdia, desde o instante em que a malícia do diabo, pelo veneno de seu ódio, nos trouxe a morte, determinou, na própria origem do mundo, os remédios que sua bondade usaria para dar novamente aos mortais seu primeiro estado; ele anunciou, pois, à serpente a descendência futura da mulher, descendência que, com sua força, lhe esmagaria a cabeça altaneira e malfazeja, isto é, Cristo, que viria na carne, designando assim aquele que, ao mesmo tempo Deus e homem, nascido de uma virgem, condenaria, por seu nascimento sem mancha, o profanador da raça humana. Com efeito, o diabo se gloriava de que o homem, enganado por sua astúcia, tinha sido privado dos dons de Deus e, despojado do privilégio da imortalidade, estava sob uma impiedosa sentença de morte; para ele era uma espécie de consolo em seus males ter encontrado alguém que participasse de sua condição de prevaricador; o próprio Deus, segundo as exigências de uma justa severidade, tinha modificado sua decisão primeira a respeito do homem, que ele tinha criado em tão alto grau de dignidade. Era necessário, portanto, caríssimos, que, segundo a economia do desígnio secreto, Deus, que não muda e cuja vontade não pode ser separada de sua bondade, executasse por um mistério mais oculto o primeiro plano de seu amor; e que o homem, arrastado para a falta pela astúcia do demônio, não viesse a perecer, contrariamente ao desígnio divino.

2. Realização desse plano em Jesus, cujo nascimento singular traz o remédio a nossas almas enfermas e lhes dá vigor novo

Caríssimos, tendo-se, pois, cumprido os tempos pré-ordenados para a redenção dos homens, Jesus Cristo, Filho de Deus, penetrou nessa parte inferior do mundo, descendo da morada celeste, sem deixar a glória do Pai, vindo ao mundo de modo novo e por um novo nascimento. Modo novo, porque, invisível por natureza, tornou-se visível em nossa natureza; incompreensível, quis ser compreendido; ele, anterior ao tempo, começou a estar no tempo; senhor do universo, tomou a condição de servo, velando o brilho de sua majestade; Deus impassível, não se dedignou ser homem passível; imortal, aceitou submeter-se às leis da morte. Nascimento novo esse pelo qual ele quis nascer, concebido por uma virgem, nascido de uma virgem, sem que um pai misturasse a isso seu desejo carnal, sem que fosse atingida a integridade de sua mãe. Com efeito, tal origem convinha àquele que seria o salvador dos homens, a fim de que ele tivesse em si o que constitui a natureza do homem e estivesse isento daquilo que mancha a carne do homem. Porque o Pai desse Deus que nasce na carne é Deus, como atesta o arcanjo à bem-aventurada Virgem Maria: “O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com sua sombra; por isso, o Santo que nascer de ti será chamado Filho de Deus”.

Origem dessemelhante, natureza comum: que uma virgem conceba, que uma virgem dê à luz e permaneça virgem é humanamente inabitual e insólito, mas depende do poder divino. Não pensemos

aqui na condição daquela que dá à luz, mas na livre decisão daquele que nasce, nascendo como queria e também como podia. Procurais a verdade de sua natureza? Reconhecei que humana é sua substância. Quereis saber sua origem? Confessai que divino é seu poder. Com efeito, o Senhor Jesus Cristo veio para eliminar nossa corrupção, não para ser sua vítima; para trazer remédio aos nossos vícios, não para ser sua presa. Ele veio curar toda enfermidade, consequência de nossa corrupção, e todas as úlceras que manchavam nossas almas; como ele trazia para nossos corpos humanos a graça nova de uma pureza sem mancha, foi necessário que ele nascesse segundo um modo novo. Foi necessário, com efeito, que a integridade do filho preservasse a virgindade sem exemplo de sua mãe, e que o poder do divino Espírito, derramado sobre ela, mantivesse intato esse recinto sagrado da castidade e essa mansão da santidade, na qual ele se comprazia; porque ele tinha decidido elevar o que era desprezado, restaurar o que estava quebrado e dotar o pudor de uma força múltipla, para dominar as seduições da carne, a fim de que a virgindade, incompatível, nas outras, com a transmissão da vida, se tornasse para as outras graça imitável ao renascerem.

3. A astúcia do demônio frustrada

Mas, o fato, caríssimos, de Cristo ter escolhido nascer de uma virgem não parece ditado por uma razão muito profunda? Isto é, que o diabo ignorasse que a salvação tinha nascido para o gênero humano e, escapando-lhe que a concepção era devida ao Espírito, acreditasse que não tinha nascido diferente dos outros aquele que ele não via diferente dos outros. Com efeito, aquele no qual ele constatou uma natureza idêntica à de todos tinha, pensava ele, uma origem semelhante à de todos; ele não compreendeu que estava livre dos laços do pecado aquele que ele não viu isento das fraquezas da mortalidade. Porque Deus, que, em sua justiça e em sua misericórdia, dispunha de muitos meios para elevar o gênero humano, preferiu escolher para isso a via que lhe permitisse destruir a obra do diabo, apelando não a uma intervenção de poder, mas a uma razão de equidade. Porque, não sem fundamento, o antigo inimigo, em seu orgulho, reivindicava direitos de tirano sobre todos os homens e, não sem razão, oprimia sob seu domínio aqueles que ele tinha prendido ao serviço de sua vontade, depois que eles, por si mesmos, tinham desobedecido ao mandamento de Deus. Por isso não era de acordo com as regras da justiça que ele cessasse de ter o gênero humano como escravo, como o tinha desde a origem, a não ser que fosse vencido por meio do que ele mesmo tinha reduzido à servidão. Para esse fim, Cristo foi concebido de uma virgem, sem intervenção de homem; de uma virgem fecundada não por uma união carnal, mas pelo Espírito Santo. E, enquanto em todas as mães a concepção não se dá sem a mancha do pecado, essa mulher encontrou sua purificação no próprio fato de conceber. Porque onde não intervém o sêmen paterno, o princípio manchado de pecado não vem misturar-se. A virgindade inviolada da mãe ficou isenta da concupiscência e forneceu a substância carnal. O que foi tomado da mãe do Senhor foi a natureza, não a falta. A natureza do servo foi criada sem aquilo que fazia dela uma natureza de escravo, porque o homem novo foi unido ao antigo de modo tal que tomou toda a verdade de sua raça, excluindo o que viciava sua origem.

4. O atrevimento do demônio com relação a Cristo inocente o faz perder todo o direito sobre o conjunto dos homens

Quando, pois, o Salvador misericordioso e onipotente dispunha os primeiros momentos de sua união com o homem, ocultando sob o véu de nossa fraqueza o poder da divindade, inseparável do homem que ele fazia seu, a perfídia de um inimigo seguro de si se viu frustrada, porque ele não pensou que o nascimento da criança gerada para a salvação do gênero humano não lhe estava sujeito como o estava o de todos os recém-nascidos. Com efeito, ele o viu vagindo e chorando, viu-o

envolto em panos, submetido à circuncisão e resgatado pela oferta do sacrifício legal. Mais tarde, reconheceu os progressos normais da infância, e até na idade adulta nenhuma dúvida lhe aflorou sobre o desenvolvimento conforme a natureza. Durante esse tempo, ele lhe infligiu ultrajes, multiplicou injúrias, usou de maledicências, calúnias, blasfêmias, insultos, enfim, derramou sobre ele toda a violência de seu furor e o pôs à prova de todos os modos possíveis; sabendo com qual veneno tinha infectado a natureza humana, ele jamais pôde crer que fosse isento da falta inicial aquele que, por tantos indícios, ele reconhecia por um mortal. Ladrão atrevido e credor avaro, ele se obstinou em levantar-se contra aquele que não lhe devia nada, mas, exigindo para todos a execução de um julgamento geral pronunciado contra uma origem manchada pela falta, ultrapassou os termos da sentença sobre a qual se apoiava, porque reclamou o castigo da injustiça contra aquele no qual não encontrou falta. Tornam-se, por isso, caducos os termos malignamente inspirados na convenção mortal, e, por causa de uma petição injusta, que ultrapassava os limites, a dívida toda foi reduzida a nada. O forte é atado com seus próprios laços, e todo o estratagema do maligno cai sobre sua cabeça. Uma vez amarrado o príncipe deste mundo, o objeto de suas capturas lhe foi arrancado. Nossa natureza, lavada de suas antigas manchas, recupera sua dignidade, a morte é destruída pela morte, o nascimento é renovado pelo nascimento, porque, ao mesmo tempo, o resgate suprime nossa escravidão, a regeneração muda nossa origem e a fé justifica o pecador.

5. Exortação moral

Tu, pois, quem quer que sejas, que te glorias piamente e com fé do nome de cristão, aprecia em seu justo valor o favor dessa reconciliação. Com efeito, a ti outrora abatido, a ti, reduzido a pó e cinza, a ti, a quem não restava nenhuma esperança de vida, a ti, pois, pela encarnação do Verbo, é dado o poder de voltar de muito longe para teu Criador; de reconhecer teu Pai, de tornar-te livre, tu, que eras escravo; de ser promovido a filho, tu, que eras estranho; de nascer do Espírito de Deus, tu, que nasceras de uma carne corruptível; de receber por graça o que não tinhas por natureza; enfim, de ousar chamar Deus de Pai, se te reconheces filho de Deus pelo espírito de adoção. Absolvido da culpa proveniente de uma consciência má, suspira pelo reino celeste, cumpre a vontade de Deus, sustentado pelo socorro divino, imita os anjos sobre a terra, alimenta-te da força dada por uma substância imortal, combate sem temor e por amor contra as tentações do inimigo e, se respeitas os juramentos da milícia celeste, não duvides de que, um dia, serás coroado pela vitória no campo de triunfo do rei eterno, quando a ressurreição preparada para os anjos te acolher para fazer-te participante do reino celeste.

6. Crítica contra os que veneram os astros

Caríssimos, animados da confiança que nasce de tão grande esperança, permaneço firmes na fé sobre a qual fostes estabelecidos, para que esse mesmo tentador, de cujo domínio Cristo vos subtraiu, não vos seduza novamente com algumas de suas ciladas e não corrompa as alegrias próprias desse dia mediante a habilidade de suas mentiras. Porque ele zomba das almas simples, servindo-se da crença perniciosa de alguns, para os quais a solenidade de hoje recebe sua dignidade não tanto do nascimento de Cristo quanto do levantar-se, como eles dizem, do “novo sol”. O coração desses homens está envolto em trevas, e eles são estranhos a todo progresso da verdadeira luz, porque ainda seguem os erros mais estultos do paganismo e, não conseguindo elevar o olhar de seu espírito acima do que contemplam com seus olhos corporais, honram com o culto reservado a Deus, os luminares colocados a serviço do mundo.

Longe das almas cristãs essa superstição ímpia e essa mentira monstruosa. Nenhuma medida poderia traduzir a distância que separa o eterno das coisas temporais; o incorpóreo, das coisas

corporais; o Senhor, das coisas que lhe estão submetidas, porque, embora elas tenham uma beleza admirável, não têm a divindade, a única que deve ser adorada.

O poder, a sabedoria e a majestade que devem ser honrados são os que criaram do nada todo o universo e, segundo uma razão onipotente, produziram a terra e o céu nas formas e dimensões de sua escolha. O sol, a lua e os astros são úteis para aqueles que sabem tirar proveito deles; são belos para aqueles que os olham, seja; mas, que, por motivo deles, sejam dadas graças ao seu autor e que seja adorado o Deus que os criou, não a criatura que o serve. Louvai, pois, a Deus, caríssimos, em toda as suas obras e em todos os seus juízos. Que nenhuma dúvida aflore em vós no tocante à fé na integridade da Virgem e em seu parto virginal. Honrai com uma obediência santa e sincera o mistério sagrado e divino da restauração do gênero humano. Uni-vos a Cristo, nascido em nossa carne, a fim de merecerdes ver reinando em sua majestade esse mesmo Deus de glória que, com o Pai e o Espírito Santo, permanece na unidade da divindade pelos séculos dos séculos. Amém.

TERCEIRO SERMÃO NO NATAL DO SENHOR

1. Dificuldade para falar apropriadamente do mistério da encarnação. Como as duas naturezas se uniram em Jesus

Caríssimos, certamente conheceis e freqüentemente ouvistes tudo o que diz respeito ao mistério solenemente celebrado hoje; mas, como essa luz visível é um prazer para os olhos sãos, assim o nascimento do Salvador traz uma alegria eterna aos corações puros, motivo pelo qual nunca devemos esquecer-lo, embora não possais explicá-lo adequadamente. Porque cremos que as palavras “quem relatará sua geração?” se referem não só ao mistério segundo o qual o Filho de Deus é co-eterno com o Pai, mas também ao nascimento pelo qual o Verbo se fez carne.

Deus, pois, Filho de Deus, igual ao Pai e tendo do Pai a mesma natureza que o Pai, Criador e Senhor do universo, todo presente em toda parte e todo excedendo tudo, no curso dos tempos, que se escoam como ele mesmo dispôs, escolheu esse dia para nascer da bem-aventurada Virgem Maria para a salvação do mundo. Assim agindo, ele deixou intata a virgindade de sua mãe, virgindade que, não violada por esse nascimento, não fora profanada pela concepção, a fim de que se cumprisse, como diz o evangelista, o que o Senhor tinha dito pelo profeta Isaías: “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e o chamarão com o nome de Emanuel”, o que, traduzido, significa “Deus está conosco”. Com efeito, por esse admirável nascimento, a virgem santa pôs no mundo uma única pessoa, verdadeiramente humana e verdadeiramente divina, porque as duas substâncias não conservaram suas propriedades de tal maneira que se possa fazer nelas distinção de pessoas; nem se pode dizer que a criatura tenha sido tomada e associada a seu Criador de tal forma que ele fosse o habitante e ela a habitação, mas de modo que uma natureza se misturasse com a outra e, embora seja uma a recebida, e outra a que recebe, a sua diversidade se encontra em tal unidade que é um só e mesmo Filho que, enquanto verdadeiro homem, se diz inferior ao Pai e, enquanto verdadeiramente Deus, se declara igual ao Pai.

2. Relação do Filho encarnado com o Pai: ele lhe é inferior segundo sua humanidade, e igual segundo sua divindade

Caríssimos, essa unidade, na qual a criatura está estreitamente unida ao Criador, a cegueira dos arianos não pôde vê-la com os olhos da inteligência, porque, não crendo que o Filho único de Deus tem a mesma glória e é da mesma substância que o Pai, disseram que a divindade do Filho é menor, argumentando daquilo que deveria ser referido à condição de servo; ora, o próprio Filho de Deus, para mostrar que essa condição não era de uma pessoa distinta ou diferente, diz, nessa condição: “O Pai é maior do que eu”, e, na mesma condição: “O Pai e eu somos um”.

Com efeito, na condição de servo, que ele tomou no fim dos séculos para nos renovar, ele é inferior ao Pai; mas na condição de Deus, que era a sua antes dos séculos, ele é igual ao Pai. Em seu abaixamento humano, ele se tornou filho de mulher e sujeito à Lei, mas em sua majestade divina, ele permanece o Verbo de Deus, pelo qual todas as coisas foram feitas. Assim aquele que, em sua condição de Deus, fez o homem, em sua condição de servo, se fez homem; mas um com o outro é Deus pelo poder da natureza que assume, um com o outro é homem pela humildade da natureza assumida. Com efeito, cada natureza conserva o que lhe é próprio, sem diminuição; como a condição de Deus não suprime a condição de servo, a condição de servo não diminui a condição de Deus. Por isso o mistério da união da força com a fraqueza, considerada a natureza humana, permite dizer que o Filho é inferior ao Pai, mas a Divindade, que é una na Trindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, exclui toda idéia de desigualdades. Aqui a eternidade não tem nada de temporal, e a natureza não tem

nada de dessemelhante; aqui há uma só vontade, uma mesma substância e um poder igual; não são três deuses, mas um só Deus, porque verdadeira e indissolúvel é a unidade onde não pode haver diversidade. Portanto, na natureza completa e perfeita de verdadeiro homem nasceu o verdadeiro Deus, todo no que lhe pertence, todo no que é nosso. Dizemos “nosso” aquilo que o Criador pôs em nós desde a origem e que ele assumiu para reparar. Porque daquilo que o espírito enganador introduziu e que o homem enganado aceitou não há nenhum traço no Salvador; e pelo fato de ter aceito participar das fraquezas humanas ele não teve parte em nossas faltas. Ele assumiu a condição de servo sem a mancha do pecado; elevando a humanidade, ele não diminuiu a divindade, porque o aniquilamento pelo qual o invisível se tornou visível foi abaixamento de sua misericórdia, não falta de poder.

3. Incapacidade da lei antiga para nos salvar; a realidade da redenção trouxe aos seus ensinamentos os complementos necessários

Para nos reconduzir de nosso cativeiro original e dos erros do mundo para a felicidade eterna, ele desceu, pois, até nós, uma vez que não podíamos subir até ele. Embora houvesse entre os homens muito amor à verdade, a diversidade das opiniões incertas era enganada pela astúcia dos demônios, e uma ciência de nome falso arrastava a ignorância humana para doutrinas variadas e antagônicas. Para eliminar esses jogos falaciosos, pelos quais as almas feitas prisioneiras eram escravas do diabo, inflado de orgulho, o ensinamento da Lei não era suficiente, nem nossa natureza podia ser restaurada só pelas exortações dos profetas; era necessário que às instruções morais se juntasse a realidade da redenção, e que nossa origem, viciada desde o começo, renascesse com novos começos. Para reconciliar os homens era necessário que fosse oferecida uma vítima, e que ela fosse de nossa raça, mas isenta de nossa corrupção. Assim o plano de Deus, que era de apagar o pecado do mundo pelo nascimento e pela paixão de Jesus Cristo, se estenderia a todas as gerações e a todos os séculos; e os mistérios, variados segundo os tempos, não nos perturbariam, mas nos confirmariam, uma vez que a fé, que nos faz viver, não muda com os tempos.

4. Resposta aos que se queixam da demora da encarnação

Que cessem, pois, as queixas daqueles que, com ímpias murmurações, criticam os planos divinos, alegando como pretexto o retardamento do nascimento do Senhor, como se o que se realizou na última idade do mundo não tivesse sido em benefício também dos séculos passados.

Com efeito, o que a encarnação do Verbo trouxe dizia respeito tanto ao passado como ao futuro, e nenhuma época, por mais recuada que seja, foi privada do sacramento da salvação dos homens. O que os apóstolos pregaram é que os profetas tinham anunciado, não se podendo dizer que foi cumprido tardiamente o que sempre foi crido. Pois Deus, em sua sabedoria e bondade, diferindo a obra da salvação, nos tornou mais aptos para responder ao seu apelo; porque o que tinha sido predito por muitos sinais, por muitas palavras e por muitos ritos figurativos não podia ser ambíguo nos dias do Evangelho; e o nascimento do Salvador, que ultrapassaria os milagres e toda capacidade do entendimento humano, geraria em nós uma fé tanto mais firme quanto mais antigos e mais freqüentes tinham sido os anúncios que a precederam. Não é, pois, verdade que Deus proveu as coisas humanas mudando de desígnio e movido por uma misericórdia tardia, uma vez que, desde a criação do mundo, ele decretou para todos uma só e mesma via de salvação. Com efeito, a graça de Deus, fonte constante e universal de justificação para os santos, cresceu, e não começou, quando Cristo nasceu. Esse mistério de um grande amor, que agora enche o mundo inteiro, foi tão poderoso, também em seus sinais precursores, que aqueles que acreditaram quando ele era prometido não foram menos beneficiados do que aqueles que o receberam quando ele foi dado.

5. *Exortação moral: imitar a Deus*

Por isso, caríssimos, uma vez que foi com uma bondade evidente que tão grandes riquezas da divina beneficência foram difundidas sobre nós, enquanto, chamados desde a eternidade, não só temos o útil socorro dos exemplos do passado, mas também vimos aparecer a própria verdade numa forma visível e corporal, é para nós um dever celebrar o dia do nascimento do Senhor com uma alegria que não seja morosa nem carnal. Ora, cada um fará isso dignamente e com zelo, se se lembrar de qual corpo é membro e a qual cabeça está ligado; que cada um tome cuidado para não ser uma peça mal adaptada e sem ligação com o edifício sagrado. Caríssimos, consi-derai e, graças à luz do Espírito Santo, sabeis discernir quem é aquele que nos recebeu em si e que nós recebemos em nós, pois, como o Senhor Jesus se tornou carne nossa, nascendo, nós nos tornamos corpo dele, renascendo. Por isso somos membros de Cristo e templos do Espírito Santo, razão pela qual diz o apóstolo Paulo: “Glo-rificai e trazei a Deus em vossos corpos”, a esse Deus que, propondo-nos o exemplo de sua benevolência e de sua humildade, nos encheu da mesma virtude pela qual nos remiu, segundo a promessa do Senhor: “Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo, e eu vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas”. Aceitemos, portanto, o jugo da verdade, a fim de sermos governados por ela, jugo que não é pesado nem penoso, e sejamos semelhantes a ele em sua humildade, se que-reis ser semelhantes a ele em sua glória, ajudando-nos ele e conduzindo-nos para a obtenção do que ele prometeu, porque, em sua grande misericórdia, ele tem o poder de apagar nossos pecados e de completar seus dons em nós, ele, Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive e reina pelos séculos dos séculos. Amém.

QUARTO SERMÃO NO NATAL DO SENHOR

1. A encarnação é o ápice das obras divinas; seus anúncios proféticos

Caríssimos, sem dúvida a bondade divina sempre cuidou do bem do gênero humano, e isso de vários modos, e misericordiosamente concedeu os múltiplos benefícios de sua providência a todos os séculos passados; entretanto, nos últimos tempos, ela ultrapassou toda a abundância da benignidade habitual, a saber, quando em Cristo, a Misericórdia desceu aos pecadores, a Verdade aos desviados, a Vida aos mortos, de modo que o Verbo, co-eterno com o Pai e igual a ele, assumiu a humildade de nossa natureza para uni-la a sua divindade e, Deus nascido de Deus, nasceu, como ser humano, de um ser humano.

É verdade que a promessa foi feita desde a criação do mundo e que a profecia foi constantemente repetida por tantos sinais, atos e palavras; mas que porção da humanidade essas figuras e esses mistérios ocultos te-riam salvo, se Cristo, por sua vinda, não tivesse cumprido esses anúncios distantes e velados, e se aquilo que outrora foi proveitoso em promessa para alguns crentes não o tivesse sido, por seu cumprimento, para inúmeros fiéis? Agora não somos mais conduzidos à fé por sinais e imagens, porque, confirmados pela narração evangélica, adoramos o que cremos realizado; os testemunhos proféticos contribuem para nos instruir, de modo que não temos nenhuma dúvida sobre o que sabemos ter sido anunciado por tão grandes oráculos.

Pois ora é o Senhor que diz a Abraão: “Por tua posteridade serão abençoadas todas as nações”; ora é Davi, que, animado do espírito profético, celebra a promessa divina: “O Senhor jurou a Davi uma verdade, que jamais desmentirá: ‘É um fruto do teu ventre que eu porei em teu trono’ ”. É ainda o mesmo Senhor que diz por Isaías: “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e pôr-lhe-ão o nome de Emanuel, o que... significa ‘Deus conosco’ ”. E em outro lugar: “Um ramo sairá do tronco de Jessé, e uma flor brotará de sua raiz”. Nesse ramo foi anunciada, sem nenhuma dúvida, a bem-aventurada Virgem Maria, a qual, nascida do tronco de Jessé e de Davi e fecundada pelo Espírito Santo, de seu seio materno, mas num parto virginal, pôs no mundo uma nova flor da natureza humana.

2. Incapacidade do homem decaído para levantar-se por suas próprias forças; recordação de sua queda e de sua condenação

Que os justos exultem, pois, de alegria no Senhor, e os corações fiéis, no louvor de Deus; os filhos dos homens proclamem suas maravilhas, porque é principalmente por essa obra de Deus que conhecemos o grande preço que o nosso Criador deu à nossa baixeza. Ele, que já tinha dado muito ao gênero humano em sua origem, criando-nos à sua imagem, concedeu muito mais em nossa restauração, unindo-se ele, o Senhor, à nossa condição servil. Sem dúvida, tudo o que o Criador dispensa à sua criatura emana de uma só e mesma bondade; não obstante, é menos surpreendente ver o homem elevar-se até o divino do que Deus abaixar-se até o humano. Ora, se o Deus onipotente não se tivesse dignado fazer isso, nenhuma espécie de justiça e nenhuma forma de sabedoria teriam podido arrancar o homem do cativeiro do diabo e do abismo da morte eterna. Porque a condenação permaneceria, passando de um para todos com o pecado, e a natureza, corrompida por causa da ferida mortal, não teria encontrado o remédio, incapaz que era de mudar sua condição por suas próprias forças.

Com efeito, o primeiro homem recebeu sua substância carnal da terra e foi animado por uma alma racional que seu Criador insuflou nele, a fim de que, vivendo à imagem e à semelhança de seu autor, conservasse os traços da bondade e da justiça de Deus, numa imitação admirável, que os refletisse como um espelho. Se ele tivesse agido com perseverança em conformidade com essa incomparável

dignidade concedida à sua natureza, observando a lei dada a ele, sua alma, intata, teria conduzido à glória celeste até a parte dele que era seu corpo, tirado da terra. Mas, em sua irreflexão e para sua desgraça, ele acreditou no enganador invejoso e, aceitando os conselhos do orgulho, preferiu apoderar-se do aumento de honra que lhe estava reservado, em vez de merecê-lo; por isso, não só ele, mas também toda a posteridade que estava nele ouviram esta sentença: “Tu és terra, e para a terra voltarás”. Portanto, como foi o terreno, tais serão os terrenos, e ninguém é imortal, porque ninguém é celeste.

3. A encarnação é o remédio divino que Deus nos deu e que o batismo nos aplica

Para romper essa cadeia de pecado e de morte, o Filho todo-poderoso de Deus tomou em si uma natureza humana, ele, que enche tudo, que contém tudo, que em tudo é igual ao Pai, com o qual é co-eterno numa única essência, a qual recebe dele e da qual participa com ele; por isso o Criador e Senhor de todas as coisas se dignou ser um dos mortais, depois de ter escolhido uma mãe que ele tinha feito e que, salva sua integridade virginal, forneceu-lhe somente a substância de seu corpo; assim, cessado o contágio do sêmen humano, habitariam num homem novo a pureza e a verdade. Portanto, no Cristo, nascido de uma virgem, mesmo sendo o nascimento admirável, a natureza não é dessemelhante da nossa. De modo que, sendo verdadeiro Deus, ele é também verdadeiro homem, sem que haja mentira nas duas naturezas. “O Verbo se fez carne”, elevando a carne, não diminuindo a divindade; esta aliou tão bem o poder à bondade que elevou nossa natureza, tomando-a, e nada perdeu da sua, comunicando-a.

No nascimento de Cristo verificou-se a profecia de Davi: “Da terra germinou a verdade, e a justiça se inclinou do céu”. Nesse nascimento cumpriu-se também a palavra de Isaías: “Que a terra dê seu fruto e faça germinar o Salvador, e, ao mesmo tempo, se levante a justiça”. A terra da natureza humana, maldita no primeiro prevaricador, produziu nesse único parto da Santa Virgem um germe abençoado e isento do vício de sua estirpe; sua origem espiritual está adquirida para qualquer um na regeneração, e, para todo homem que nasce de novo, a água do batismo é como o seio virginal: o mesmo Espírito que veio sobre a Virgem vem agora à fonte batismal; assim, o pecado, que foi então aniquilado por uma santa concepção, aqui é tirado pela ablução mística.

4. Erro e depravação dos maniqueus

Totalmente estranho a esses mistérios, caríssimos, é o erro insensato dos maniqueus; eles não participam de modo algum da regeneração de Cristo porque negam seu nascimento corporal da Virgem Maria; assim, não crendo na verdade de seu nascimento, não aceitam a verdade de sua paixão; e como não reconhecem ter sido ele verdadeiramente sepultado, negam que ele tenha verdadeiramente ressuscitado. Com efeito, uma vez empenhados na estrada íngreme de uma doutrina execrável, na qual tudo são trevas e solo escorregadio, de precipícios em precipícios cavados pelo erro, eles caem nos abismos da morte. E não encontram nada firme em que apoiar-se, porque, sem falar das torpezas imaginadas pelo diabo, comprazem-se, até na festa principal de sua religião, na sujeira tanto dos corpos como das almas, como sua recente confissão deu a conhecer. Não conservando nem a integridade da fé nem o pudor, eles se mostram tão ímpios em suas crenças quanto obscenos em suas cerimônias.

5. Os outros erros referentes a Cristo têm uma parte de verdade; o dos maniqueus não tem nenhuma

Caríssimos, as outras heresias certamente merecem, em sua diversidade, ser condenadas; não obstante, cada uma delas, em alguma de suas partes, tem algum elemento de verdade. Afirmando que

o Filho de Deus é inferior ao Pai e que é uma criatura, e pensando que entre todas as coisas criadas pelo Pai está também o Espírito Santo, Ário se perdeu em grande impiedade; mas, se não viu a eterna e imutável divindade na unidade da Trindade, não a negou na essência do Pai. Macedônio, alheio à luz da verdade, não admitiu a divindade do Espírito Santo, mas confessou no Pai e no Filho um só poder e a mesma natureza. Sabélio, confundido por seu erro inextricável, reconheceu a inseparável unidade da essência no Pai, no Filho e no Espírito Santo, mas, o que devia atribuir às três Pessoas iguais, deu a uma só. Incapaz de compreender uma verdadeira trindade, acreditou numa só pessoa sob três nomes. Fotino, enganado por sua cegueira espiritual, reconheceu em Cristo um homem verdadeiro e de nossa natureza, mas não acreditou que ele fosse Deus gerado de Deus antes de todos os séculos. Apolinário, sem firmeza na fé, acreditou que o Filho de Deus tomou um corpo de natureza humana, mas afirmou que nele não havia alma, sendo as funções dela exercidas pela Divindade. Assim, passando revista a todos os erros anatematizados pela fé católica, encontramos em uns e outros alguma coisa que pode ser separada dos erros condenados. Mas, na espantosa doutrina dos maniqueus, não há nada que possa ser tolerado.

6. Exortação moral: guardar a verdadeira fé

Quanto a vós, caríssimos, aos quais só posso dirigir-me de modo mais conveniente usando as palavras de são Pedro, “raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de sua particular propriedade” (1Pd 2,9), vós, que fostes edificados sobre a pedra inabalável de Cristo, inseridos no Senhor, nosso Salvador, pelo fato de ter ele assumido nossa carne, permanecei firmes na fé que professastes na presença de numerosas testemunhas e na qual, regenerados pela água e pelo Espírito Santo, recebestes a unção da salvação e o selo da vida eterna. Ademais, se alguém vos anunciar algo diferente do que aprendestes, seja anátema! Não deis a invenções ímpias o lugar que pertence à verdade luminosa; e tudo o que lerdes ou ouvirdes contrário à regra do símbolo católico e apostólico, considerai como absolutamente mortal e diabólico. Não vos deixeis enganar pelos artifícios ilusórios de jejuns fingidos e simulados, que levam não à purificação, mas à perda das almas. Aqueles que os praticam tomam aparências de piedade e de castidade, mas com esse estratagemma encobrem as obscenidades de seus atos, e do interior do coração profano lançam dardos, com os quais ferem os simples, de modo que, como diz o profeta, “atiram ocultamente nos corações retos”.

Grande segurança é a fé íntegra, fé verdadeira, na qual nada pode ser aumentado nem diminuído por ninguém, porque, se não for una, não será fé, segundo o Apóstolo: “Um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos nós”. Ineris-vos, caríssimos, com espírito inabalável, nessa unidade e nela “seguir toda santidade”; nela cumprir os preceitos do Senhor, porque “sem a fé, é impossível ser agradável a Deus”, e sem ela nada é santo, nada é casto, nada é vivo, “porque o justo viverá da fé”; aquele que, enganado pelo diabo, a perder, vivendo, está morto, porque, como pela fé se obtém a justiça, também pela fé verdadeira se obtém a vida eterna, como diz o Senhor Salvador: “A vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo”, o qual vos faça progredir e perseverar até o fim, ele, que vive e reina com o Pai e o Espírito Santo pelos séculos dos séculos. Amém.

PRIMEIRO SERMÃO SOBRE A QUARESMA

1. História e razão da prática do jejum

A história sagrada conta que, outrora, o povo hebreu e todas as tribos de Israel, oprimidos por causa de seus pecados, sob a pesada dominação dos filisteus, para poder vencer seus inimigos, entregaram-se a um jejum que renovasse a fé e as forças de suas almas e de seus corpos. Eles compreenderam, com efeito, que o desprezo pelos mandamentos de Deus e os seus costumes corrompidos lhes tinham provocado esta dura e miserável escravidão e que combateriam inutilmente com as armas na mão se antes não abandonassem os seus vícios. Impuseram-se, portanto, a punição de severa penitência, abstendo-se do alimento e da bebida; e, para que pudessem vencer os inimigos, venceram primeiro neles mesmos, os apelos da gula. Deste modo, aconteceu que, realimentados, impuseram a fuga a seus adversários e aos senhores impiedosos que os haviam subjugado famintos.

Nós, também, caríssimos, situados diante de muitas adversidades e combates, se usarmos os mesmos remédios, seremos curados pela mesma observância. Nossa situação é semelhante a deles: eles eram combatidos por violentos adversários materiais como nós o somos por adversários espirituais. Estes serão vencidos pela reformulação de nossos costumes, obtida com a ajuda de Deus, o que fará com que desapareça também a força de nossos inimigos materiais; eles serão enfraquecidos pela nossa conversão, porque se eles exerciam qualquer poder sobre nós, era devido às nossas faltas e não aos seus méritos.

2. Tempo privilegiado para a prática da virtude

Desta forma, caríssimos, para que consigamos derrotar todos os nossos adversários, peçamos o auxílio divino, mediante a observância dos mandamentos celestes, sabendo que não prevaleceremos sobre nossos inimigos se não prevalecermos, antes, sobre nós mesmos. Com efeito, muitos combates acontecem dentro de nós mesmos, os desejos da carne se opõem aos do espírito, e os do espírito, aos da carne. Nesta disputa, se os desejos do corpo forem mais fortes, o espírito perderá, vergonhosamente, a dignidade que lhe é própria e, para sua desgraça, tornar-se-á escravo, ele que foi criado para mandar. Se, porém, o espírito se submete ao seu soberano, encontrando prazer nos dons celestiais, desprezando as provocações dos desejos terrenos e não permitir que o pecado reine em seu corpo mortal, a razão conservará, então, o primeiro lugar que lhe convém por excelência e nenhuma ilusão dos espíritos do mal conseguirá transpor suas defesas: porque só existirá para o homem verdadeira paz e verdadeira liberdade, quando seu corpo estiver submetido à alma, como seu juiz, e a alma governada por Deus, com seu superior.

Caríssimos, sem dúvida esta preocupação salutar, deve verificar-se diuturnamente, a fim de que os nossos sempre vigilantes inimigos sejam submetidos por uma incansável aplicação; portanto, é agora que precisamos mais ardorosamente, dedicando-nos a ela mais cuidadosamente, no momento em que os nossos próprios adversários redobram, sutilmente, sua sagacidade para nos apanhar na armadilha. Sabendo, porém, que chegaram os dias santos da quaresma, cuja observância perdoa todas as faltas passadas, apaga todas as negligências; toda a força de sua perversidade, visa, pois, este único objetivo: fazer com que aqueles que celebrarão a Páscoa do Senhor se percebam de alguma forma maculados, encontrando uma situação de ofensa que deveria ser fonte de perdão.

3. Tempo de um serviço mais intenso do Senhor

Chegamos, pois, caríssimos, ao início da quaresma, ou seja, a um mais aplicado serviço do Senhor, pois comprometendo-nos de alguma forma em uma espécie de competição de obras santas,

preparamos nossas almas para combater as tentações; e compreendamos que quanto mais nos aplicarmos à nossa salvação, tanto mais veementes serão os ataques dos adversários. Mas, aquele que está em nós é mais forte do que aquele que está contra nós e é por ele que nos afirmamos, se confiarmos em sua força: porque se o Senhor permitiu ser tentado pelo tentador, com isto quis nos instruir pelo seu exemplo, para que fôssemos fortalecidos pelo seu auxílio. Porque ele venceu o inimigo, como já ouvistes dizer, apelando para as leis e não pelo uso do seu poder; desta forma ele honrava sobremaneira o homem e punia mais severamente o adversário, pois que o inimigo do gênero humano era vencido por ele não tanto enquanto Deus, mas enquanto homem. Portanto, ele lutou para que nós pudéssemos lutar em seguida; ele venceu, para que nós da mesma forma vencêssemos. Caríssimos, não existe nenhuma obra de virtude sem a experiência da tentação, nenhuma fé sem provações, nenhum combate sem inimigo, nenhuma vitória sem compromisso. Esta nossa vida está posta no meio das dificuldades e dos combates; se quisermos ser vencedores, é preciso combater. Eis porque o sábio Salomão escreveu: “Meu filho, entrando para o serviço do Senhor, prepara a tua alma para a tentação” (Sb 2,1). Com efeito, este homem pleno de sabedoria de Deus, sabendo que o esforço religioso comporta duros combates e prevendo as incertezas do combate, sabe antecipadamente que será preciso combater: porque se o tentador atinge uma alma ignorante deve-se temer que ele possa ferir mais rapidamente a alma despreparada.

4. Na quaresma, entremos na arena para a luta

Nós, portanto, que fomos instruídos pelo ensinamento divino, entrando cientes para a competição do presente combate, ouçamos o Apóstolo que diz: “Pois o nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os principados, contra as autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra os espíritos do mal, que povoam as regiões celestiais” (Ef 6,12). Não ignoremos que estes inimigos que desejam nos iludir compreendem bem que é contra eles que agimos quando tentamos alcançar nossa salvação; somente por isto, e desejando qualquer bem nós provocamos os adversários. Existe entre eles e nós fomentada pela inveja diabólica, inveterada oposição, de tal modo que empobrecidos como eles estão destes bens dos quais somos cumulados pela graça de Deus, nossa justificação significa sua tortura. Quando, portanto, nós nos levantamos, eles se afundam; quando nós reencontramos nossas forças, eles adoecem. Nossos remédios são pragas para eles, pois são feridos com a cura de nossas feridas. Caríssimos, como diz o Apóstolo: “Portanto, ponde-vos de pé e cingi os vossos rins com a verdade e revesti-vos da couraça da justiça e calçai os vossos pés com a preparação do evangelho da paz, empunhando sempre o escudo da fé, com o qual podereis extinguir os dardos inflamados do Maligno. E tomai o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus” (Ef 6,14-17). Vêde, caríssimos, de que forças poderosas, de que defesas insuperáveis nos munuiu este comandante adornado de tantos triunfos, este mestre invencível da milícia cristã! Ele cingiu em torno dos nossos rins o cinto da castidade, calçou nossos pés com as correias da paz: um soldado que não tenha os rins cingidos será, com efeito, facilmente vencido pelo instigador da impureza e aquele que não tem calçado é facilmente mordido pela serpente. Ele nos deu o escudo da fé para a proteção de todo o corpo. Pôs em nossa cabeça o capacete da salvação e, em nossa mão a espada, isto é, a palavra da verdade: de tal forma que o herói das lutas do espírito não somente está abrigado dos ferimentos, como também pode ferir quem o ataque.

5. Estágio em que combatemos pelo jejum

Confiantes, portanto, caríssimos, nestas armas, iniciamos sem preguiça e sem medo a luta que nos é proposta: de tal forma que nesse estágio onde se combate pelo jejum não nos contentemos apenas com a abstenção do alimento. Seria pouco diminuir a força do corpo, se não alimentássemos o vigor

da alma. Mortifiquemos um pouco o homem exterior para que o interior seja restaurado; perdendo um pouco do excesso corpóreo, o espírito robustece-se pelas delícias espirituais. Que toda alma cristã se observe de todos os lados, e que por meio de severo exame perscrute o interno de seu coração. Cuide para que nenhuma sombra de discórdia permaneça aí, para que nenhum mau desejo aí se instale. A castidade afaste para bem longe a incontínência, a luz da verdade dissipe as trevas da mentira. O orgulho se abrande, a raiva diminua, sejam quebradas as forças que causam prejuízo, seja posto um freio nas maldades da língua. Cessem as vinganças, e as injúrias sejam mandadas para o esquecimento. Enfim, “Toda planta que não foi plantada por meu Pai celeste, será arrancada” (Mt 15,13). Então só quando os germes estranhos forem tirados do campo do nosso coração, as sementes da virtude podem ser convenientemente alimentadas em nós. Se alguém, portanto, se excedeu contra outra pessoa no desejo de se vingar, encarcerando-a ou carregando-a de vínculos, procure apressar-se em liberá-la, não apenas se ela for inocente, mas também se parecer que ela mereça algum castigo: de tal forma que ela possa se servir, confiantemente, da regra da oração do Senhor: “Perdoa-nos as nossas dívidas como também nós perdoamos os nossos devedores” (Mt 6,12). Parte de nossos pedidos que o Senhor acentua nesta especial instrução, como se a eficácia de qualquer oração estivesse encerrada nesta condição: “Se perdoardes aos homens os seus delitos, também vosso Pai celeste vos perdoará; mas, se não perdoardes aos homens, o vosso Pai também não perdoará os vossos delitos” (Mt 6,14-15).

Por conseguinte, caríssimos, lembrando-vos de nossa fraqueza que nos leva a cair facilmente em toda sorte de delito, evitemos negligenciar este remédio primordial e este meio muito eficaz de curar nossas feridas. Perdoemos, para que sejamos perdoados (Lc 6,37); façamos o favor que solicitamos; e procuremos não nos vingar, nós que imploramos ser perdoados. Não passemos perto do pobre, permanecendo surdos às suas súplicas, mas com carinhosa bondade sejamos misericordiosos para com os indigentes, para que mereçamos conseguir misericórdia por ocasião do julgamento. Aquele que, ajudado pela graça de Deus, com todo seu esforço, buscar esta perfeição, assumirá fielmente o santo jejum: este, distante de sua antiga malícia, chegará à bem-aventurada Páscoa com os ázimos da pureza e da verdade e pela nova forma de vida, merecerá provar a alegria no mistério da regeneração humana. Por nosso Senhor Jesus Cristo, que com a graça do Pai e o Espírito Santo, vive e reina nos séculos dos séculos. Amém.

SEGUNDO SERMÃO SOBRE A QUARESMA

1. O fim da quaresma é proporcionar aumento da prática religiosa

Seja-nos permitido lembrar, caríssimos, que aproximando-se a festa pascal, o andamento regular do tempo prescrito deveria ser suficiente para nos relembrar o jejum da quaresma; no entanto, devemos ainda acrescentar a nossa exortação, que, pensando que com a ajuda do Senhor ela não será inútil para os peregrinos nem pesada para os fervorosos. Como estes dias objetivam aumentar toda a nossa prática religiosa, estou convencido de que não existe ninguém entre nós que não se sinta estimulado para as boas obras. Enquanto permanecemos mortais, nossa natureza é mutável e, ainda que atinja o mais alto grau de zelo na busca das virtudes, ela pode, entretanto, encontrar de novo, tanto uma ocasião de queda, como de crescimento. E esta é a verdadeira justiça dos perfeitos, que jamais presumem ser perfeitos com medo de, abandonando sua decisão de continuar caminhando antes de chegar ao fim, sucumbam ao perigo de desanimar no mesmo momento em que perdessem o desejo de avançar. Porque entre nós, caríssimos, ninguém é tão perfeito e santo que não consiga ser mais perfeito e mais santo. Todos juntos, sem diferença de hierarquia, sem distinção de méritos, corramos com piedosa avidez ao ponto em que chegamos para aquele que nós queremos atingir e àquilo que é a medida do nosso comportamento habitual, acrescentemos ainda algum complemento indispensável. Porque manifesta pouca piedade em outro tempo, aquele que hoje não se percebe mais religioso.

2. Tempo favorável à salvação

Bem a propósito, repercute em nossos ouvidos a lição tirada dos ensinamentos apostólicos: “No tempo favorável, eu te ouvi. E, no dia da salvação vim em teu auxílio” (2Cor 6,2). Existe, com efeito, um tempo mais favorável do que este, dias mais salutareis do que estes, em que se declara guerra aos vícios e em que se aumenta o progresso de todas as virtudes? É verdade que em todos os tempos, ó alma cristã, deverias permanecer atenta contra o adversário à tua salvação, a fim de que o tentador não encontre nenhuma brecha em tua vigilância; neste momento é preciso maior precaução e prudência mais cautelosa quando o teu inimigo, sempre o mesmo, redobra seus ataques, movido pela inveja. Agora, com efeito, o poder que lhe assegurava uma antiga dominação secular, lhe é tomado em todo o mundo e as incontáveis armas de suas armadilhas lhes são raptadas. Multidões de todas as nações e de todas as línguas, renunciam ao mais cruel dos piratas e já não existe uma só espécie de homens que não se rebelem contra suas leis tirânicas, porque, sobre toda a face da terra, milhões de homens se preparam para a sua regeneração do Cristo; e, chegando o nascimento da nova criatura, o espírito mau é expulso daqueles a quem ele possuía. O inimigo vencido ruge de ímpio furor e procura algum novo lucro, pois que ele perdeu seu direito antigo. Incansável e vigilante vai atrás de alguma ovelha descuidada que se afastou do rebanho sagrado: pelos caminhos dos desejos e pelos declives da luxúria, ele a conduzirá à morte. Eis, porque inflama a cólera, alimenta a raiva, o ódio, aguça os desejos, ridiculariza a continência e excita a gula.

3. As tentações provam a dualidade das naturezas em Jesus

Quem não ousaria tentar, ele que não excluiu nem mesmo nosso Senhor Jesus Cristo de suas armadilhas? Como nos revela a história do evangelho, nosso Salvador, que era verdadeiro Deus quis mostrar que era também verdadeiramente homem e assim excluiu todas as fantasias ímpias de todo erro, depois de quarenta dias e quarenta noites jejuando, sentiu a fome própria de nossa fraqueza. O diabo alegrou-se por ter encontrado nele sinais de uma natureza passível e mortal e, querendo pôr à

prova o poder que ele temia, disse: “Se és o Filho de Deus manda que estas pedras se transformem em pão”. O onipotente certamente podia fazê-lo, e era fácil a qualquer criatura, de qualquer espécie, obedecer às ordens do Criador, de passar para qualquer espécie que ele ordenasse; foi assim que, quando ele quis, mudou a água em vinho, na festa das núpcias. Mas, era mais conveniente para a economia de nossa salvação que o homem vencesse a esperteza do mais soberbo inimigo não pelo poder de sua divindade, mas pelo mistério de sua humildade. Finalmente, o diabo, posto em retirada, e o tentador frustrado em suas artimanhas, os anjos se aproximaram do Senhor e o serviam, aquele que era verdadeiramente homem e verdadeiro Deus, conserva sua humanidade longe de ser atingida pelas questões capciosas e manifesta sua divindade diante dos serviços dos santos. Que sejam assim confundidos os filhos e discípulos do diabo, que, repletos da inspiração da serpente, enganam os simples, negando em Cristo a veracidade das duas naturezas, seja despojando a divindade da humanidade, seja a humanidade da divindade; dupla prova destrói, de uma só vez, este duplo erro, porque a fome sentida pelo corpo atesta a perfeita humanidade e o serviço dos anjos, a perfeita divindade.

4. A palavra de Deus nos alimenta para a vida eterna

Caríssimos, fomos ensinados pelo magistério do nosso Redentor que “Não só de pão vive o homem (mas, de toda palavra que sai da boca de Deus)” (Lc 4,4), e que convém ao povo cristão, em qualquer grau de abstinência que seja estabelecido, desejar alimentar-se mais da palavra de Deus do que pelo alimento material. Abracemos, pois, este solene jejum com redobrada devoção e com fé muito atenta, celebrando-o não como dieta estéril, como o exigem freqüentemente a fraqueza do corpo e a doença da avareza, mas com grande generosidade; estejamos pois, entre aqueles a respeito dos quais a própria Verdade afirma: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados” (Mt 5,6). Que as obras de devoção constituam nossas delícias e alimentemo-nos destes alimentos que alimentam para a eternidade. Alegremo-nos em amenizar os pobres que aumentarão as nossas riquezas. Alegremo-nos em vestir àqueles cuja nudez cobriremos com as vestes necessárias. Façamos sentir nossa humanidade aos enfermos em sua fraqueza, aos exilados em suas provações, aos órfãos em seu abandono, às viúvas desoladas em sua tristeza: prestando esta ajuda, nenhuma pessoa deixará de se tranquilizar com alguma porção de benevolência. Qualquer retorno é grande quando o coração é grande e, a medida de nossa misericórdia ou de nossa compaixão não depende dos limites de nossa riqueza. A grandeza da boa vontade tem sempre o seu mérito, ainda que se tenha poucos recursos. As esmolas dos ricos são maiores e menores daquelas dos pobres, mas o fruto de suas obras não difere se animado pelo mesmo amor.

5. Tempo propício para o treinamento nas virtudes

Caríssimos, neste momento tão propício para o exercício das virtudes podemos conseguir outros méritos para nós sem esvaziar os nossos celeiros, sem diminuir nossa fortuna: afastando todo desregramento, renunciando à embriaguez, submetendo os desejos corporais às leis da castidade, transformando o ódio em amizade, convertendo as inimizades em paz, extinguindo a cólera pela serenidade, perdando a injúria com benevolência, enfim, pondo em ordem o comportamento tanto dos senhores como dos escravos, de modo que a autoridade de uns se torne mais branda e a obediência de outros se torne mais afetuosa. É por meio desta disciplina, caríssimos, que conseguiremos a misericórdia de Deus e que, apagada a culpabilidade das faltas, poderemos celebrar religiosamente a santa Páscoa.

É assim, de acordo com um costume santo e já antigo, que agem os piedosíssimos imperadores do mundo romano, os quais, em homenagem à paixão e à ressurreição do Senhor, declinam a majestade

de seu poder, amainam o rigor de suas leis, põem em liberdade presos culpados de inúmeros delitos. Assim, nestes dias em que o mundo é salvo pela misericórdia divina, também a clemência deles se apresenta como exemplo, imitando a bondade divina. Que os povos cristãos, portanto, imitem seus príncipes e que os exemplos dos imperadores os impulsionem a exercer o perdão em suas casas. Com efeito, não é permitido que as leis particulares sejam mais rigorosas do que as leis públicas. Sejam perdoadas as culpas, sejam quebrados os grilhões, sejam esquecidas as ofensas, sejam apagadas as vinganças: de modo que a festa sagrada, graças ao perdão divino do humano, nos encontre a todos, alegres e perfeitos. Por nosso Senhor Jesus Cristo, que com o Pai e o Espírito Santo, vive e reina pelos séculos dos séculos. Amém.

TERCEIRO SERMÃO SOBRE A QUARESMA

1. Tempo de limpar e enfeitar a casa por dentro

Caríssimos, convém que vivamos sempre de modo sábio e santo, dirigindo nossas vontades e nossas ações para aquilo que sabemos agradar à justiça divina; no entanto, como se aproximam os dias mais importantes que originaram os sacramentos da nossa salvação, devemos dedicar cuidado maior para purificar nossos corações e entregar-nos, mais cuidadosamente aos exercícios das virtudes: do mesmo modo que os mistérios são maiores do que qualquer de suas partes, assim também nossa fidelidade deve superar seus próprios costumes; e, quando mais sublime é a festa tanto mais preparado deve estar aquele que vai participar dela. Parece, com efeito, uma prática racional e de alguma forma religiosa, vestir-se mais elegantemente em dia de festa, manifestando pela beleza corporal a alegria do espírito; se dedicamos também cuidado especial em decorar a casa da oração com maiores enfeites, não é conveniente para a alma cristã, que é verdadeiro e vivo templo de Deus, se preparar com atenção e, para celebrar o mistério de sua redenção, tomar todo cuidado, cuidadosamente, para que nenhuma mancha de injustiça a ofusque, para que nenhuma ruga de superioridade do coração a desfigure? Com efeito, para que serve uma busca exterior que aparenta honestidade, se o interior do homem está sujo pela contaminação de alguns vícios? Tudo aquilo que empana a pureza da alma e o brilho da mente deve, portanto, ser cuidadosamente apagado e, mediante certa limpeza, deve tornar-se ainda mais brilhante. Perscrute cada um a sua consciência e se apresente diante de si mesmo para censura do próprio julgamento. Veja cada um, na intimidade do seu coração, se encontra aquela paz que é dada pelo Cristo, se o desejo do espírito não é combatido nele pela fraqueza corporal, se não despreza os humildes, se não ambiciona os altos postos, se não se alegra com lucro iníquo, se não encontra sua satisfação no aumento desordenado de suas riquezas, se, enfim, a felicidade do outro não o incomoda muito, ou a infelicidade de um inimigo não lhe traz grande satisfação. Se, talvez não encontrar nele nenhum destes desvios, procure, cuidadosamente, com sincero exame, qual é, habitualmente, a natureza de seus pensamentos: será que jamais consente na imaginação das vaidades ou será que afasta de seu espírito, o mais rápido possível, a imaginação que satisfaz, perigosamente? Na verdade, não ser estimulado por nenhuma atração, não ser provocado por nenhum desejo, não é próprio desta vida, que é, toda ela, uma tentação, que certamente vence àquele que julga nunca ser tentado. É orgulho, pois, presumir da facilidade de não pecar, porque esta mesma presunção já é pecado, segundo a palavra do santo apóstolo João: “Se dissermos: ‘não temos pecado’, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós” (1 Jo 1,8).

2. É necessário vigilância constante

Ninguém se iluda pois, caríssimos, ninguém se decepcione: que ninguém confie de tal forma na pureza de seu coração que julgue não estar sujeito ao perigo das tentações; uma vez que o tentador, sempre vigilante, prepara armadilhas sempre mais requintadas, sobretudo para aqueles que, com maior empenho, desejam afastar-se do pecado. E de quem ele deixaria afastados seus enganos, ele que ousou tentar com sua esperteza até o Senhor de majestade? Ele viu sua soberba colocada aos pés pelo Senhor Jesus, na humildade de seu batismo: ele tinha compreendido que no jejum de quarenta dias excluía qualquer desejo carnal e, no entanto, este espírito cheio de perversidade não perdeu a esperança em seus artifícios de maldade; ele comprovou tanto a mutabilidade de nossa natureza que se persuadiu de que todo aquele de quem ele tivesse experimentado a verdadeira condição humana, poder-se-ia tornar pecador. Se, portanto, o diabo não poupou nosso Senhor e Salvador de suas

armadilhas e de suas mentiras, quanto mais ousará invadir nossa fragilidade, a nós que persegue com ódio mais veemente e com inveja mais cruel, desde o dia em que renunciamos a ele através do batismo e nos tornamos, pela regeneração divina, nova criatura, abandonando a primeira natureza dominada por ele! Por isto, enquanto estivermos revestidos da carne mortal, o antigo inimigo não deixará de nos assediar em todo lugar com os laços do pecado, enfurecendo-se contra os membros do Cristo, sobretudo quando eles estão para celebrar os mistérios mais sagrados. Por isso, é muito proveitoso que o ensinamento do Espírito Santo tenha imbuído o povo cristão do costume de se preparar para a festa pascal com uma abstinência de quarenta dias. A razão desta purificação já nos convida para sua observância salutar e nos indica com que cuidado conduzir a ascese proposta. Com efeito, quanto mais santamente passamos estes dias, tanto mais estaremos mostrando que honramos a Páscoa do Senhor.

3. Tempos de reconciliação

Nestes dias consagrados aos santos jejuns, portanto, pratiquemos mais abundantemente as obras de caridade, às quais, aliás, sempre devemos nos aplicar: “Enquanto temos tempo, pratiquemos o bem para com todos, mas sobretudo para com os irmãos na fé” (Gl 6,10); assim, pela distribuição de nossas esmolas, imitemos a bondade do Pai celeste que “faz nascer o seu sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos” (Mt 5,45). Embora, pois, deva ser auxiliada principalmente a pobreza dos fiéis, também aqueles que ainda não receberam o evangelho devem ser socorridos em suas necessidades: porque é preciso amar em todos os homens a comunhão da natureza, a qual nos deve tornar amáveis em relação àqueles que de algum modo nos são subordinados, sobretudo se já estiverem regenerados pela mesma graça e redimidos pelo mesmo preço que nós, pelo sangue de Cristo. Com efeito, temos em comum com eles que fomos criados à imagem de Deus e que nem a origem corporal, nem o nascimento espiritual os separam de nós. Somos santificados pelo mesmo Espírito, vivemos animados pela mesma fé, participamos dos mesmos sacramentos. Não desprezemos esta unidade, não diminuamos o valor desta comunhão: tudo isto nos torna mais afáveis, pois mesmo servindo-nos de sua subordinação, pensemos que nós também, junto com eles, nos subordinamos ao mesmo serviço do único Senhor. Portanto, se algum dentre eles ofenderam seus senhores com faltas mais graves, sejam perdoados nestes dias de reconciliação. Suprima a indulgência a severidade e o perdão apague a vingança. Ninguém permaneça fechado, ninguém permaneça encarcerado: com efeito, nosso Deus pôs como condição de sua misericórdia que nós perdoemos os pecados dos outros se quisermos estar seguros do perdão dos nossos pecados. Caríssimos, contenhamos os motivos de discórdia, os espinhos da inimizade. Cessem os ódios, desapareçam as simulações, que todos os membros de Cristo se encontrem na unidade do amor: “Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus” (Mt 5,9); não somente os filhos, mas também os herdeiros, “herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo” (Rm 8,17), que vive e reina pelos séculos dos séculos, amém.

QUARTO SERMÃO SOBRE A QUARESMA

1. O maior e mais sagrado dos jejuns

Caríssimos, para vos dirigir a palavra, sobre o maior e mais sagrado dos jejuns, que introdução mais indicada poderia encontrar do que começar pelas próprias palavras do Apóstolo, por meio do qual Cristo falava, dizendo-nos aquilo que acaba de ser lido: “No tempo favorável, eu te ouvi. E no dia da salvação vim em teu auxílio. Eis agora o tempo favorável por excelência. Eis agora o dia da salvação” (2Cor 6,2). Com efeito, embora não exista nenhum tempo que não esteja pleno dos favores divinos e a graça de Deus nos conduza a qualquer momento para o encontro de sua misericórdia, é agora, sobretudo, que os nossos corações devem se mover com maior fervor para a perfeição espiritual e animados com confiança ainda maior, quando o dia em que fomos redimidos nos convida à retomada das obras de piedade: de tal forma que com o corpo e a alma purificados, celebremos o mistério que está acima de todos, o da paixão do Senhor. Mistérios tão grandes certamente exigiriam por causa da devoção incessante e em respeito sem tréguas, de modo que permaneçamos sempre diante de Deus do mesmo modo como deveríamos nos encontrar na festa da Páscoa, mas como esta virtude é vivida por poucos, e enquanto as práticas mais austeras são amenizadas por causa da fraqueza da carne e enquanto o zelo se esmaece em meio às várias atividades desta vida, torna-se inevitável, pois, que os próprios corações religiosos sejam ofuscados pela poeira do mundo. Uma instituição divina muito salutar previu, pois, para reparar a pureza das nossas almas, o remédio do exercício de quarenta dias, durante os quais as faltas dos outros pudessem ser redimidas pelas boas obras e aperfeiçoadas pelos santos jejuns.

2. O verdadeiro sentido do jejum: afastar-se da iniquidade

Caríssimos, iniciando, pois, esses dias místicos e consagrados aos jejuns salutareis, cuidemos de obedecer aos mandamentos apostólicos, “purifiquemo-nos de toda mancha da carne e do espírito” (2Cor 7,1), façamos cessar as lutas que opõe esses dois elementos entre si, a fim de que a alma conquiste a dignidade do seu império, pois convém que posta sob a conduta de Deus ela seja a condutora de seu corpo. Assim, não provocando nenhum motivo de escândalo, não estaremos sujeitos à censura dos interlocutores. Assim sendo, seremos merecedores daquelas críticas dos infiéis que serão nossas próprias faltas a dar motivo para que as línguas dos ímpios falem contra a religião se, enquanto jejuamos, nossos costumes não estiverem de acordo com a pureza de uma perfeita abstinência. Desta forma, o sentido do nosso jejum não reside somente na abstenção do alimento, e não existe proveito apenas subtraindo os alimentos do corpo, a não ser que o coração se afaste da iniquidade e a língua se abstenha da calúnia. Devemos, portanto, mortificar nossa liberdade na alimentação, para que as outras inclinações sejam contidas pela mesma lei. Este tempo é de mansidão e paciência, de paz e tranqüilidade: nele, excluindo a contaminação de todos os vícios, devemos adquirir as virtudes duráveis. Agora, que a alma forte e piedosa se habitue a perdoar as faltas, a relevar as ofensas, a esquecer as injúrias. Agora, que a alma fiel se exercite “pela pureza, pela ciência, pela paciência, pela bondade, por um espírito santo, pelo amor sem fingimento, pela palavra da verdade, pelo amor de Deus, pelas armas ofensivas e defensivas da justiça”, a fim de que “na glória e no desprezo, na boa e na má fama” (2Cor 6,7-8), não se exalte pelos louvores, nem as dificuldades desgastem sua consciência tranqüila e sua perseverante honestidade. Que a modéstia das almas religiosas não seja triste, mas santa; que não seja encontrado no meio delas o murmúrio das lamentações às quais não faltam, jamais, as consolações das santas alegrias. No exercício das obras de misericórdia não se perceba a diminuição das riquezas desta terra. A pobreza cristã é sempre

rica, pois é muito mais o que ela tem do que o que não tem. Nem se amedronta de sofrer a pobreza neste mundo, aquele a quem foi dado no Senhor de todas as coisas, possuir todas as coisas. Aqueles que fazem o bem não devem temer minimamente que venha a lhes faltar a possibilidade de o continuar fazendo, uma vez que a piedade da viúva do evangelho foi glorificada por causa de duas moedas de prata, e a doação gratuita de um copo de água fria recebe sua recompensa. Com efeito, é a partir dos seus sentimentos que apreciamos, na vida dos homens religiosos, a verdadeira grandeza de sua bondade; e a eficácia de ser bondoso nunca abandona aquele em quem não falta a própria misericórdia. A santa viúva de Sarepta o comprovou bem, ela que ofereceu ao profeta Elias, em seu tempo de fome, o alimento de um dia, tudo o que ela possuía, e que acabando com a fome do profeta, antes de satisfazer sua própria necessidade, usou sem hesitar o pouco de farinha e o pouco de óleo que possui. Mas, o que ela doou com fé não lhe faltou, e nos potes vazios pela sua prodigalidade nasceu a fonte de uma nova abundância: de tal forma que um uso santo não diminuiu em nada a totalidade de um bem do qual ela não temeu ser privada.

3. Estai atentos contra as artimanhas do demônio

Caríssimos, estas obras para as quais julgamos que estais bem preparados, não duvideis que o diabo, adversário de todas as virtudes, tenha inveja delas, empregando toda a força de sua maldade para acabar com a piedade, com armadilhas tiradas da própria piedade, de forma a conseguir vencer pela glória aqueles que não puder abater pela fraqueza. Porque o mal de sua soberba está próximo das boas ações e o orgulho sempre espreita de perto as virtudes: porque é difícil que o louvor humano não seduza aquele que leva vida digna de louvor, a menos que, como está escrito, “aquele que se gloria, glorie-se no Senhor” (2Cor 10,17). De quem, portanto, este inimigo tão perverso não ousaria atacar o propósito? De quem não desejaria romper o jejum, uma vez que não poupou suas armadilhas nem mesmo ao Salvador do mundo, como nos relata a leitura do evangelho? Espantado, pois, com um jejum de quarenta dias e quarenta noites ele quis descobrir habilmente se esta abstinência provinha dele mesmo ou de outrem: desta forma ele não teria que temer ver o fim de suas obras mentirosas, se o Cristo estivesse sujeito à condição de seu próprio corpo. Através de um primeiro disfarce ele procura saber se ele era o criador das substâncias, podendo mudar a natureza das coisas corporais de acordo com sua vontade; por um segundo, se sob a aparência de um corpo humano se escondia uma divindade velada, para a qual seria fácil se abrir um caminho nos ares, sustentando no vazio os membros terrenos. Mas, como o Senhor preferiu opor-lhe a justiça do verdadeiro homem, a manifestar o poder de Deus, ele apela para a astúcia de terceira armadilha, tentando, pelo desejo do poder, aquele em quem as manifestações do poder divino tinham cessado: ele quis, portanto, levá-lo a venerá-lo, prometendo-lhe os reinos do mundo. Mas, a sabedoria de Deus tornou insensata a prudência do diabo: de forma que o orgulho inimigo fosse preso da mesma forma como tinha sido preso outrora, e que ele não temesse seguir aquele que deveria morrer pela salvação do mundo.

4. Como os maniqueus são enganados pelo demônio

Acautelemo-nos, pois contra as armadilhas deste adversário, não só quanto às seduições da gula, como também a propósito de nossa abstinência. Ele que soube impor a morte ao gênero humano através do alimento, sabe também prejudicar o jejum pelo mesmo alimento; utilizando-se para esta emboscada contrária de seus fiéis, os maniqueus, ele induz a evitar o que é permitido, como induziu a fazer aquilo que era proibido. Seguramente o costume da frugalidade é uma prática útil, que coíbe o apetite do prazer; mas, infeliz a doutrina daqueles para quem se peca mesmo jejuando! Eles condenam as naturezas das coisas criadas, injuriando, desta forma, o Criador, e afirmam que aqueles

que as comem, ficam contaminados pelas coisas cujo autor é o diabo e não Deus: ora, nenhuma substância é má, e o próprio mal não tem natureza. Com efeito, toda as coisas são boas, criadas por um bom autor, e só existe um criador de todas as coisas “foi ele quem fez o céu e a terra, o mar e tudo o que neles existe” (Sl 145,6). Daí tudo o que foi concedido ao homem para comida e para bebida é santo e puro, com as qualidades próprias de sua espécie. Se alguma destas coisas é tomada com excesso de avidez, é este excesso que desonra os comilões e os bebedores, e não a natureza da comida e da bebida que os macula. Assim, diz o Apóstolo, “Para os puros, todas as coisas são puras, mas para os impuros e descrentes nada é puro: tanto a mente como a consciência deles estão corrompidas” (Tt 1,15).

5. Acautelai-vos contra os que dissimulam sua incredulidade

Caríssimos, quanto à vós, descendência santa de nossa mãe católica, que fostes instruídos pelo Espírito Santo de Deus na escola da verdade, moderai a vossa liberdade de acordo com a justa razão, sabendo que é bom se abster até mesmo do permitido e quando necessário viver com maior mortificação, deve-se escolher entre os alimentos, para descartar alguns e não para condenar sua natureza. Não vos contamineis, pois, com o erro daqueles que maculam sobretudo sua observância, “que servem à criatura, ao invés do Criador” (Rm 1,25), dedicando uma abstinência tresloucada aos astros do céu: com efeito, eles escolheram o primeiro e o segundo dia da semana para jejuar em honra do sol e da lua, tornando-se assim, por um só ato de perversão, duplamente ímpios, duplamente sacrílegos, porque instituíram seu jejum para honrar ao mesmo tempo os astros e para desprezar a ressurreição do Senhor. Afastam-se assim, do mistério da salvação humana e não acreditam que o Cristo nosso Senhor nasceu verdadeiramente na plena corporeidade de nossa natureza, que ele sofreu verdadeiramente, foi verdadeiramente sepultado e ressuscitou verdadeiramente. É por isto que pela aflição de seu jejum, eles condenaram o dia que para nós é de alegria. E como para dissimular sua incredulidade, eles ousam penetrar em nossas assembléias, eis como eles se comportam na participação dos sacramentos: de tempo em tempo, com medo de não poder permanecerem inteiramente escondidos, eles recebem, com boca indigna, o corpo de Cristo, recusando-se porém, absolutamente, a beber o sangue da nossa redenção. Levamos isto ao conhecimento de vossa santidade, para que estas marcas vos revelem claramente estes homens e que, de outra parte, descoberta sua simulação sacrílega, sejam expulsos da sociedade dos santos, pela autoridade sacerdotal. A respeito destes homens, o bem-aventurado apóstolo Paulo adverte sabiamente a Igreja de Deus, dizendo: “Rogo-vos, entretanto, irmãos, que estejais alerta contra os provocadores de dissensões e escândalos contrários ao ensinamento que recebestes. Evitai-os” (Rm 16,17).

6. Objetivo das advertências: preparar os fiéis para as obras de misericórdia

Caríssimos, nós fizemos chegar freqüentemente aos vossos ouvidos estas advertências contra um erro detestável, a fim de que, suficientemente instruídos, possais acolher os santos dias da quaresma com piedosa devoção e preparar-vos para as obras de misericórdia para merecer a bondade de Deus. Eliminai a ira, apagai os ódios, amai a unidade e ajudai-vos uns aos outros, mediante bons serviços de uma sincera humildade. Mandai com equidade aos vossos escravos e àqueles que estão subordinados, que nenhum deles seja atormentado nas prisões ou nas correntes. Cessem as vinganças, as ofensas sejam perdoadas, transformai a severidade em doçura, a indignação em mansidão e a discórdia em paz. Percebam-nos todos homens modestos, calmos, bons: de tal modo que nossos jejuns sejam agradáveis a Deus. Enfim, nós lhe ofereceremos o sacrifício da verdadeira abstinência e da piedade verdadeira se soubermos nos abster de toda maldade. Mas, não tenhamos nenhuma comunhão de sentimentos com os inimigos da cruz de Cristo, para que a santidade dos fiéis não seja

corrompida associando-se aos ímpios. Separe-se a luz das trevas e os filhos da verdade fujam dos filhos do diabo. No templo do Senhor, que é a Igreja do Cristo, não deve ser introduzido nada de sujo, não pode ser admitido nada de profano, a fim de que excluída toda a impureza do íntimo dos nossos corações, seja santificado o nosso jejum, e sejamos eternamente a morada do Espírito Santo, que ele se digne, depois de nos ter purificado da mancha de nossos pecados, sempre nos possuir e governar. Jejuemos pois, na segunda, na quarta e na sexta-feira; no sábado, porém celebramos as vigílias junto do apóstolo Pedro, que não descuidando do rebanho que lhe foi confiado, conseguirá para nós a proteção de suas preces. Ajudados em tudo pela força de Deus Todo-poderoso, a quem pertence, com o Filho e o Espírito uma só divindade, uma só majestade nos séculos dos séculos. Amém

QUINTO SERMÃO SOBRE A QUARESMA

1. Extrema vigilância para não se deixar seduzir pelos desejos e ilusões

Caríssimos, o ensinamento apostólico nos adverte para que “desvestindo-nos do homem velho com as suas práticas” (Cl 3,9), nos renovemos a cada dia por uma santa maneira de viver. Se, na verdade, somos o templo de Deus e se o Espírito Santo habita em nossas almas, segundo nos diz o Apóstolo: “vós sois o templo do Deus vivo” (2Cor 6-16), é preciso que trabalhemos com muita vigilância para que o abrigo do nosso coração não seja indigno de tal hóspede. Da mesma forma que nas casas feitas pela mão do homem louva-se o zelo que consegue pôr em ordem aquilo que ficou deteriorado, seja pela infiltração das chuvas, seja pela violência das tempestades, seja apenas pela velhice, também é preciso estar precavido por uma especial atenção para que nada de desordenado, nada de sujo seja encontrado em nossas almas. Embora o nosso edifício não subsista sem o trabalho do artífice, e a nossa construção não possa permanecer incólume a não ser que a vigilância do seu autor esteja sempre presente, todavia, visto que somos as pedras racionais e matéria viva, nós fomos reunidos de tal maneira pela mão de nosso criador que, até aquele que está restaurado, trabalha em unidade com o seu mestre. Que a obediência do homem não se furte, pois, à graça de Deus, e que ela não renuncie a este bem sem o qual não poderia ser boa: se na realização dos mandamentos ela experimenta alguma coisa de impossível ou de difícil, não permaneça em si mesma, mas recorra àquele que manda: este outorga o preceito tanto para excitar o desejo como para conceder a ajuda, como diz o profeta: “Descarrega teu fardo em Deus e ele cuidará de ti” (Sl 54,23). Existirá alguém que seja de orgulho tão grande que se julgue ileso, tão imaculado que não precise de nenhuma renovação? Tal persuasão se engana passo a passo e quem quer que se julgue protegido de ser atingido pelas tentações da vida presente, perde-se por excessiva vaidade. Nossa vida está repleta de perigos, de armadilhas. Os desejos nos excitam, ficamos expostos às provocações das cobiças, às armadilhas das seduições, somos atraídos pelo lucro, tememos as perdas; amarga é a língua dos difamadores; nem sempre são verdadeiras as bocas que pronunciam os louvores: de um lado, escapa o ódio, de outro é a mentira oficializada que engana, de tal modo que é mais fácil evitar aquele que discorda do que se livrar do mentiroso.

2. Vicissitudes e ambigüidades põem em perigo a prática das virtudes

Na própria procura das virtudes, o meio justo é tão impreciso e o discernimento tão incerto que, se alguém, colocado entre os limites do bem e do mal, puder conservar as medidas através do julgamento mais sutil, é difícil que a língua dos difamadores não se atenha ao sentimento que possui de sua honestidade, e que, amigo da justiça, ele escape das injúrias dos maus. Mas, se o homem volta a sua reflexão para as vicissitudes das coisas temporais, quantas obscuridades vão se opor, quantos erros vão se levantar, frutos de opiniões perversas, para quem o confronto dos contrários fornecerá matéria para dissensões. Por exemplo, nenhuma alma fiel duvida que alguma parte deste mundo ou algum tempo escape à providência divina, que a realização dos negócios seculares não depende do poder dos astros, que não significam nada, mas, que tudo é comandado pela justíssima e demeritíssima decisão do soberano Rei, pois está escrito: “As sendas de Javé são todas amor e verdade” (Sl 24,10). No entanto, quando algumas coisas não acontecem de acordo com nossos desejos o erro da justiça humana freqüentemente favorece mais à causa do mau do que a do justo, até as grandes almas não estão longe, antes, estão muito perto de serem abaladas e de caírem no murmúrio de alguma crítica culpável. Também Davi o mais excelente dos profetas, reconhece que estas vicissitudes o perturbavam até pô-lo em perigo e diz: “Por pouco meus pés tropeçavam, um

nada e meus passos deslizavam, porque invejei os arrogantes, vendo a prosperidade dos ímpios” (Sl 72,2-3). Se, portanto, são poucos os que possuem fortaleza tão sólida que nenhum abalo provindo das desigualdades possa perturbá-los, e se muitos fiéis se deixam corromper não só pelas provações, mas ainda pelo sucesso, é preciso que nos esforcemos atentamente para tratar e sanar estas feridas que enfraquecem a natureza humana. É por isso que relembrei, brevemente, alguns dos perigos que assolam o mundo atual, a fim de que todos compreendam a necessidade que têm de indulgência para suas faltas e do remédio para sua cura, pois a Escritura afirma: “Quem pode dizer: ‘Purifiquei meu coração, do meu pecado estou puro?’ ” (Pr 20,9).

3. Os exercícios da quaresma são necessários a todos

Caríssimos, na verdade, qual seria o momento mais oportuno para recorrermos aos remédios divinos do que este em que o próprio curso do tempo traz até nós os mistérios da nossa redenção? Para celebrá-los mais dignamente será muito salutar que nos preparemos com jejum de quarenta dias. O auxílio desta santificação não é útil e necessário apenas para aqueles que, graças à regeneração do batismo, devem passar para uma vida nova pelo mistério da morte e ressurreição do Cristo; mas, é útil e necessário também a todo o povo dos regenerados: os primeiros têm necessidade deste auxílio para receber aquilo que ainda não possuem, os outros, para conservar aquilo que já receberam. Quando o Apóstolo diz: “Assim, pois, aquele que julga estar de pé, tome cuidado para não cair” (1Cor 10,12), lembra, na verdade, que ninguém está tão firmemente sustentado que possa estar seguro de sua estabilidade. Sirvamo-nos, pois, caríssimos, destas instituições veneráveis do mais favorável dos tempos, e purifiquemos o espelho de nosso coração com uma preocupação muito maior. Por mais casta e sábia que seja, esta vida mortal que levamos não deixa de estar coberta por uma leve poeira da nossa condição terrestre, e o esplendor das almas criadas à imagem de Deus não é de tal modo preservado da fumaça de todas as vaidades a ponto que nenhuma mancha possa obscurecê-la e que ela não sinta necessidade constante de ser reavivada. Se isto se faz indispensável para as almas mais escrupulosas, quanto mais deve ser procurado por aquelas que passaram quase todo o ano confiando mais nelas mesmas ou, talvez, com mais negligência? A estas advertimos, pelo amor que nos impulsiona, que não se vangloriem, porque não podemos conhecer todas as consciências, pois nem os lugares escondidos, nem as encostas dos muros detêm o olhar de Deus, que tudo vê ao mesmo tempo; ele conhece não somente o que fizemos e pensamos, mas também o que faremos e pensaremos. Este é, portanto, o conhecimento do supremo juiz, este é o seu olhar amedrontador: a opacidade é transparente para ele e qualquer segredo lhe é desvelado; as coisas obscuras são iluminadas para ele, as mudas lhe respondem, o silêncio o proclama e a mente fala sem voz. Ninguém, portanto, cujos pecados ficaram impunes, pense que por ainda não ter experimentado o efeito de sua cólera, ele não está ofendido. O percurso desta vida terrena não é longo nem dura muito tempo a permissão dos desvairados: ela dará lugar ao sofrimento das penas eternas se não se procurar o remédio da penitência enquanto a sentença da justiça estiver suspensa.

4. Cada um é um ministro de Deus

Refugiemo-nos, pois, na misericórdia de Deus, presente em todo lugar, e que o coração de todos os fiéis se santifique para celebrar, por uma digna observância, a santa Páscoa do Senhor. Que o rigor se aquiete, que o desatino seja atenuado, que todos se perdoem mutuamente as faltas, e que aquele que está pedindo perdão não esteja ao mesmo tempo pedindo vingança. Se, dizemos: “Perdoai-nos as nossas dívidas, como também nós perdoamos aos nossos devedores” (Mt 6,12), aprisionamo-nos com pesados grilhões, se não cumprimos o que professamos. Daí, se não observamos perfeitamente o compromisso desta oração em todo o seu conteúdo, que pelo menos agora cada um

reconheça o que lhe dita sua consciência e, perdoadando as faltas dos outros, obtenha o perdão de Deus para os próprios pecados. O Senhor disse: “Se perdoardes aos homens os seus delitos, também o vosso Pai celeste vos perdoará” (Mt 6,14); cada um, pois, tem perto de si o que pede, uma vez que a sentença do juiz depende da bondade do suplicante: aquele que ouve com misericórdia e justiça as preces dos homens, fixou para si como regra de justiça nossa própria bondade, de modo que não precise usar a severidade do direito contra aqueles que ele não encontrar ávidos de vingança.

Mas, para as almas clementes e doces convém também a liberalidade. Nada é mais digno para o homem do que imitar seu criador e, na medida de suas possibilidades, ser o executor da obra divina. Porque, quando os famintos são alimentados, quando os nus são vestidos, quando os enfermos são cuidados, não é a mão do ministro trazendo a ajuda de Deus e a bondade do escravo não é dom do Senhor? Ele que não tem necessidade de ajuda para exercer sua misericórdia, regulou o exercício de sua onipotência de tal forma que seja através dos homens, que ele venha em socorro dos homens. E com justiça, damos graças a Deus pela ajuda da caridade, porque são suas obras que se manifestam em seus servidores. Por isso o próprio Senhor disse aos discípulos: “Brilhe do mesmo modo a vossa luz diante dos homens para que, vendo as vossas boas obras, eles glorifiquem vosso Pai que está nos céus” (Mt 5,16); ele que, com o Pai e o Espírito Santo, vive e reina como Deus, pelos séculos dos séculos. Amém.

SEXTO SERMÃO SOBRE A QUARESMA

1. Tempo oportuno para um exame mais atento dos vícios, das doenças e das feridas para lhes aplicar remédio eficaz

Caríssimos, “a terra, em todos os tempos, está plena da misericórdia do Senhor” (Sl 32,5) e cada um dos fiéis encontra na própria natureza ensinamento para adorar a Deus, por quanto o céu e a terra, “o mar e tudo o que eles contêm” (Sl 145,6) proclamam a bondade e a onipotência do seu autor e a admirável beleza dos elementos postos para vosso serviço exige da criatura inteligente justa ação de graças.

No entanto, chegando os dias marcados especialmente pelo mistério da restauração humana, dias que precedem imediatamente no tempo, a festa pascal, somos convidados a nos preparar mais cuidadosamente por purificação religiosa. Embora a vida de muitos seja inocente em qualquer momento e grande número seja agradável a Deus pelo costume das boas obras, não se deve, a despeito disso, confiar de tal modo na integridade da consciência, que se chegue a pensar que no meio dos escândalos e das tentações dos quais a fragilidade humana está constantemente cercada, nada se encontre que possa lesá-la; com efeito, o mais excelente dos profetas afirma: “Quem pode dizer: ‘purifiquei meu coração, do meu pecado estou puro’?” (Pr 20,9). E ainda: “Purifica-me das faltas escondidas, preserva também o teu servo do orgulho” (Sl 18,13-14). Se porém, como é comprovado pela experiência tal é a condição daqueles que resistem às suas cobiças, que lutam contra os movimentos da cólera e que chegam mesmo a dominar seus pensamentos secretos que, de uma parte, não podem, em nenhum momento, examinar seu coração sem encontrar alguma coisa reprovável e, de outra, freqüentemente, ou são enganados por faltas escondidas ou atormentados por pecados que lhes são alheios, é preciso, portanto, que neste tempo examinem mais autenticamente quais são os vícios, quais são as doenças, quais são as feridas a que se deve aplicar tratamento mais austero: desta forma não serão encontrados alheios à graça do sacramento, cujo efeito é destruir as obras do diabo. É próprio da solenidade pascal, com efeito, fazer com que toda a Igreja se alegre com o perdão dos pecados, perdão que não é concedido somente aos que renascem pelo santo batismo, mas também para aqueles que já são contados entre os filhos adotivos. Sem dúvida, é principalmente o banho da regeneração que torna os homens novos; mas, permanece para todos a obrigação de se renovar dia-a-dia, para limpar a poeira inerente à condição mortal e no caminho da perfeição, não existe ninguém que não possa sempre se tornar melhor; todos devem se esforçar para que no dia da redenção ninguém se encontre nos vícios antigos.

2. O jejum deve estar aliado à supressão dos vícios e à prática das obras de bondade

Caríssimos, aquilo que cada cristão deve fazer em todo tempo é consagrar-se agora com mais fé e amor; assim poderemos cumprir a obrigação apostólica de jejuar durante quarenta dias, não só pela parcimônia dos alimentos, mas sobretudo pela supressão dos vícios. Com efeito, como esta abstinência tem por objetivo suprimir os desejos corporais, nenhuma mortificação pode ser mais bem praticada do que aquela com que sejamos sempre invulneráveis aos desejos injustos e à ação desonesta do jejum. Tal proposta não deixa de lado os doentes nem segrega os inválidos: porque até em um corpo prostrado e inútil se pode encontrar uma alma sadia se os fundamentos da virtude são encontrados onde antes estava a sede do vício. E esta doença de corpo enfermo, doença que, freqüentemente, excede a medida de sofrimento voluntário, permite pelo menos que o espírito exerça o papel que lhe convém e, assim, não recorrendo à satisfação corporal, permite que não se alimente

de alguma iniquidade.

Mas, nada está mais unido utilmente aos jejuns razoáveis e santos do que as boas obras das esmolas, que sob o nome único de obras de misericórdia, também abrangem muitas ações louváveis de bondade, graças às quais, apesar de recursos desiguais, as almas de todos os fiéis podem se igualar entre elas. O amor que se deve igualmente a Deus e ao homem nunca seja impedido por obstáculos tais que não deixe mais livre para desejar sempre de acordo com o bem. Se os anjos disseram: “Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade” (Lc 2,14) é porque não só a virtude da benevolência como também, a paz tornam felizes aqueles que, por seu amor, combatem toda a miséria que maltrata os outros. As obras da bondade são muito extensas, e sua própria diversidade permite aos verdadeiros cristãos terem a sua parte na distribuição das esmolas, quer sejam ricos e vivam na abundância, quer ao contrário, sejam pobres e vivam pouco à vontade, de maneira que aqueles que são desiguais nas suas possibilidades patrimoniais, sejam pelo menos semelhantes pelo afeto do coração. Quando, sob o olhar do Senhor, muitos ofereciam para o tesouro do templo grandes somas tiradas da sua riqueza, uma viúva oferece duas moedas de prata mereceu ser elogiada pelo testemunho de Jesus Cristo, sendo sua oferta tão pequena preferida à oferta de todos os outros: porque, diante dos grandes dotes daqueles que ainda ficavam com muito, o seu foi tão pequeno, mas foi tudo o que tinha. No entanto, se alguém estiver reduzido a pobreza tão angustiante que não possa doar sequer duas moedas a um indigente, encontra nos mandamentos do Senhor como cumprir o dever da bondade. Porque se aquele que der um copo de água fria a um pobre sedento receberá recompensa de seu gesto: quantos meios o Senhor preparou para os seus servidores para alcançarem seu Reino se até do dom da água, cujo uso é gratuito e difundido, não deixa de ter sua recompensa! Para que nenhuma dificuldade fosse interposta, foi proposto o exemplo da água como forma de misericórdia, para que aquele a quem faltasse a lenha para o aquecimento, não se sentisse frustrado de recompensa. O Senhor adverte, no entanto, e não sem razão, que este copo de água deve ser dado em seu nome, porque é a fé que torna preciosas essas coisas insignificantes em si mesmas, e que os dons oferecidos pelos in-fiéis, ainda que em grande pompa, são todavia vazios de toda justiça.

3. Quaresma é tempo do perdão mútuo para alcançarmos o perdão divino

Portanto, caríssimos, vós que vos empenhais em celebrar a Páscoa do Senhor, exercitai-vos através dos santos jejuns de modo que chegueis à mais santa de todas as festas, livres de todas as perturbações. O desejo da humildade expulse o espírito de soberba, fonte de todos os pecados, e a mansidão aquiete aqueles que foram dominados pelo orgulho. Aqueles cujas almas ficaram exasperadas por alguma ofensa, reconciliados entre eles, procurem voltar para a unidade da concórdia. “A ninguém pagueis o mal com o mal” (Rm 12,17), mas perdoai-vos mutuamente como Cristo nos perdoou, apagai com paz as inimizades humanas; e, se alguns dentre vossos subordinados merecer a prisão ou as correntes, perdoai-os misericordiosamente: de modo que nós que todos os dias precisamos dos remédios da indulgência, perdoemos sem dificuldades as faltas dos outros. Se dizemos ao Senhor nosso pai: “Perdoa-nos as nossas dívidas, como nós perdoamos aos nossos devedores” (Mt 6,12) é absolutamente certo que concedendo o perdão às faltas dos outros, preparamos para nós mesmos a clemência divina. Por nosso Senhor Jesus Cristo, que com o Pai e o Espírito Santo, vive e reina pelos séculos e séculos. Amém.

SÉTIMO SERMÃO SOBRE A QUARESMA

1. É tempo de preparar os caminhos do Senhor

Caríssimos, a virtude e a sabedoria da fé cristã é o amor de Deus e o amor do próximo; não deixamos de lado nenhum dever da piedade se nos preocupamos em honrar o Senhor e ir ao encontro de quem o serve conosco. A dupla unidade destes afetos deve ser exercitada em todo tempo e aumentada por incessante progresso; mas agora é preciso que ela seja dilatada com investimentos mais amplos, pois o anúncio do jejum quaresmal prelúdio da festa pascal, deve sensibilizar o ouvido do nosso coração de acordo com a forte voz de João Batista, que tomando as palavras do profeta Isaías, afirmava: “Preparai o caminho do Senhor, endireitai suas veredas” (Is 40,3; Lc 3,4). Com efeito, quer se trate daquela parte do povo que, tendo já experimentado os combates da arena evangélica, esforça-se, sem tréguas, para conquistar o prêmio na corrida do estádio espiritual, ou daquela parte que, consciente dos pecados mortais, apressa-se na busca do perdão pelo remédio da reconciliação; quer, enfim, daquela parte que, estando para ser regenerada pelo batismo do Espírito Santo, deseja se despojar do velho Adão, para ser revestido da novidade do Cristo, a todos este convite é feito de modo apto e útil: “Preparai os caminhos do Senhor, tornai retas as suas veredas”. Quais são, portanto, os caminhos do Senhor e quais são suas veredas, aprendamos da pregação do mesmo arauto que, prometendo as obras e os dons da graça divina, desvelava as transformações que deveriam se realizar, acrescentando estas palavras tomadas do Profeta: “Todo vale será aterrado, toda montanha ou colina será abaixada; as vias sinuosas se transformarão em retas e os caminhos acidentados serão nivelados” (Is 40,4; Lc 3,5). O vale significa, portanto, a doçura dos humildes, a montanha e a colina, a elevação dos soberbos. Mas, como diz a Verdade “quem se humilha será exaltado e quem se exalta será humilhado” (Lc 14,11), o que está sendo anunciado é que os vales serão aterrados e que as montanhas serão abaixadas, de sorte que aquilo que tiver sido aplainado não oferecerá nenhuma ocasião de queda e o que tiver sido endireitado não oferecerá nada de tortuoso. Pois embora “seja estreito e apertado o caminho que conduz à vida” (Mt 7,14), não caminha nele com dificuldade quem está fortificado pela verdade e pela piedade: e a alegria de progredir não falta àquele cujo caminho está reforçado pelas pedras da virtude e não em caminho tornado movediço pela areia dos vícios.

2. A unidade dos caminhos da verdade e da misericórdia, da fé e da caridade

Para que aprendamos mais seguramente quais são os caminhos pelos quais devemos procurar os bens prometidos por Deus, ouçamos o ensinamento do Profeta Davi: “As sendas de Javé são todas amor e verdade” (Sl 24,10). Portanto, a forma segundo a qual os fiéis devem se comportar, provém do exemplo das obras divinas: com razão Deus exige ser imitado por aqueles que ele criou à sua imagem e semelhança. Na verdade, só gozaremos da honra de sua glória se descobirmos em nós a misericórdia e a verdade. Por meio delas o Salvador chegou até àqueles que ele queria salvar, por elas, os redimidos devem se elevar até ao Salvador, de maneira que a misericórdia de Deus nos torna misericordiosos e sua verdade de nos torna verdadeiros. Assim como a alma justa caminha pela estrada da verdade, assim a alma benevolente caminha pela estrada da misericórdia. No entanto, estes caminhos nunca se separam, como se cada um desses bens devesse ser procurado por trâmites diferentes, e como se crescer em misericórdia fosse uma coisa e progredir na verdade outra. Aquele que não é misericordioso não se identifica com a verdade, do mesmo modo que aquele que desconhece a bondade é incapaz de justiça. Aquele que não é sensível a nenhuma das duas, também não pratica nem uma nem outra. A caridade é a força da fé, a fé é a energia da caridade. Ambas só

encontram seu verdadeiro nome e seu verdadeiro fruto quando sua união permanece indissolúvel. Onde não estiverem juntas, elas faltam juntas, porque uma é para a outra ajuda e luz, até que a recompensa da visão preencha o desejo da fé e que se veja e se ame sem possibilidade de mudança daquilo que hoje não pode ser amado sem a fé e que não pode ser acreditado sem o amor. Porque, como diz o Apóstolo: “Em Cristo Jesus nem a circuncisão tem valor, nem a incircuncisão, mas a fé agindo pela caridade” (Gl 5,6), apliquemo-nos, portanto, ao mesmo tempo e conjuntamente tanto à caridade, quanto à fé. Aí está, com efeito, o poderosíssimo vôo de duas asas que sustenta a alma pura até merecer a visão de Deus, a fim de que o peso das preocupações materiais não a conduza para baixo. Pois aquele que diz: “Sem a fé é impossível agradar a Deus” (Hb 11,6), também diz: “Ainda que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse a caridade nada sou” (1Cor 13,2). Daí, para render aos mistérios divinos das solenidades pascais a homenagem que lhes é devida, procuremos, com maior aplicação, essas duas coisas nas quais encontramos o ensinamento de todos os mandamentos e pelos quais cada fiel em particular se torna, ao mesmo tempo, sacrifício e templo de Deus. Aplique-se a fé a esperar aquilo em que ela crê; dedique-se a caridade a favorecer aquele que ela ama: uma e outra são próprias daquele que ama e daquele que crê. Unamo-nos pela imitação do amor àquele a quem nos submetemos pela homenagem da inteligência. Esta é a voz de Deus: “Sede santos, porque eu sou santo” (Lv 19,2); e esta é a voz do Senhor: “Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36).

3. Quais os princípios que presidem o julgamento divino

Para que não duvidemos que aquilo que é prodigalizado ao pobre é dado a Deus, compreendamos qual o intercâmbio estabelecido pelos dispensadores de esmola, ouvindo o Senhor declarar qual o princípio que conduzirá seu julgamento quando ele dirigir sua palavra àqueles que estiverem à sua direta: “Vinde benditos de meu Pai, recebei por herança o reino preparado para vós desde a fundação do mundo. Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me acolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me” (Mt 25,34-36). E quando os justos perguntarem quando e como eles realizaram isso, respondendo o Rei lhes dirá: “Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequenino, a mim o fizestes” (ib. 40a). O que é mais apro-veitável do que esta obra? O que é mais feliz do que esta humanidade? Ela já não será indigna de louvor, se o homem a realizar para socorrer seu semelhante a título de sua comunhão de natureza. Mas aquilo que não tem sua origem na fé, não obtém prêmios eternos; uma é a condição das obras celestes, outra, das obras terrestres. A benevolência deste mundo tem seu fim naqueles que ela ajuda; a bondade cristã chega até seu autor; e não somos considerados bons para com aquele que, como acreditamos, realiza em nós, de acordo com a palavra do Senhor: “Brilhe, do mesmo modo a vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas obras, glorifiquem vosso Pai que está nos céus” (Mt 5,16).

4. Deus será misericordioso com os humildes e com os clementes

Alegre-te, pois, alma fiel, e reconhecendo tua glória na glória daquele que age em ti, que a festa pascal seja para ti motivo de fervor. Pois é teu dever estar preparada para sofrer com aquele que sofreu por todos: pois a vida piedosa dos santos nunca é estranha à cruz de Cristo enquanto ela crucifica os desejos da carne com os pregos da abstinência e extermina os instintos corporais pela energia do Espírito que habita neles. É difícil a quem quer que seja não ter em si algo que deva parecer. É preciso extinguir a raiva, mortificar a soberba, anular a luxúria, procurar também, mais profundamente, a raiz da avareza, a fim de poder suprimir o germe de todos os males, conseguindo erradicar o foco. Sem dúvida, é necessário dedicar-se habitualmente ao cultivo da própria alma,

servindo-se do corpo, de tal modo que a natureza inferior forneça àquele que a governa um serviço indispensável; mas é sobretudo agora que o corpo deve ser contido pelos freios da abstinência e que é importante extirpar tudo o que se opõe aos desejos mais sublimes. Neste momento, quando as duas substâncias de que somos feitos se preparam, com preparativos condizentes, para celebrar a Páscoa do Senhor, alimenta-se em si um hábito que deve ser útil em qualquer tempo. Diminuamos a severidade das nossas ordens em relação aos nossos subordinados, esqueçamos a vingança de um erro, e que aqueles que são culpados de algum crime, alegrem-se com a chegada desses dias em que, sob a autoridade dos príncipes santos e piedosos, ameniza-se o rigor das penitências públicas. Que sejam abolidos os ódios, que as rivalidades desapareçam, que o amor da paz e da bondade se multiplique em todo lugar; enfim, que aquele que se deixou contaminar pela maldade, se esforce para se purificar pela bondade. Porque o julgamento de Deus, severo para com aqueles que não tiveram humildade, mostrar-se-á clemente para com os misericordiosos; enquanto os homens de sua esquerda serão lançados no fogo da geena pela sua falta de humanidade, a felicidade eterna do reino celeste acolherá os da direita que serão louvados pela doação generosa de suas esmolas. Por nosso Senhor Jesus Cristo que, como o Pai e o Espírito Santo, vive e reina por todos os séculos dos séculos. Amém.

OITAVO SERMÃO SOBRE A QUARESMA

1. Jejuns inúteis daqueles que não se alimentam da verdadeira carne de Cristo

Caríssimos, nós conhecemos o fervor de vossa devoção para saber que, nos jejuns que precedem a Páscoa do Senhor, muitos dentre vós aguardam nossas exortações. Mas, uma útil abstinência é necessária não somente para conter o corpo, como também para purificar a alma; esperamos, outrossim, de vós uma observância tão perfeita que saibais fechar as portas do vosso espírito para o erro e recusar as vontades materiais aos instintos do corpo. Com efeito, na festa da Páscoa, para a qual convergem todos os mistérios de nossa religião, aquele cujo coração não está manchado por nenhum sentimento contrário à fé, prepara-se por uma purificação autêntica e conveniente. Diz, na verdade, o Apóstolo: “Pois tudo o que não procede da boa fé é pecado” (Rm 14,23), serão inúteis e sem sentido os jejuns daqueles que foram enganados pelo pai da mentira, por suas ilusões e que não são alimentados pelo verdadeiro corpo de Cristo. Conseqüentemente, nos devemos submeter com todo o nosso coração aos divinos mandamentos e à salutar doutrina e, de outra parte, devemos nos abster prudentemente das opiniões dos ímpios. A alma, com efeito, realiza um jejum santo e espiritual quando ela rejeita os alimentos do erro e os venenos da falsidade; um inimigo enrustido e hipócrita administra esses venenos muito insidiosamente neste momento em que, pela retomada da venerável solenidade, a Igreja, no seu todo, é chamada de novo para compreender melhor os mistérios de sua salvação. O verdadeiro confessor e cultivador da ressurreição de Cristo é aquele que não faz confusão a respeito de sua paixão e que não se engana em relação ao seu nascimento corporal. Porque alguns, envergonhando-se do Evangelho na cruz de Cristo e tentando audaciosamente reduzir a nada o suplício vivido pela redenção do mundo, chegaram a negar no Senhor a natureza de corpo autêntico. Eles não compreenderam que a divindade, impassível e imutável do verbo de Deus, mesmo voltando-se para a salvação dos homens, de uma parte, nada perdeu por força do poder que lhe é próprio e, de outra, assumiu aquilo que nos pertence, por causa de sua misericórdia. Assim, em Cristo, existe uma pessoa, com dupla natureza: filho de Deus, ele mesmo filho do homem é um só Senhor, que assume a condição de servo por desígnio da sua bondade, sem ser constrangido pela lei de qualquer necessidade: ele se fez humilde pelo poder, passível, pelo poder; mortal, pelo poder; porque, para destruir o império do pecado e da morte, era necessário que a substância pela qual ele era fraco, fosse suscetível de sofrer, e também a natureza pela qual ele era onipotente, não perdesse nada da sua glória.

2. Unidade indissolúvel do Verbo e da carne de Cristo

Assim sendo, caríssimos, lendo ou ouvindo o evangelho, se descobrires em nosso Senhor Jesus Cristo alguns traços sujeitos à injúria, outros ilustrados por milagres, de sorte que no mesmo homem ora transpareçam caracteres humanos, ora resplandeçam caracteres divinos, não queirais, então, atribuir uns e outros a alguma falsidade, como se em Cristo houvesse apenas a humanidade ou a divindade; mas, crede fielmente em uma e em outra, adorai humildemente tanto uma como outra, reconhecendo que nada divide a unidade do Verbo e da carne e, porque se manifestam em Jesus sinais divinos, não sejam vistas como falsas as manifestações corporais. São abundantes e verdadeiros nele os testemunhos de uma e de outra natureza; o desígnio divino, em sua profundidade, quis que eles concorressem para fazer compreender que a divindade na carne e a carne na divindade participam em tudo do Verbo impassível que não se separa da carne passível.

Alma cristã que foge da mentira, que é discípula da verdade, procure servir-se confiantemente da história evangélica: considere as ações visíveis do Senhor ora a partir de uma inteligência espiritual,

ora de uma visão corporal, como se estivesse em companhia dos apóstolos. Atribui ao homem o fato que a criança nasceu de mulher; a Deus, o fato que nem sua concepção, nem seu nascimento violaram a virgindade de sua mãe. Reconhece a condição de servo, envolto em panos, deitado num presépio; mas é preciso confessar a forma do Senhor anunciada pelos anjos, proclamada pelos elementos, adorada pelos magos. Compreende que, como homem, não recusou a festa nupcial; admite que, como Deus, transformou a água em vinho. Reconhece nele os nossos sentimentos, quando chora por amigo morto; comprova o poder da divindade quando, pelo poder de sua palavra, faz o mesmo amigo sair vivo do sepulcro, depois de estar enterrado há quatro dias, de já estar cheirando mal. Cuspir no chão, fazer lama com a saliva foi ação corpórea; mas, iluminar os olhos do cego, ungidos com esta lama, ninguém duvida que isto pertença ao poder que foi reservado para manifestação de sua glória, o que não tinha sido dado no princípio da natureza. É próprio de homem verdadeiro descansar a fadiga do corpo, dormindo; mas, é próprio do Deus verdadeiro amainar a violência da tempestade furiosa, com a força de sua ordem. Dar de comer aos famintos é próprio da bondade e de coração social; mas, quem ousaria negar ser obra da divindade saciar com cinco pães e dois peixes cinco mil homens, sem contar as mulheres e as crianças? Cooperando com a divindade, os serviços de um corpo verdadeiro, este demonstra estar no homem e o homem, nele: porque a natureza humana só poderia ser curada das feridas deixadas nela pela antiga culpa original se o Verbo de Deus, tomando para si uma carne no útero da Virgem, nascesse numa só e mesma pessoa a carne e o Verbo.

3. Abster-se das mentiras e da perversa opinião dos heréticos para professar a verdadeira fé

Caríssimos, conservando num coração inabalável esta fé na encarnação do Senhor, ela que faz da Igreja inteira o Corpo de Cristo, jejuai de todas as mentiras dos heréticos, acreditai que as obras de misericórdia vos serão proveitosas e que guardareis utilmente a pureza da abstinência se nenhuma opinião perversa contaminar vossas almas. Rejeitai os argumentos da sabedoria do mundo que são contrários ao Senhor, pois por meio deles ninguém pode chegar ao conhecimento da verdade; mas, guardai solidamente na alma o que professais no Símbolo. Acreditai no Filho de Deus, co-eterno com o Pai, pelo qual tudo foi feito e sem o qual nada foi feito, gerado também segundo a carne, no fim dos tempos. Crede que, corporalmente, ele foi crucificado, morreu e ressuscitou e foi elevado acima de todas as manifestações celestes, que foi colocado à direita do Pai e que virá julgar os vivos e os mortos, na mesma carne com a qual subiu. É o que o Apóstolo prega a todos os fiéis quando diz: “Se, pois, ressuscitastes com Cristo, procurai as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Pensai nas coisas do alto e nas da terra, pois morrestes e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus, quando Cristo que é a nossa vida se manifestar então vós também com ele sereis manifestados em glória” (Cl 3,1-4).

4. Aquele que perdoa será liberto das tentações e do mal

Caríssimos, possuindo a confiança dada por esta promessa, sede celestiais, não somente pela esperança, mas também pela conduta. E, embora seja necessário em qualquer tempo aplicar-se à santificação da alma e do corpo, é agora, no entanto, no decorrer desses quarenta dias de jejum que deveis vos tornar exemplos pelas obras de piedade mais solícitas, não só pela distribuição das esmolas que exercem grande poder para nossa mudança, mas também perdoadando as ofensas e renunciando aos danos dos pecados; deste modo, a condição que Deus estabeleceu entre ele e o homem não cria resistência para aqueles que rezam. Com efeito, quando dizemos, de acordo com o ensinamento do Senhor: “Perdoai as nossas dívidas, como nós perdoamos aos nossos devedores” (Mt 6,12), devemos realizar de todo coração aquilo que dizemos. Assim, realizar-se-á plenamente o que pedimos na seqüência: que não sejamos submetidos à tentação e que sejamos libertos de todo o

mal. Por nosso Senhor Jesus Cristo que, com o Pai e o Espírito Santo vive e reina pelos séculos dos séculos. Amém.

NONO SERMÃO SOBRE A QUARESMA

1. O mais solene dos mistérios cristãos, a páscoa, exige profunda preparação

Caríssimos, dentre todas as solenidades cristãs não ignoramos que o primeiro lugar é ocupado pelo mistério pascal; para acolhê-lo digna e convenientemente preparamo-nos pelas instituições do ano inteiro. No entanto, os dias atuais exigem o máximo de nossa devoção, porque estamos muito próximos desse sacramento infinitamente sublime da divina misericórdia. Nesses dias, pois, maiores jejuns foram decretados com acerto pelos santos apóstolos, sob inspiração do Espírito Santo, a fim de que, assumindo nossa parte na cruz de Cristo, façamos alguma coisa naquilo que ele fez por nós, segundo as palavras do Apóstolo: “Se sofremos com ele, também com ele seremos glorificados” (Rm 8,17). Segura e certa é a espera da bem-aventurança prometida, onde existe participação da paixão do Senhor. Não existe ninguém, caríssimos, que seja impedido de ter parte nesta glória, pelas condições do tempo em que vive, como se a tranqüilidade da paz estivesse vazia de ocasiões de virtude. O Apóstolo, com efeito, nos ensina que: “Todos os que quiserem viver com piedade em Cristo Jesus serão perseguidos” (2Tm 3,12); é por isso que jamais faltará a provação da perseguição, se não faltar o exercício da piedade. O próprio Senhor nos diz em suas exortações: “Aquele que não toma a sua cruz e não me segue, não é digno de mim” (Mt 10,38). Não devemos duvidar que esta palavra é dirigida não somente aos discípulos de Cristo, mas a todos os fiéis e à Igreja universal, que ouvia, assim, as condições de sua salvação naqueles que lá estavam presentes. Como se deve viver piedosamente em qualquer tempo, assim também em qualquer tempo se deve carregar a cruz: esta cruz que, por direito, cada um pode dizer sua, porque ela é carregada por cada um, de acordo com os modos e as medidas que lhe são próprios. A perseguição só tem um nome, mas a causa do combate é múltipla, e, freqüentemente, existe mais perigo em um traidor escondido do que em um inimigo manifesto. O santo homem Jó, ensinado pela sucessão de bens e de males neste mundo, afirma piedosa e verazmente: “Não está o homem condenado a trabalhos forçados aqui na terra?” (Jó 7,1). Com efeito, a alma fiel não é atacada apenas pelas dores e pelos sofrimentos do corpo, mas também sempre que a integridade destes membros seja atacada, uma grave doença a ameaça quando ela está enfraquecida pelo desejo do corpo. No entanto, quando “a carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espírito contrárias às da carne” (Gl 5,17), a alma racional é munida pela ajuda da cruz de Cristo: ela não consente nos desejos culpáveis que a tentam, porque está traspassada pelos pregos da continência e pelo temor de Deus. Contra estes que se decidiram por um bom propósito, o diabo não deixa de suscitar a hostilidade daqueles cujos costumes repreensíveis parecem mais detestáveis ainda comparados aos dos justos. A iniquidade jamais está em paz com a justiça, a embriaguez detesta a temperança, a mentira não pode fazer acordo com a verdade; o orgulho não gosta da humildade, nem a petulância, da moderação, nem a avareza, da liberalidade: esta oposição faz surgirem conflitos tão enraizados que, mesmo se, externamente, ela deixa as coisas sossegadas, não cessa, no entanto, de pôr a dúvida no mais profundo do coração dos fiéis; assim, é verdade que “todos aqueles que desejam viver piedosamente no Cristo sofrerão perseguição” é verdade também que toda a vida presente é uma tentação. Que cada fiel, instruído pelas suas próprias experiências, arme-se com a cruz de Cristo a fim de ser reconhecido digno de Cristo.

2. Demonstrações contra o maniqueísmo e apolinarismo

Caríssimos, quanto a estes que se esforçam para chegar às recompensas eternas, através desse combate, a astúcia do diabo lhes arma suas especiais emboscadas, para solapar sua fé, não podendo

corromper sua virtude. Todo aquele que, com efeito, é excluído da confissão da verdade, encontra-se deslocado para outro caminho, e todo o seu esforço o afasta sempre mais deste caminho: ele se encontrará tanto mais próximo da morte quanto mais longe estiver da luz católica. O que, também em nossos dias, é experimentado por alguns, pelo seu descuido, pois, seguindo um erro outrora destruído e condenado, conceberam uma doutrina insensata, embora antiga: eles ousam negar a dupla natureza de Cristo, dizendo seja que ele não assumiu um corpo verdadeiro, seja que a divindade foi transformada em corpo: assim, ou de acordo com Manes não existe nenhuma ressurreição daquele que também não padeceu; ou, segundo Apolinário, a própria divindade do Verbo sendo mutável, torna-se passível. Mas, pensar nisto, apresentar isto para os ouvidos do povo cristão, que outra coisa pode ser senão desmoronar as próprias bases da nossa religião e negar que o verdadeiro Filho de Deus seja verdadeiro filho do Homem? Ora, é somente sobre esta verdade que repousa a restauração do gênero humano, testemunhada pela lei, prometida pelos profetas e anunciada por todos os símbolos do Antigo Testamento: de tal modo que ninguém possa duvidar da realização deste grande sacramento da misericórdia divina, no momento pré-estabelecido, depois de ter sido prefigurado, freqüentemente, durante muito tempo, devendo ser proveitoso para todos os séculos. Do fato que “o Verbo se fez carne” (Jo 1,14) se deduz que no Cristo só existe uma pessoa, Deus e Homem, de tal modo que em nenhuma de suas ações exista divisão das duas naturezas; no entanto, a verdade evangélica procura chamar, freqüentemente, de Filho do Homem aquele que se diz Filho de Deus: dentre as coisas narradas, algumas são próprias da humanidade, outras, da divindade, mas todas são lembradas sob o nome do Filho do Homem: poder-se-ia temer que uma fé dirigida a crer que o Senhor Jesus Cristo, nascido da Virgem Maria, é ao mesmo tempo Deus e Homem, não hesitasse em confessar seja a humanidade em Deus, seja a divindade no homem, quando se encontram, no Verbo, da humildade verdadeira a humanidade assumida e, na carne, a verdadeira majestade de Deus que a assume.

3. As obras de piedade como o perdão das ofensas, o socorro aos necessitados enriquecem o jejum

Caríssimos, por ocasião da festa pascal, para a qual devemos preparar nossos corações, nós tratamos dessas questões concernentes à encarnação do Verbo — o que já é suficiente — para que não esqueçais o ensinamento que já recebestes diversas vezes a respeito disso. Agora, exorto vossa devoção, como o tempo o exige, para que enriqueçais com obras de piedade este jejum santo e salutar. E uma vez que é necessário se esforçar muito para obter o perdão dos pecados, prometi a vós mesmos a misericórdia divina, o que é possível se, de vossa parte, conseguirdes transformar qualquer ofensa em perdão, em relação aos vossos subordinados. É conveniente, com efeito, que os povos de Deus se reúnam em assembléia para uma festividade tão grande em paz e concórdia; de modo que, se a severidade dos castigos é agora relaxada nos julgamentos públicos, quanto mais deve ser ameadada nos corações dos fiéis, pois os santos devem preocupar-se, sobretudo, para que ninguém passe frio, para que ninguém sinta fome, para que ninguém pereça por causa da miséria, para que ninguém fique arrasado pela tristeza, para que ninguém fique acorrentado... Por mais fortes que sejam as causas da ofensa, são apenas de homem para homem: não pensemos tanto na grandeza da falta, quanto na natureza da comunhão: assim, cada um, de acordo com o julgamento que fizer do outro, conseguirá a misericórdia de Deus que o julgará: “Bem-aventurados os misericordiosos porque alcançarão misericórdia” (Mt 5,7). Ele que vive e reina pelos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMO SERMÃO SOBRE A QUARESMA

1. A universalidade dos fiéis e cada um em particular formam o Templo de Deus

Caríssimos: entre todos os dias do ano que a piedade cristã homenageia, de formas variadas, não existe nenhum que seja mais importante do que a festa pascal, porque esta consagra na Igreja de Deus a dignidade de todas as solenidades. Pois, mesmo que o Senhor tenha nascido de uma mãe, tinha por fim este sacramento; nem foi outra a causa do nascimento do Filho de Deus, senão a de sofrer na cruz. No seio da Virgem, com efeito, recebeu carne mortal: nesta carne mortal completou-se a disposição da paixão; assim aconteceu por inefável desígnio da misericórdia divina que ela foi para nós um sacrifício redentor, abolição do pecado e primícias de ressurreição para a vida eterna. Considerando o que o universo recebeu pela cruz do Senhor, reconheceremos que, para celebrar o dia da Páscoa, é justo nos prepararmos pelo jejum de quarenta dias, a fim de poder participar dignamente dos santos mistérios. Com efeito, não apenas os sumos pontífices, ou os sacerdotes da segunda ordem, ou só os ministros dos sacramentos, mas todo o corpo da Igreja e a universalidade dos fiéis devem se purificar de todas as manchas, a fim de que o templo de Deus, cujo fundamento é seu próprio fundador, esteja belo em todas as suas pedras e luminoso em todas as suas partes. Pois, se se tem razão de ornamentar com todos os enfeites os palácios e os pretórios dos chefes mais elevados, de modo que os mais merecedores tenham também as melhores moradias, com que cuidado se deve construir, com que honra decorar o lugar onde habita a própria divindade! Sem dúvida, não se pode começar nem acabar esta habitação, sem a intervenção de seu autor; no entanto, aquele que a edificou, atribuiu-lhe o poder de buscar seu crescimento através de seu próprio trabalho. Com efeito, para a construção deste templo emprega-se material vivo e racional; ele é vivificado pelo Espírito de Graça para se reunir voluntariamente em um só todo. Esta matéria é tão amada e procurada de forma que, por sua vez, passe a procurar aquele que não procurava, e passe a amar aquele que não amava, no dizer do bem-aventurado apóstolo João: “Quanto a nós, amemos, porque ele nos amou primeiro” (1Jo 4,19). Portanto, como todos os fiéis no seu conjunto e cada um em particular são um só e mesmo templo de Deus, é preciso que este seja perfeito em cada um, como deve ser perfeito no todo: porque, mesmo se a beleza de todos os membros não for igual, nem a semelhança dos méritos numa variedade tão grande de partes, o vínculo do amor consegue, todavia, comunhão na beleza. Associados, pois, por amor santo, também se não participam dos mesmos dons da graça, alegram-se, todavia, mutuamente, de seus bens, e aqueles que eles amam não lhes podem ser estranhos, porque encontrar sua alegria no desenvolvimento do outro significa aumentar suas próprias riquezas.

2. Não há lugar para os vaidosos, soberbos, invejosos, luxuriosos na assembléia dos santos

Caríssimos, nesta unidade dos santos, onde se ama a mesma coisa, onde se gosta da mesma coisa, onde se sente a mesma coisa, não há lugar para os soberbos, nem para os invejosos, nem para os avaros e tudo aquilo de que a vaidade pode se gloriar, ou a raiva se irritar, ou a luxúria se divertir, tudo isto não forma parte da aliança de Cristo, mas do partido do diabo e é excluído para longe da moradia da piedade. Assim, o adversário da inocência e o inimigo da paz treme de raiva e, porque “nele não há verdade” (Jo 8,44) e porque perdeu toda a glória própria à sua natureza, por causa de seu orgulho, sofre vendo o homem redimido pela misericórdia divina e introduzido nos bens que ele até perdeu. Não é surpreendente que o autor do pecado seja torturado pela proibidade daqueles que agem com retidão e seja atormentado pela perseverança daqueles que ele não pode derrubar: no entanto, mesmo entre os homens encontram-se aqueles que imitam as obras desta maldade. Muitos, com efeito, — o que é lamentável — ficam despeitados com o desenvolvimento dos outros e,

conhecendo que os vícios desagradam às virtudes, armam-se de ódio contra aqueles cujo exemplo eles não seguem. Mas, os servidores de Deus e os discípulos da verdade amam aqueles de quem são diferentes, declarando guerra antes aos vícios do que aos homens, “não pagando a ninguém o mal com o mal” (Rm 12,17), mas desejando sempre a conversão dos pecadores. É muito belo, pois, e digno de ser comparado à bondade de Deus, alguém se lembrar de si mesmo no outro e amar sua própria natureza até no inimigo. Conhecemos, na verdade, muitas pessoas que se converteram de vida detestável para excelente conduta, que de ébrios se tornaram sóbrios, de cruéis se tornaram misericordiosos, de ávidos se tornaram generosos, de incontinentes se tornaram castos, de ferozes se tornaram pacíficos. Se o Senhor disse: “Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores” (Mt 9,13), não é permitido a nenhum cristão odiar a quem quer que seja, porque ninguém se salva a não ser pela remissão dos pecados; e aqueles que se tornaram desprezíveis por sabedoria carnal, não sabemos até que ponto a graça do Espírito Santo pode torná-los preciosos.

3. Os frutos da caridade são sinais da presença de Deus na vida dos fiéis

Portanto, que o povo de Deus seja santo, seja benevolente: santo para fugir do que é proibido, benevolente para fazer o que é mandado. Certamente, é muito bom possuir fé correta e sã doutrina, é muito louvável diminuir a gula, mostrar uma bondade carinhosa e pureza de castidade, porquanto todas as virtudes são vazias sem o amor e, em qualquer caminho, por melhor que seja, não se pode chamar de frutuoso o que não foi fecundado pelo amor. Assim, no Evangelho de João, o Senhor afirma: “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,35) e na epístola do mesmo apóstolo, lê-se: “Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, pois o amor é de Deus e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama, não conheceu a Deus, porque Deus é Amor” (1Jo 4,7-8). Que os fiéis perscrutem, portanto, suas almas e submetam os sentimentos íntimos de seu coração a sincero exame; se encontrarem em bom lugar de sua consciência algo que provenha dos frutos da caridade, não duvidem que Deus está com eles e para que se tornem sempre mais e mais acolhedores deste hóspede que eles se tornem mais dinâmicos nas obras de perseverante misericórdia: se, com efeito, Deus é Amor, o amor não pode ter limites, pois nenhum limite pode enclausurar a Divindade.

4. Celebrar a Páscoa do Senhor é buscar a perfeição, perdoar as ofensas, libertar os prisioneiros

Caríssimos, para exercitar o bem da caridade, embora qualquer tempo seja excelente, os dias atuais nos convidam mais especialmente para este exercício: aqueles que desejam acolher a Páscoa do Senhor com alma e corpo santificados, esforcem-se sobretudo para conquistar esta perfeição, que mantém unido o conjunto de todas as virtudes e cobre a multidão de pecados. Portanto, na iminência de celebrar este mistério, que ultrapassa todos os outros, pelo qual o sangue de Jesus Cristo aboliu nossas iniquidades, preparemos, em primeiro lugar, as hóstias da misericórdia: de modo que aquilo que nos foi outorgado pela bondade de Deus, ofereçamos, nós também, aqueles que pecaram contra nós. Que as injúrias sejam relegadas ao esquecimento, que as culpas ignorem, a partir de agora, qualquer suplício e que os erros dos subordinados sejam absolvidos do medo do castigo. Que ninguém permaneça detido nas colônias penais e que cessem os tristes gemidos dos réus nas prisões tenebrosas. Se alguém detiver tais prisioneiros, por alguma falta, não pode duvidar que é pecador; e para que ele mesmo receba o seu perdão, alegre-se por ter encontrado alguém a quem perdoar. Porque nós que dizemos, segundo o ensinamento divino: “Perdoa-nos as nossas dívidas, como também nós perdoamos aos nossos devedores” (Mt 6,12), não duvidemos obter a clemência de Deus, segundo a medida formulada por nossa oração.

5. *A devoção que mais agrada ao Senhor: dedicação aos pobres*

É preciso, ainda, que agora nossa liberdade se mostre mais benigna para com os pobres e aqueles que sofrem de toda sorte de fraquezas, a fim de que sejam rendidas graças a Deus pela voz de muitos, e que a refeição dos indigentes sufrague nossos jejuns. Nenhuma devoção dos fiéis agrada mais ao Senhor do que aquela dedicada aos seus pobres, e, onde se encontra a preocupação da misericórdia, ele reconhece a imagem de sua própria bondade. Não temamos esgotar nossos recursos por causa destas ofertas, porque a própria bondade é grande riqueza e os meios da generosidade não poderiam faltar onde é o Cristo que alimenta e que é alimentado. Em toda esta obra intervém a mão que, partindo, aumenta o pão e, distribuindo, o multiplica. Que aquele que distribui a esmola fique tranqüilo e alegre, porque, reservando para si o mínimo, muito grande será sua recompensa, no dizer do bem-aventurado apóstolo Paulo: “Aquele que fornece semente ao semeador e pão para o alimento vos fornecerá também a semente e a multiplicará e fará crescer os frutos da vossa justiça” (2Cor 9,10). Em Cristo Jesus nosso Senhor, que vive e reina com o Pai e o Espírito Santo, pelos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMO PRIMEIRO SERMÃO SOBRE A QUARESMA

1. Nem o mais santo e mais piedoso está livre das ciladas e das tentações

Caríssimos, em todos os dias e em todos os tempos, alguns sinais da divina bondade são postos diante de nós e nenhuma parte do ano fica em relação com os sagrados mistérios, de modo que vendo a ajuda para nossa salvação vindo de toda parte, procuremos mais avidamente a misericórdia de Deus que nos convida sem cessar. No entanto, qualquer coisa que a graça possa oferecer para a renovação das almas humanas através de obras e de dons diversos, agora nos é apresentado o todo de forma mais clara e mais plena, quando se trata de agilizar não uma ou outra em particular, mas de celebrar todas conjuntamente. Aproximando-se, pois, a festa pascal, eis que chega o maior e mais santo dos jejuns que deve ser observado por todos os fiéis sem exceção, porque ninguém é tão santo que não deva se santificar ainda mais, ninguém é tão piedoso que não deva tornar-se ainda mais piedoso. Com efeito, quem inserido nas incertezas desta vida estará isento de tentação ou livre de culpa? Quem não gostaria de acrescentar alguma coisa no âmbito de sua virtude e de suprimir algo no âmbito do pecado? Porque as adversidades prejudicam e as prosperidades corrompem, nem é menor o perigo de que falte aquilo que se deseja do que sobre aquilo que se nos concede. Existem ciladas na abundância das riquezas, existem ciladas nas angústias da pobreza. As primeiras nos conduzem ao orgulho, as outras nos incitam para as dissensões. A saúde é causa de tentação, a doença é causa de tentação, enquanto a primeira é matéria de negligência, a segunda é sujeito de tristeza, uma emboscada se esconde na segurança, emboscada no medo: nem interessa se a alma possuída por amor terrestre é tomada pela alegria ou pelas preocupações, pois a doença é a mesma, quer se esteja definhando sob o efeito de um desejo vão, quer se fique exausto sob o efeito de uma preocupação ansiosa.

2. Usar das coisas deste mundo sem se apegar a elas

Assim, em tudo se realiza a palavra da Verdade que nos ensina que o caminho que conduz para a vida é estreito e difícil; uma numerosa multidão freqüenta o caminho largo que conduz à morte, enquanto são raros os passos dos que se comprometem com o caminho da salvação. Por que, pois, a via da esquerda é mais freqüentada do que a da direita, a não ser porque a multidão se inclina para as alegrias do mundo e para os bens corporais? E, apesar da pericubilidade e da incerteza do objeto desejado, assume-se o risco com maior boa vontade para satisfação da volúpia do que por amor da virtude. Assim, enquanto são inumeráveis os que vivem procurando as coisas visíveis, raramente são encontrados os que antepõem os bens eternos aos terrestres. Portanto, segundo a palavra do apóstolo Paulo: “o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno” (2Cor 4,18), o caminho das virtudes de algum modo está escondido e secreto, porque “nossa salvação é objeto de esperança” (Rm 8,24), e a fê verdadeira ama, acima de tudo, aquilo que não está sob o domínio da carne. Trata-se, pois, de grande obra e de grande esforço conservar incólume de todo pecado um coração inconstante e não permitir que a energia de sua alma seja atingida por alguma contaminação quando incontáveis atrações prazerosas a aliciam de toda parte. “Quem toca no piche sem se sujar” (Eclo 13,1)? Quem não adoece neste corpo? Quem não se suja na poeira? Quem, enfim, é tão puro que não fique poluído pelos próprios objetos sem os quais não se conduz a vida? O ensinamento divino nos ordena pelo Apóstolo que “aqueles que têm esposa, sejam como se não a tivessem, aqueles que choram, como se não chorassem, aqueles que se regozijam, como se não se regozijassem, aqueles que compram, como se não possuíssem, aqueles que usam deste mundo como se não usassem plenamente. Pois passa a figura deste mundo” (1Cor 7,29-31). Feliz, pois, a alma que passa o tempo de sua peregrinação em

casta sobriedade e não se apega às coisas pelas quais precisa caminhar, de modo que, mais como hóspede do que como senhor dos bens terrenos, ela não se furte às afeições humanas, fixando-se nas promessas divinas.

3. Nossa redenção tortura o demônio que se vê derrotado pelo poder da cruz

Caríssimos, nenhum outro dia exige e outorga esta fortaleza mais do que os dias atuais: dedicando-lhe uma observância especial, adquirem-se hábitos duráveis. É do nosso conhecimento, pois, que este é o tempo em que, no mundo inteiro, com o diabo enraivecido, o exército cristão deve combater e, se a preguiça esfriou apenas ou se a dedicação encontrou outros ocupados, agora é preciso que sejam fortificados pelas armas espirituais, incendiando-se com o chamado da trombeta celeste para empreender o combate: porque aquele por cuja “inveja a morte entrou no mundo” (Sb 2,24), queima-se neste momento por enorme inveja, angustia-se neste momento por enorme dor, ele vê, com efeito, que novos povos provenientes de todo o gênero humano são introduzidos na adoção dos filhos de Deus, e vê multiplicar-se o parto da regeneração através da fecundidade virginal da Igreja. Ele se vê privado do direito de seu domínio, expulso dos corações daqueles que antes possuía; vê afastados dele, de um e de outro sexo, milhares de velhos, de jovens, de crianças; vê que nem o pecado pessoal, nem o pecado original não são obstáculos para ninguém, porque a justificação não é atribuída aos méritos, mas concedida apenas pela liberalidade da graça; vê até mesmo os que caíram, enganados pela armadilha de suas mentiras, lavarem-se nas lágrimas da penitência e abertas as portas da reconciliação pela chave apostólica serem admitidos aos remédios da reconciliação. Ele sente, ainda, a aproximação do dia da paixão do Senhor: vai ser derrotado pelo poder desta cruz que, no Cristo, isento de todo débito em relação à morte foi a salvação do mundo e não a pena do pecado.

4. Que ninguém apele para sua fraqueza, porque os comandados têm ajuda de quem os comanda

Assim, para que a maldade deste inimigo furioso não produza nenhum fruto de sua inveja, a piedade deve ser assumida mais diligentemente para que se obedeça aos mandamentos de Deus; acolhamos assim, a preparação das almas e dos corpos neste tempo para o qual convergem os sacramentos da misericórdia divina, implorando a passagem e o apoio de Deus, sem o qual nada podemos fazer, executemos por ele tudo o que nos é mandado. Porque se somos comandados é para que procuremos a ajuda daquele que nos comanda. Que ninguém se escuse sob o pretexto da fraqueza, pois, que aquele que deu o querer, dê também o poder, segundo esta palavra do bem-aventurado apóstolo Tiago: “Se alguém dentre vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus que a concede generosamente a todos, sem recriminações e ela ser-lhe-á dada” (Tg 1,5). Dentre os fiéis, quem não sabe a quais virtudes ele deve se aplicar e contra quais vícios lutar? Quem será juiz parcial ou tão inexperiente de sua consciência que ignore o que deve ser arrancado de si, ou que deve ser desenvolvido em si? Com efeito, ninguém está tão fora de sua razão que não reconheça a qualidade de sua conversa ou que não conheça os segredos de seu coração. Portanto, que ninguém julgue com complacência tudo o que está em si, nem se julgue de acordo com as atrações da carne, mas que ponha todo o seu comportamento na balança dos mandamentos divinos: onde, como algumas coisas são prescritas para serem feitas e outras são proibidas de serem feitas, o justo pesará sua conduta, pondo à vista este duplo peso, procurando em um justo exame o que decide a agulha da balança. A artificiosa misericórdia de Deus estabeleceu em seus mandamentos um espelho extremamente claro, no qual se pode contemplar o rosto da própria alma e reconhecer até que ponto ele está conforme à imagem de Deus e até que ponto está diferente: assim acontecerá, sobretudo, que rejeitando um pouco às preocupações carnis e às ocupações inquietantes, nos dirijamos, ao menos nos dias de nossa redenção e de nossa renovação, das coisas da terra para as coisas do céu.

5. Conceder o perdão dos pecados é a mais elevada prática deste tempo

Porque, na verdade, como está escrito, “todos nós tropeçamos freqüentemente”, que nosso primeiro sentimento seja, pois, de misericórdia, esquecendo-nos das ofensas dos outros para conosco: para que não violemos por algum desejo de vingança aquele compromisso piedoso que assumimos na oração dominical e dizendo: “Perdoai nossas ofensas como nós perdoamos aos nossos devedores”, não sejamos difíceis para perdoar: porque diante de nós está tanto o apetite da vingança, como a doçura da indulgência; é mais desejável para o homem, sempre exposto aos perigos das tentações, que ele receba a impunidade de suas faltas, do que ele castigue as faltas dos outros. O que, aliás, é mais conveniente para a fé cristã do que conceder o perdão dos pecados não somente na Igreja, como também em todas as casas? Deponhamos as ameaças, desfaçamos os vínculos, pois ficamos presos neles muito mais perniciosamente quando não os desfazemos. Com efeito, aquilo que cada um decide em relação aos outros, ele o decreta para si mesmo por sua própria lei. “Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” (Mt 5,7): aquele que é, ao mesmo tempo, justo e benevolente em seus julgamentos: permitindo para isto que alguns se submetam à autoridade de outros, a fim de que sejam conservadas sob perfeito equilíbrio tanto a utilidade da disciplina, quanto a doçura da clemência; e que ninguém ouse negar aos outros, pelas suas faltas o perdão que ele deseja receber pelas próprias faltas.

6. Não há lugar na festa pascal para aqueles que não se afastam do ódio e das discórdias

Partindo da palavra do Senhor: “Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus” (Mt 5,9), sejam abandonadas todas as discussões que provêm das discórdias e dos ódios; que ninguém imagine poder tomar parte na festa pascal se negligenciar o restabelecimento da paz fraterna. Com efeito, junto ao Pai Supremo, aquele que não estiver no amor dos irmãos, não será contado no número dos filhos. Tanto pela distribuição das esmolas, como pelo cuidado com os pobres sejam enriquecidos os jejuns dos cristãos; e aquilo que cada um tirou de seus prazeres, que aplique em favor dos mais fracos e dos indigentes. Que se cuide para que todos bendigam a Deus com uma só voz, e o que dá uma parte de sua riqueza, saiba que é ministro da misericórdia divina, que pôs nas mãos do doador a parte do pobre; de tal modo que os pecados que são lavados quer pelas águas do batismo, quer pelas lágrimas da penitência sejam apagados também pelas esmolas, de acordo com a palavra da Escritura: “Da mesma maneira que a água extingue o fogo, assim também a esmola extingue o pecado”. Por nosso Senhor Jesus Cristo, que com o Pai e o Espírito Santo, vive e reina pelos séculos dos séculos. Amém.

DÉCIMO SEGUNDO SERMÃO SOBRE A QUARESMA

1. O cristão só participa da morte do Senhor e de sua ressurreição quando abandona os vícios e imundícies do pecado

Caríssimos, aproximando-se a solenidade pascal, está presente o costume do jejum que a precede, jejum que deve nos exercitar, durante quarenta dias, para a santificação do corpo e da alma. Com efeito, para acolher a maior de todas as festas, devemos nos preparar por tal observância que nos encontremos mortos em sua paixão, com aquele em cuja ressurreição somos também ressuscitados, no dizer do bem-aventurado apóstolo Paulo: “Pois morrestes e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus: quando Cristo que é a vossa vida se manifestar, então vós também com ele sereis manifestados em glória” (Cl 3,3-4). Mas, como será nossa participação na morte do Cristo, senão deixando de ser aquilo que fomos? Ou qual será nossa semelhança com a ressurreição senão o abandono da vida anterior? Assim, aquele que compreende o sacramento de sua regeneração, deve despojar-se dos vícios da carne e rejeitar todas as imundícies do pecado, de forma que entrando no convívio nupcial, esteja resplandescente com a veste das virtudes. Muito embora a bondade do esposo convide a todos para participar de seus banquetes reais, contudo todos os que são chamados devem se cuidar para não serem achados indignos do favor da comunhão dos alimentos sagrados. No entanto, existem alguns que abusam da paciência de Deus e, não tendo sua consciência livre, permanecem seguros a respeito de sua longa impunidade; mas a punição foi apenas retardada, a fim de que haja mais tempo para a conversão. Que ninguém, portanto, sob pretexto de não ter recebido o que merecia, demore para acolher a misericórdia de nosso Deus que “não tem prazer na morte do ímpio, mas antes, na sua conversão, em que ele se converta do seu caminho e viva” (Ez 33,11). Com efeito, aquilo que é adiado, não é apagado; ou aquele que não buscou a indulgência, também não escapou da condenação. Na verdade, nem todos têm a mesma razão para suplicar o perdão: porque de muitas maneiras e em muitas medidas, o pecado difere do pecado e o crime do crime. Mas a universalidade dos fiéis deve tender a perfeita inocência e a completa pureza, a fim de participar da vida daqueles de quem está escrito: “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus” (Mt 5,11). Esforcemo-nos, portanto, com todo vigor e energia para apagar mediante cuidadosas purificações, tudo aquilo que mancha o íntimo da nossa consciência, tudo aquilo que obscurece o olhar de nossa alma. Embora esteja escrito: “Quem pode dizer: purifiquei meu coração, do meu pecado estou puro?” (Pr 20,9). Contudo não se pode desesperar de atingir a pureza que, sempre que pedida, é alcançada e, por outro lado, aquele que foi purificado pela confissão deixa de estar sujeito à condenação.

2. A eficácia do jejum mesmo para os mais santos e mais justos

Caríssimos, o fato é que, uníssonos, todos os orantes, filhos da Igreja, dizem como aprenderam do Senhor: “Perdoa as nossas dívidas, como também nós perdoamos aos nossos devedores” (Mt 6,12): porque ninguém é tão santo, ninguém é tão justo que durante o tempo desta vida, plena de tentações, não tenha necessidade da remissão de algum pecado. Os perigos de cair em inúmeros pecados nos circundam de todos os lados, e de usos lícitos se passa a excessos sem moderação, quando por causa do cuidado com a saúde, introduz-se o deleite do prazer, e não basta à nossa cobiça o que pode satisfazer à natureza. Daí surge o amor de possuir que nunca se sacia; daí o violento desejo de aparecer que, ou enraizado em sua estirpe, ou em seus descendentes, às vezes gera o orgulho, às vezes, surge dele. A estas e a outras tentações que se encadeiam por laços múltiplos e infinitos, que virtude contrapor mais oportuna do que a abstinência, uma vez que ela outorga e robustece as forças

para alimentar e conservar os bens da alma e do corpo? Assim, dentre as celestes disciplinas da Igreja, os jejuns instituídos divinamente apresentam muita utilidade: enquanto o apetite corporal é submetido às leis da sobriedade, também o movimento interior é ajustado e como o corpo faz jejum dos alimentos, assim a mente faz jejum da iniquidade. Com efeito, o Senhor diz: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados” (Mt 5,6). O povo de Deus tem, portanto, seus festins espirituais e suas castas delícias, que desejam salutarmente e anseia louvavelmente, como diz o profeta, com palavras de louvor: “Provai e vede como Javé é bom” (Sl 33,9). Quem quer que tenha experimentado pelo coração a doçura da justiça e da misericórdia de Deus, pelas quais toda a sua providência é distribuída, e que tenha se saciado das alegrias superiores, numa experiência que nunca deve ser diminuída, tomado de admiração pelos bens eternos, desprezará os bens que são corruptíveis e passageiros; ele se aquecerá neste fogo que é aceso pelo amor de Deus; assim, o frio transformando-se em calor, e a noite mudando-se em luz, o Espírito Santo por uma só e mesma ação, expulsará as trevas das almas dos fiéis e destruirá os seus pecados.

3. A generosidade nas esmolas, a obediência aos mandamentos e o perdão tornam o cristão inocente

Portanto, porque a abstinência, mãe das virtudes, gera tais frutos, porque ela afasta dos vícios aqueles que jejuam para conduzi-los a prazeres inefáveis, trabalhamos, agora, caríssimos, com mais cuidado, para obedecer os mandamentos celestiais: e porque todo o sacramento pascal foi instituído para a remissão dos pecados, imitemos aquilo que desejamos celebrar. Pois que o “Senhor misericordioso e justo” (Sl 114,5), de tal forma nos prometeu seu perdão que indica ao mesmo tempo a quem ele o reserva. Quando ensina, com efeito, que regra deve ser seguida quando dirigimos nossa súplica a Deus Pai, ele diz: “Se perdoardes aos homens os seus delitos, também o vosso Pai celeste vos perdoará; mas, se não perdoardes aos homens, o vosso pai também não perdoará vossos delitos” (Mt 6,14-15). Condição perfeitamente justa e benevolente, que torna o homem participante do poder divino, ajustando a sentença de Deus à sua própria decisão e ligando-se ao juízo do Senhor, pelo qual ele mesmo julgará seu companheiro de serviço. Assim, quer se trate de nossos subordinados, quer de nossos iguais, amemos a paridade da natureza: como não existe ninguém que não peque, também não existe quem não perdoe; doemos sem dificuldade o que recebemos com alegria; de modo que, quer pela abundância das esmolas, quer pelo esquecimento dos pecados, quanto mais formos misericordiosos, tanto mais perfeitamente seremos inocentes. Por nosso Senhor Jesus Cristo, que vive e reina com o Pai e o Espírito Santo, pelos séculos dos séculos. Amém.

SERMÃO SOBRE A TRANSFIGURAÇÃO DO SENHOR

Evangelho segundo São Mateus: Naquele tempo, Jesus tomou a Pedro, a Tiago e a João, irmão dele, levou-os a sós, a um monte alto e transfigurou-se diante deles (Mt 17).

1. A verdadeira fé reconhece Cristo como Deus e homem. A fé de Pedro é recompensada

A leitura evangélica, caríssimos, que através dos ouvidos corporais atingiu o ouvido interior do espírito, chama-nos à inteligência de um grande mistério. Sob a inspiração da graça de Deus, consegui-la-emos com maior facilidade, se tomarmos por objeto de nossas considerações as narrativas que acabamos de ouvir.

O Salvador do gênero humano, Jesus Cristo, lançando os fundamentos daquela fé que converte os ímpios à justiça e restitui os mortos à vida, formava seus discípulos e restitui os mortos à vida, formava seus discípulos por doutrina e milagres a fim de crerem que o mesmo Cristo é o Unigênito de Deus e o Filho do homem. Isolar um do outro não seria proveitoso para a salvação. Perigo igual seria acreditar que o Senhor era só Deus e não homem, ou apenas homem e não Deus. Era preciso confessar ambas as verdades: como em Deus havia verdadeira natureza humana, unia-se à natureza humana a verdadeira divindade.

O Senhor, com a finalidade de confirmar o salutar conhecimento desta verdade de fé, havia interrogado os seus discípulos, o que acreditavam, o que pensavam dele, em meio das mais diversas opiniões dos demais. O apóstolo Pedro, por revelação do Pai supremo, supera o corpóreo e vai além do humano. Vê com os olhos do espírito o Filho de Deus vivo, confessa a glória da divindade, porque não se detém na substância da carne e do sangue. A sublimidade desta fé agradou tanto ao Senhor que ele o chamou feliz e bem-aventurado e outorgou-lhe a sagrada firmeza da pedra inconcussa, sobre a qual seria fundada a Igreja e contra a qual não prevaleceriam as portas do inferno, nem as leis da morte. Além disso, para ligar ou desligar qualquer causa, não seria ratificado nos céus senão o que sentenciasse Pedro.

2. Cristo se transfigurou principalmente para comprovar a verdade e o poder de seu corpo

Caríssimo, este agudo entendimento que fora digno de louvor, devia ser instruído acerca do mistério da substância inferior a fim de que a fé do apóstolo, elevada à glória de confessar a divindade de Cristo, não julgasse ser indigno e impróprio de Deus impassível assumir a nossa fraqueza. Não acreditasse ter sido em Cristo glorificada a natureza humana a ponto de não poder mais sofrer o suplício, nem ser dissolvida pela morte.

Ao dizer o Senhor que devia subir a Jerusalém, sofrer muitas coisas dos anciãos, escribas e príncipes dos sacerdotes, ser morto e ressuscitar ao terceiro dia (Mt 16,21 e 20,17-19), são Pedro, esclarecido por luz suprema, no fervor da confissão ardente sobre o Filho de Deus, rejeitou com propositada repulsa, que julgava religiosa, as contumélias dos escárnios e o opróbrio da morte cruel, foi corrigido com benigna repreensão por Jesus e estimulado à ambição de participar de sua paixão.

A subsequente exortação do Salvador inspirou e ensinou a seus seguidores voluntários a renunciarem a si mesmos e pela esperança dos bens eternos considerarem insignificante qualquer prejuízo temporal. Finalmente, salvaria sua vida quem não temesse perdê-la por Cristo (Mt 16,25). Jesus não queria que os apóstolos, de todo o coração animados dessa constância e fortaleza, hesitassem de modo algum em aceitar a aspereza da cruz, corassem do suplício de Cristo, ou julgassem vergonhosa a paciência de se sujeitar ele à crueldade da paixão, sem perder a glória do poder. Por isso, “Jesus tomou a Pedro, a Tiago e a João, irmão dele” (Mt 17,1), levou-os a sós a um

monte alto e mostrou-lhes o esplendor de sua glória. Entendessem que embora possuía a majestade de Deus, no entanto desconheciam o poder de seu corpo que encobria a divindade.

O Senhor prometera adequada e significativamente que alguns dos discípulos presentes não morreriam antes de verem o Filho do homem vir no seu reino (Mt 16,28), isto é, na glória régia que convinha de modo especial à natureza humana assumida, e ele quis tornar visível a estes três varões. Aquela visão inefável e inacessível, contudo, que é reservada aos puros de coração na vida eterna, de modo nenhum poderiam ter e contemplar os que ainda se achavam revestidos da carne mortal.

3. Cristo quis também dissipar o escândalo da cruz e confirmar a esperança da sua Igreja. A transfiguração da Cabeça e dos membros

Revelou, portanto, o Senhor diante de testemunhas escolhidas a sua glória e iluminou de tanto esplendor o aspecto exterior daquele corpo semelhante aos demais que o seu rosto brilhou como o sol e as suas vestes tornaram-se brancas como a neve (Mt 17,2). A principal finalidade desta transfiguração era dissipar nos corações dos discípulos o escândalo da cruz e que a humilhação da paixão voluntária não perturbasse a fé daqueles aos quais fora revelada a excelência da dignidade oculta.

Por igual providência fundamentara-se bem a esperança da santa Igreja. Conhecêsse todo o corpo de Cristo que transfiguração lhe haveria de ser concedida um dia e os membros esperassem ser admitidos à participação da honra que previamente refulgia na Cabeça.

Dissera o Senhor a esse respeito, ao falar da majestade de sua vinda: “Então os justos fulgirão como o sol no reino de seu Pai” (Mt 13,43). De modo idêntico o apóstolo Paulo: “Eu estimo, efetivamente, que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção alguma com a glória que há de revelar-se em nós” (Rm 8,18). E ainda: “Vós morrestes, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, nossa vida, aparecer, então também vós, revestidos de glória, haveis de aparecer com ele” (Cl 3,3-4).

4. A aparição de Moisés e Elias significava o acordo entre o Antigo e o Novo Testamento

Este milagre acrescentou mais um ensinamento a confirmar os apóstolos e elevá-los a um conhecimento completo. Moisés e Elias — a lei e os profetas — apareceram a conversar com o Senhor. Naquele encontro de cinco homens cumpriu-se a palavra de duas ou três testemunhas” (Dt 19,15; Mt 18,16; Jo 8,17; 2Cor 13,1; Hb10,28). O que pode haver de mais estável, mais firme do que a palavra, em cuja pregação ressoa a trombeta tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, e concorrem a doutrina evangélica e as provas dos antigos testemunhos? Entram mutuamente em acordo as páginas de ambas as alianças. Mostra manifesta e visivelmente o esplendor da presente glória aquilo que os sinais precedentes, sob o véu dos mistérios, haviam prometido.

Diz são João: “A lei foi dada por meio de Moisés, a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo” (Jo 1,17). Nele se cumpriram a promessa das figuras proféticas e a razão dos preceitos legais. Demonstra ser verdadeira a profecia por sua presença, e torna possíveis os mandamentos para sua graça.

5. A ambição de Pedro não era má, mas desordenada

O apóstolo Pedro, animado pelas revelações destes mistérios, desprezando os bens mundanos e entediado dos terrenos, foi de certo modo raptado em espírito pelo anelo dos eternos. Repleto de alegria pelo conjunto da visão, queria habitar com Jesus no lugar onde se regozijava de ver revelada sua glória. Disse: “Senhor, é bom que fiquemos aqui. Se queres, farei aqui três tendas: uma par ti, outra para Moisés e outra para Elias” (Mt 17,4). O Senhor não respondeu a esta sugestão, indicando

não ser má, mas desordenada a sua ambição.

O mundo só podia ser salvo pela morte de Cristo. O Senhor com seu exemplo apelava pela fé dos fiéis. Se não podemos duvidar das promessas da bem-aventurança, entendamos, contudo, devermos entre as tentações desta vida, antes pedir a paciência do que a glória, pois a felicidade do reino não pode antecipar-se ao tempo de sofrimento.

6. Explicação da palavra: Este é o meu Filho amado

“Falava ainda, quando uma nuvem luminosa os envolveu e uma voz saída da nuvem, dizia: ‘Este é o meu Filho amado, no qual ponho as minhas complacências. Ouvi-o’ ” (Mt 17,5). O Pai estava presente no Filho e naquela glória do Senhor que ele moderava para ser suportada pela vista dos discípulos, a essência do genitor não se separava do Unigênito. Mas foi sublinhada a propriedade de cada Pessoa, pois como o esplendor corporal representava à vista o Filho, ao ouvido a voz provinda da nuvem anunciava o Pai.

Os discípulos, ao ouvirem esta voz, “caíram de rosto por terra, e foram tomados de grande medo”, não só do Pai, mas também tremeram perante a majestade do Filho. Com um senso superior entenderam a Divindade única de ambos. Não havendo hesitação na fé, também não houve discriminação no temor. Foi amplo e múltiplo aquele testemunho, mais ouvido pela força das palavras do que pelo som da voz.

Ao dizer o Pai: “Este é o meu Filho amado, no qual ponho as minhas complacências. Ouvi-o”, não é evidente que escutaram: “Este é o meu Filho”, nascido de mim, que está comigo e é extratemporal? Nem o Genitor é anterior ao Gerado, nem o Gerado posterior ao Genitor.

“Este é o meu Filho” que a divindade de mim não separa, o poder não divide, a eternidade não discerne.

“Este é o meu Filho”, não adotivo, mas próprio; não criado de outrem, mas gerado de mim; não de outra natureza comparável à minha, mas igual a mim, nascido de minha essência.

“Este é o meu Filho, por quem todas as coisas foram feitas, e sem ele, coisa alguma foi feita” (Jo 1,3), porque tudo o que eu faço, ele o faz de modo semelhante, e tudo o que eu opero, ele o faz comigo inseparavelmente e sem diferença. O Filho está no Pai, e o Pai no Filho (Jo 10,38) e a nossa unidade é indivisível. E sendo eu uma Pessoa que gerou, ele outra, a quem gerei, não é lícito pensar dele algo de diverso do que é possível cogitar a meu respeito.

“Este é o meu Filho” que não se prevaleceu da igualdade que tem comigo (Fl 3,6), nem presumiu usurpar. Permanecendo em a natureza de minha glória, a fim de cumprir o desígnio comum de restaurar o gênero humano, condescendeu até unir a imutável Divindade à natureza de servo.

7. Comentário da expressão: “Ouvi-o”

A este, pois, no qual ponho todas as minhas complacências em todas as coisas e cuja pregação me revela, cuja humildade me glorifica, ouvi-o, sem hesitação, porque ele é a verdade e a vida, ele é minha virtude e sabedoria.

Ouvi-o! Os mistérios da lei prenunciaram. Cantaramno os lábios dos profetas.

Ouvi-o! Redime o mundo em seu sangue, amarra o diabo e toma seus utensílios, destrói o documento do pecado e rompe o pacto da prevaricação.

Ouvi-o! Ele abre o caminho do céu, e pelo suplício da cruz prepara-vos a ascensão ao reino.

Por que receais a redenção? Por que vos atemoriza serdes libertados das feridas? Faça-se o que, segundo seu beneplácito, Cristo quer. Rejeitai o medo carnal. Armai-vos da constância fiel. É indigno receardes na paixão do Salvador o sofrimento que por seu dom não temeis no fim que vos espera.

8. *Este testemunho do Pai robustece a todos, apesar da própria fraqueza*

Tudo isso, caríssimos, foi dito não só para a utilidade daqueles que as ouviram com os próprios ouvidos; mas, a Igreja inteira aprendeu o que viram com os próprios olhos os três apóstolos e transmitiram de sua audição.

Confirme-se, segundo a pregação do sacratíssimo Evangelho, a fé de todos. Ninguém se envergonhe da cruz de Cristo, pela qual o mundo foi remido.

Ninguém tema sofrer pela justiça ou desconfie da retribuição prometida.

Pelo labor se passa ao repouso, pela morte se transita para a vida.

Uma vez que Cristo assumiu toda a fraqueza de nossa humanidade, se permanecermos na confissão e no amor a ele, venceremos como ele venceu, e receberemos o que prometeu. Na prática dos mandamentos, ou no suportar as adversidades, deve ressoar sempre aos nossos ouvidos a acima mencionada voz do Pai que dizia: “Este é meu Filho amado, no qual ponho minhas complacências. Ouvi-o! Ele que vive e reina com o Pai e o Espírito Santo nos séculos dos séculos. Amém”.

PRIMEIRO SERMÃO SOBRE A PAIXÃO DO SENHOR

(pronunciado no domingo)

1. *A salvação do mundo pela Paixão de Jesus Cristo*

Caríssimos, o mistério da Paixão, que o Senhor Jesus, Filho de Deus, abraçou para a salvação do gênero humano, atraindo, depois de elevado, tudo a si, como tinha prometido, esse mistério a palavra do Evangelho o revelou tão clara e manifestamente que, para os corações religiosos, e piedosos, não havia diferença entre ouvir o que foi lido e ver o que se passou. Por isso, gozando a narração sagrada de uma indubitável autoridade, devemos esforçar-nos, com a ajuda do Senhor, para que a inteligência tenha uma visão clara do que a história nos dá a conhecer.

Devemos recordar essa primeira e universal ruína causada pela prevaricação humana, porque “por meio de um só homem o pecado entrou no mundo e, pelo pecado, a morte, e assim a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram”. Sendo assim, ninguém escaparia à horrorosa dominação do diabo, ninguém se libertaria das cadeias de duro cativo; a ninguém se abririam, seja o perdão para a reconciliação, seja o retorno à vida, a menos que o Filho, Deus co-eterno e igual a Deus Pai, se dignasse ser também filho do homem, vindo “procurar e salvar o que estava perdido”. Assim, como tinha havido morte por Adão, haveria ressurreição dos mortos pelo Senhor Jesus Cristo. Com efeito, se, pelo impenetrável desígnio da sabedoria de Deus, o Verbo se fez carne nos últimos dias, não se segue que o parto salutar da Virgem tenha sido proveitoso só às gerações do fim dos tempos, e não se tenha estendido também às épocas passadas. Não; foi nessa fé que viveram e agradaram a Deus todos aqueles, sem exceção, que outrora adoraram o verdadeiro Deus, isto é, todo o conjunto dos santos dos séculos precedentes, e nem para os patriarcas, nem para os profetas, nem para qualquer outro santo houve salvação e justificação, a não ser pela redenção de nosso Senhor Jesus Cristo. Como ela era esperada, porque prometida por muitos oráculos e sinais feitos pelos profetas, assim ela foi tornada presente pelo seu próprio dom e pelo seu cumprimento.

2. *Deus e o homem neste mistério*

Por isso, agora, caríssimos, em todo o desenrolar da paixão do Senhor guardemo-nos de considerar a fraqueza humana como se julgássemos que o poder divino pudesse ter faltado nela; não imaginemos a condição do Filho único, que o torna igual e co-eterno com o Pai, como se pensássemos que não se deu verdadeiramente tudo o que parece indigno de Deus. As duas naturezas são um só Cristo; aqui o Verbo não está separado do homem, e o homem não está dissociado do Verbo. O abaixamento não repugna, porque a majestade não foi diminuída. Nada prejudicou a natureza inviolável, devido à necessidade de que a natureza passível sofresse; toda essa ação sagrada, consumada simultaneamente pela humanidade e pela divindade, foi uma dispensação da misericórdia e uma obra da compaixão. Com efeito, estávamos atados por laços tais que, sem esse socorro, não podíamos ser libertados. O abaixamento da divindade é, pois, nossa elevação. Foi por um preço tão alto que fomos remidos, e é com tanto dispêndio que somos curados. Com efeito, que recurso teria a impiedade para voltar à justiça, e a miséria para encontrar a felicidade, se o justo não se inclinasse para os ímpios, e o bem-aventurado para os miseráveis?

3. *As manifestações da divindade na paixão do Filho do homem*

Não nos envergonhemos, pois, caríssimos da cruz de Cristo; ela provém da força do projeto divino, não da condição do pecado. Porque, embora o Senhor Jesus tenha verdadeiramente sofrido e verdadeiramente morrido por causa de nossa fraqueza, ele não se privou de sua glória ao ponto de

nada mostrar da ação divina entre os ultrajes de sua paixão. Com efeito, o ímpio Judas, não mais coberto com a pele de ovelha, mas manifestando-se com o furor de um lobo, começou sua violência criminosa sob as aparências de paz e deu o sinal da traição com um beijo mais cruel do que todos os dardos. A multidão furiosa, que, para prender o Senhor, se tinha juntado à coorte armada dos soldados, não via, entre os archotes e as lanternas, a verdadeira luz, cegada que estava por suas próprias trevas. Ora, o Senhor, como atesta o evangelista João, tendo preferido esperar a multidão, e não fugir, perguntou aos que ainda não o tinham descoberto, por quem procuravam; como respondessem que procuravam a Jesus, disse-lhes: “Sou eu”, e essa palavra, como o raio, abateu e prostrou essa tropa, composta dos homens mais ferozes, de modo que todos eles, hostis, ameaçadores e terríveis, recuaram e caíram de costas. Onde estava a conspiração da violência? Onde o ardor da ira? Onde o aparato das armas? O Senhor diz: “Sou eu”, e à sua voz, a tropa dos ímpios é atirada por terra. Qual não será o poder de sua majestade quando ela vier julgar, se sua humildade pôde tanto quando ia ser julgada?

4. Seu caráter humano querido para a nossa salvação

Entretanto, o Senhor, sabendo o que convinha mais ao mistério que tinha abraçado, não persistiu nessa manifestação de poder, mas deixou seus perseguidores encontrar o poder de cometer o crime que eles tinham decidido. Porque, se ele não tivesse querido deixar-se prender, com toda a certeza não teria sido preso. Mas, quem dentre os homens seria salvo, se ele não consentisse em ser preso? Com efeito, o próprio são Pedro, afeiçoado como era ao Senhor, por uma fidelidade mais intrépida e pelo ardor de um santo amor, para repelir o assalto daqueles que usavam de violência, puxou da espada e feriu um servo do príncipe dos sacerdotes, cortando uma orelha daquele homem, que atacava com mais ousadia. Mas o Senhor não permitiu que o zeloso apóstolo continuasse em seu generoso movimento, ordenou-lhe que pusesse a espada na bainha e não aceitou ser defendido contra os ímpios com as mãos e a espada. Seria contrário ao mistério de nossa redenção, se aquele que viera morrer por todos se recusasse a deixar-se prender; diferindo o triunfo de sua gloriosa cruz, ele teria prolongado a tirania do diabo e feito prolongar-se a escravidão dos homens. Por isso, ele deu àqueles que se enfureciam contra ele a permissão de exercer seu furor, sem que a divindade se dedignasse revelar-se até a eles. A orelha do servo, já morta, porque cortada e separada do corpo vivo, é colocada em seu lugar, na cabeça desfigurada, pelas mãos de Cristo: elas refazem o que elas mesmas tinham feito; e a carne não tarda a seguir a ordem daquele do qual era obra.

5. Apóstrofe aos judeus e a Judas. Remitência à quarta-feira seguinte

Essas ações têm, pois, uma virtude divina. Mas, se o Senhor conteve o poder de sua majestade e sofreu em si a violência do perseguidor, foi por causa dessa vontade, pela qual “ele nos amou e se entregou por nós”, e com a cooperação do Pai, “que não poupou o seu próprio Filho e o entregou por nós”. Pois uma só é a vontade do Pai e do Filho como uma só é a divindade; e do resultado de tal desígnio nós não devemos nenhum agradecimento a vós, ó judeus, nem a ti, Judas. Na verdade, a vossa impiedade serviu para a nossa salvação, sem que vós o tivésseis pretendido, e por vós realizou-se tudo o que “a mão de Deus e seu conselho tinham predeterminado”. A morte de Cristo nos liberta e vos acusa. Com razão sois os únicos a não ter aquele que a vossa vontade fez morrer para todos. E, no entanto, tão grande é a bondade de nosso Redentor que poderíeis, também vós, obter o perdão se, confessando que o Cristo é o Filho de Deus, renunciásseis a essa maldade parricida. Porque não foi em vão que, na cruz, o Senhor orou nestes termos: “Pai, perdoa-lhes; não sabem o que fazem”. Tal remédio não teria ignorado nem a ti, Judas, se tivesses procurado refúgio nessa penitência, a qual te teria reconduzido a Cristo, e não incitado à força. Com efeito, dizendo:

“Pequei, entregando sangue inocente”, persististe na impiedade de tua perfídia, porque, no momento do lance supremo de tua morte, não acreditaste em Jesus Deus e Filho de Deus, mas somente em Jesus homem de nossa condição; terias comovido sua misericórdia, se não tivesses negado sua onipotência.

Caríssimos, bastem por hoje essas palavras insufladas aos vossos piedosos ouvidos, para que não causemos tédio pela prolixidade. O que falta para completar, com o auxílio do Senhor, prometemos dizer na quarta-feira, porque aquele que deu o que já falamos dará, assim o cremos, o que falarmos, por nosso Senhor Jesus Cristo.

SEXTO SERMÃO SOBRE A PAIXÃO DO SENHOR (pronunciado na quarta-feira)

1. Continuação da narração da paixão. Prisão do Senhor

Caríssimos, lembrando-nos do compromisso que assumimos, vimos agora desobrigar-nos, junto à vossa Santidade, do que vos devemos, esperando que a graça de Deus nos assista, de modo que a devoção nos venha daquele que nos inspirou a promessa que vos fizemos.

O Senhor Cristo, preso pela turba, armada pelos príncipes dos sacerdotes e pelos doutores da lei, conteve seu poder, a fim de cumprir seu desígnio; ao bem-aventurado apóstolo Pedro, arrebatado por um sentimento humano contra os atacantes, ordenou que renunciasse à sua espada. Para aquele que recusava o socorro das legiões angélicas, era desnecessário querer ser defendido pela intervenção de um único discípulo. Que a turba furiosa fizesse o que queria e se alegrasse com o sucesso de seu crime; a força daquele que era preso foi, contudo, maior do que a dos homens que o prendiam. A cegueira dos judeus não obteve nada, a não ser perder-se a si mesma, por causa de sua impiedade; a paciência de Cristo, ao contrário, fez que ele salvasse todos os homens por sua paixão.

2. Jesus diante do tribunal de Caifás

Em seguida, Jesus é conduzido a Caifás, o príncipe dos sacerdotes; com ele estavam reunidos os escribas e toda a ordem sacerdotal. Procuravam-se falsos testemunhos contra o Senhor, mas, entre as vozes confusas e discordantes, Jesus tinha tomado a decisão de calar-se. Entretanto, a Caifás, que lhe disse: “Eu te conjuro pelo Deus Vivo que nos declares se tu és o Cristo, o Filho de Deus”, ele respondeu com uma autoridade tão verdadeira e tão prudente que pelas mesmas palavras deu um golpe na consciência dos incrédulos e confirmou os corações dos crentes; referindo-se a todo o interrogatório, ele respondeu: “Tu o disseste”, e acrescentou: “Eu vos digo que, de ora em diante, vereis o Filho do Homem sentado à direita do Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu”. Mas Caifás, para tornar odiosas as palavras que tinha ouvido, rasgou suas vestes e, ignorando a significação desse gesto insensato, privou-se da honra do sacerdócio. Onde está, Caifás, o racional que ornava teu peito? Onde o cinto da continência? Onde o umeral, imagem das virtudes? Tu te despojas a ti mesmo dessa veste mística e sagrada e, com tuas próprias mãos, rasgas os ornamentos pontificais, esquecido do preceito que leste a respeito do príncipe dos sacerdotes: “Ele não deporá a tiara e não rasgará as suas vestes”. Mas tu, de quem essa dignidade já se afastou, tu te fazes executor de tua humilhação, a fim de que, para manifestar o fim da lei antiga, despoje-te do ornamento sacerdotal a mesma rasgadura que em breve romperá em suas partes o véu do templo.

3. Diante de Pilatos

Caríssimos, depois de uma noite passada no meio de zombarias sem nome, Jesus é entregue, amarrado, ao governador Pilatos. Com efeito, os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo conduziam as coisas segundo um plano tal que eles aparecessem inocentes da execução de seu crime; eles subtraíam a cooperação de suas mãos, mas lançavam os dardos de suas línguas; não queriam condenar, mas gritavam: “Crucifica-o! Crucifica-o!” Que há de mais injusto do que essa aparência de religião? Que há de mais cruel do que essa simulação de clemência? Segundo qual lei, ó judeus, é-vos permitido querer o que não vos é permitido fazer? Por qual raciocínio o que conspurca os corpos não fere as almas? Temeis tornar-vos impuros, matando aquele cujo sangue pedistes que fosse derramado sobre vós e sobre vossos filhos. Se a vossa impiedade não consuma todo o crime, deixais o governador julgar segundo seus sentimentos. Mas, mostrando-vos insistentes e violentos até contra

ele, não lhe permitis declinar daquilo de que, sob um pretexto mentiroso, vós vos abstenDES.

Admitamos que Pilatos tenha pecado, fazendo o que não queria; mas para vossa consciência reflui tudo o que vosso furor lhe arrancou. Tal foi também o escrúpulo de vossa observância quando não quisestes que fosse lançado no tesouro do templo aquilo que vos levou aquele que tinha vendido Cristo, porque veláveis para que esse dinheiro manchado de sangue não manchasse o cofre sagrado. De tal coração sai tal hipocrisia? Cai na consciência dos sacerdotes o que não cai no cofre do templo. Rejeita-se o preço desse sangue, que não se teme derramar. Por mais que vos abrigueis à sombra de um artifício, permanece o negócio feito com o traidor, negócio que, como não vos permitia comprar o sangue do justo, não vos permitiria também derramá-lo.

4. *Jesus crucificado*

Cedendo, pois, Pilatos aos gritos sediciosos dos judeus, Cristo foi crucificado no lugar chamado Gólgota. Pelo madeiro é levantado o que caiu pelo madeiro, e pela aceitação do fel e do vinagre foi apagado o pecado, do qual o alimento foi a ocasião. Com razão, antes de ser entregue, o Senhor tinha dito: “Quando eu for elevado, atrairei todos a mim”, isto é, tomarei em minhas mãos toda a causa do gênero humano e restabelecerei em sua integridade a natureza outrora perdida. Em mim toda fraqueza será abolida, em mim toda ferida será curada. Ora, não só a paixão sofrida em nossa natureza, mas também o abalo de todo o universo mostraram que Jesus, uma vez levantado, atraiu tudo a si. Porque, enquanto o Criador pendia do patíbulo, a criação inteira gemeu, e todos os elementos sentiram os cravos de sua cruz. Nada permaneceu alheio a esse suplício; foi por ele que Jesus atraiu o céu e a terra para se unirem aos seus sofrimentos e que fendeu as rochas, abriu os túmulos, desligou os infernos e escondeu os raios do sol sob o horror de trevas espessas. Porque o mundo devia esse testemunho ao seu autor, isto é, que, na morte de seu Criador, todas as coisas quisessem acabar-se. Mas Deus conserva às coisas e aos tempos sua ordem e convida nosso coração a pedir a salvação daqueles cujo crime detestamos.

5. *Exortação moral: precaver-se contra os embustes do demônio e de seus agentes*

Arrancados assim por tão alto preço e por tão grande mistério ao poder das trevas e libertados dos laços da antiga escravidão, tomai cuidado, caríssimos, para que o diabo não corrompa a integridade de vossas almas mediante algum artifício. Tudo o que vos foi inculcado contra a fé cristã, tudo que vos for aconselhado em oposição aos mandamentos de Deus, tudo isso vem dos enganos do diabo: é ele que, por inúmeros artifícios, se esforça para vos desviar da vida eterna, aproveitando certas ocasiões ligadas à fraqueza humana, para fazer recair nos laços de sua própria morte as almas incautas e negligentes. Lembrem-se, pois, todos aqueles que foram regenerados pela água e pelo Espírito Santo, daquilo a que renunciaram e do empenhamento pelo qual sacudiram o jugo de uma dominação tirânica; que ninguém recorra ao demônio, seja na prosperidade, seja na adversidade. Porque ele é mentiroso desde o começo e é forte somente na arte de enganar, a fim de embair pela ostentação de falsa consciência a ignorância humana e ser agora maligno instigador daqueles dos quais depois será ímprobo acusador. Os anos de nossa vida e as qualidades das ações temporais não dependem da natureza dos elementos nem dos efeitos das estrelas, mas do poder do sumo e verdadeiro Deus, cujo auxílio e misericórdia devemos implorar para todas as coisas que desejamos retamente. Como se o ofendermos — o que não aconteça — nada, fora ele, poderá favorecer-nos, assim, sendo ele propício, nenhuma adversidade nos prejudicará. “Porque, se Deus está conosco, quem estará contra nós? Quem não poupou o seu próprio Filho e o entregou por todos nós, como não nos haverá de agraciar em tudo junto com ele?” O qual vive e reina pelos séculos dos séculos. Amém.

OITAVO SERMÃO SOBRE A PAIXÃO DO SENHOR (pronunciado na quarta-feira)

1. *Recordação do sermão anterior. Prisão de Jesus*

Caríssimos, em nosso último sermão percorremos os acontecimentos que precederam a prisão do Senhor; resta-nos agora, com a ajuda da graça de Deus, expor-vos, segundo nossa promessa, o desenrolar da paixão. Ora, o Senhor tinha manifestado, nos termos de sua oração sagrada, que a natureza humana e a natureza divina existiam nele de modo veríssimo e pleníssimo, mostrando de onde lhe vinha o desejo de não sofrer e de onde o de sofrer. Mas, uma vez expulso o tremor próprio da fraqueza e confirmada a grandeza de alma, própria do poder, ele retomou a decisão do plano eterno; ao furor do diabo, que se exercia por meio dos judeus, ele opôs sua condição de servo totalmente isento de pecado; assim a causa de todos seria defendida pelo único no qual se encontrava, sem a falta, a natureza de todos. Os filhos das trevas se precipitaram, pois, sobre a verdadeira luz e, usando tochas e lanternas, não escaparam da noite de sua infidelidade, porque não discerniram o autor da luz. Apoderaram-se daquele que estava preparado para deixar-se prender e levaram aquele que queria ser levado; se ele quisesse resistir, certamente as mãos ímpias não poderiam fazer-lhe nenhum mal, mas a redenção do mundo seria retardada; preservando-se, ele, que devia morrer pela salvação de todos, não teria salvo ninguém.

2. *Jesus diante de Pilatos; covardia deste*

Consentindo, pois, que o fizessem sofrer tudo o que o furor popular, excitado pelos sacerdotes, ousava, ele é conduzido a Anás, sogro de Caifás, e em seguida novamente a Caifás, reenviado por Anás; depois das calúnias insensatas ditas contra ele, depois das invenções de testemunhas subornadas, ele é levado ao tribunal de Pilatos por uma delegação de sacerdotes. Estes, não se importando com o direito divino, gritam que não têm outro rei senão César, como se, devotados às leis romanas, tivessem reservado todo julgamento ao poder do procurador; na realidade, eles queriam um executor de sua violência, não um árbitro da causa. Com efeito, apresentaram Jesus atado com duras amarras, golpeado por bofetadas, coberto de escarros, condenado antecipadamente pelos gritos; diante de tantos pré-julgamentos, pensavam eles, Pilatos não ousaria absolver aquele cuja morte todos queriam. A instrução do caso mostra que ele não encontrou culpa no acusado e que não teve firmeza em seu julgamento, porque, nessa audiência o juiz condena aquele que declara inocente e entrega ao povo iníquo o sangue do justo, sangue do qual compreendeu por sua própria reflexão e soube pelo sonho de sua mulher que devia abster-se. A ablução das mãos não lava a sujeira de sua alma; não é fazendo escorrer água sobre seus dedos que ele expia o ato cometido com a cumplicidade de seu coração ímpio. É verdade que a falta de Pilatos é ultrapassada pelo crime dos judeus, os quais, aterrorizando-o com o nome de César e ensurdecendo-o com seus gritos raivosos, impeliram-no a cometer seu crime. Não obstante, ele também não escapa à culpa, porque cooperou com a sedição, renunciando ao seu próprio julgamento e assentindo no crime dos outros.

3. *Furor dos judeus*

Se, pois, caríssimos, Pilatos, vencido pelo furor de um povo implacável, permitiu que Jesus fosse desrespeitado com tantos ultrajes e atormentado com insultos sem medida, se ele o expôs aos olhos dos escribas e dos sacerdotes, flagelado, coroado de espinhos e vestido com uma roupa de derisão, foi, sem dúvida, porque pensava que assim aplacaria o espírito de seus inimigos: satisfeitos, além de toda medida, seu ódio e sua inveja, eles não pensariam em continuar perseguindo aquele que viam

maltratado de vários modos. Mas, como se inflamasse mais a ira daqueles que, aos gritos, pediam a graça da libertação para Barrabás e a pena da cruz para o Cristo, como a multidão, rugindo, dizia a uma só voz: “O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos!”, os maus obtiveram, para sua perda, o que exigiam obstinadamente; o profeta tinha atestado isso, dizendo: “Seus dentes são lanças e flechas, sua língua é espada afiada”. Em vão mantiveram eles suas mãos alheias à crucificação do Senhor de majestade, uma vez que lançaram contra ele os dardos mortais de seus gritos e as setas envenenadas de suas palavras. É sobre vós, judeus, mentirosos e príncipes de um povo sacrílego, que recai todo o peso desse crime; ainda que a crueldade dessa maldade abranja também o procurador e os soldados, todo o conjunto da ação vos acusa. Seja qual for o pecado que Pilatos, por seu julgamento, e a coorte, por sua obediência, tenham cometido no suplício de Cristo, isso vos torna mais dignos da execração do gênero humano, porque a pressão exercida por vossa demência não permitiu que permanecessem inocentes aqueles que não aprovavam vossa injustiça.

4. Jesus carrega sua cruz

O Senhor é, pois, entregue ao arbítrio dos furiosos, os quais, para insultar sua dignidade real, obrigam-no a carregar o instrumento de seu suplício; assim se cumpria o que o profeta Isaías tinha previsto, dizendo: “Um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, ele recebeu o poder sobre seus ombros”. Quando o Senhor levava o madeiro da cruz, madeiro que ele ia transformar em cetro de poder, certamente para os ímpios isso era objeto de derisão, mas para os fiéis manifestava-se nele um grande mistério, porque esse gloriosíssimo vencedor do diabo e onipotente triunfador das forças adversas levava num belo instrumento o troféu de sua vitória e, em seus ombros, com invencível paciência, apresentava o sinal da salvação à adoração de todos os reinos; dir-se-ia que, pelo espetáculo de sua ação, ele fortalecia todos os seus imitadores e lhes dizia: “Aquele que não toma a sua cruz e me segue não é digno de mim”.

5. Simão carrega a cruz de Jesus

Como a multidão ia junto com Jesus para o lugar do suplício, encontraram certo Simão de Cirene e transferiram a cruz para os ombros dele; esse gesto prefigurava a fé dos gentios, para os quais a cruz de Cristo ia tornar-se uma glória, e não um opróbrio. Não foi, portanto, acaso, mas sinal místico se, diante dos judeus obstinados contra Cristo, encontrou-se um estrangeiro que se compadeceu de seus sofrimentos, segundo a palavra do Apóstolo: “Se sofremos com ele, também com ele seremos glorificados”. Não foi um hebreu, um israelita, mas um homem de outra raça que foi submetido à santíssima ignomínia do Salvador. Por essa transferência da cruz, a propiciação proporcionada pelo Cordeiro sem mancha e a plenitude de todos os ritos figurativos passavam da circuncisão para os incircuncisos, dos filhos segundo a carne para os filhos segundo o espírito. Na verdade, como diz o Apóstolo, “nossa páscoa, Cristo, foi imolado”. Oferecendo-se ao Pai em novo e verdadeiro sacrifício de reconciliação, ele foi crucificado não no templo, cuja dignidade já tinha chegado ao fim, nem no recinto da cidade, a qual, em punição de seu crime, ia ser destruída, mas fora, fora do acampamento, para que, terminado o mistério das vítimas antigas, fosse colocada uma nova vítima em novo altar, e a cruz de Cristo fosse esse altar, não mais do templo, mas do mundo.

6. Compreender o sentido da cruz

Eis, pois, caríssimos, Cristo exaltado pela cruz. O olhar de nossa alma não deve impressionar-se somente com o aspecto exterior que se apresentava aos olhos dos ímpios, daqueles aos quais Moisés tinha dito: “Tua vida penderá à tua frente por um fio; ficarás apavorado noite e dia, e não acreditarás mais na vida”. Com efeito, aqueles homens não puderam ver no Senhor crucificado outra coisa senão

seu crime e, se tinham algum temor, não era aquele pelo qual a fé verdadeira é justificada, mas aquele que atormenta a má consciência. Quanto a nós, esforcemo-nos para que a nossa inteligência, iluminada pelo Espírito da verdade, receba, com coração puro e livre, a glória da cruz, a qual se irradia para o céu e a terra; que seu olhar interior contemple o sentido destas palavras do Senhor, referentes à iminência da paixão: “É chegada a hora em que será glorificado o Filho do Homem”; e: “Minha alma está agora conturbada. Que direi? Pai, salva-me desta hora. Mas foi precisamente para esta hora que eu vim. Pai, glorifica o teu Filho”. Então, do céu veio a voz do Pai, dizendo: “Eu o glorifiquei e o glorificarei novamente”. Em seguida, dirigindo-se aos assistentes, disse Jesus: “Essa voz não ressoou para mim, mas para vós. É agora o julgamento deste mundo, agora o príncipe deste mundo será lançado fora; e, quando eu for elevado da terra, atrairei todos a mim”.

7. Glória da cruz

Oh! admirável poder da cruz! Oh! glória inefável da paixão! Nela se encontra o tribunal do Senhor, nela o julgamento do mundo, nela o poder do crucificado! Atraíste tudo a ti, Senhor, e, enquanto estendias durante todo um dia tuas mãos para um povo incrédulo e obstinado em contradizer-te, o mundo inteiro recebeu o entendimento para confessar tua majestade! Atraíste tudo a ti, Senhor, porque, para execrar o crime dos judeus, todos os elementos pronunciaram uma sentença unânime, quando os luminares celestes se escureceram, e o dia se mudou em noite, quando a terra foi sacudida por movimentos insólitos, e a criação inteira se recusou a servir aos ímpios! Atraíste tudo a ti, Senhor, porque, rasgado o véu do templo, o Santo dos Santos se retirou de pontífices indignos; a figura se mudou então em verdade; a profecia, em manifestação; a Lei, no Evangelho. Atraíste tudo a ti, Senhor, a fim de que o culto de todas as nações do universo celebre, mediante um sacramento pleno e manifesto, o que se fazia num só templo da Judéia e sob a sombra de figuras. Com efeito, agora a ordem dos levitas é mais ilustre, a dignidade dos anciãos é mais elevada e a unção dos sacerdotes é mais sagrada; porque tua cruz é a fonte de todas as bênçãos, a causa de todas as graças; por ela, da fraqueza os crentes recebem a força; do opróbrio, a glória; da morte, a vida. Agora a diversidade dos sacrifícios carnis está terminada; a oferenda única de teu corpo e de teu sangue consome todas as diferenças das vítimas; porque és tu, o verdadeiro Cordeiro de Deus, que tiras os pecados do mundo e completas em ti todos os mistérios, a fim de que todos os povos formem um só reino como todas as vítimas cedem o lugar a um só sacrifício.

8. A morte de Jesus nos dá a vida

Confessemos, pois, caríssimos, o que a voz do bem-aventurado doutor da nações, o apóstolo Paulo, confessou gloriosamente: “Fiel é esta palavra e digna de toda aceitação: Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores”. Por isso mais admirável é agora a misericórdia de Deus para conosco, porque Cristo morreu não por justos, nem por santos, mas por maus e ímpios. A natureza divina não podia receber o aguilhão da morte, mas, nascendo de nós, tomou o que poderia oferecer por nós. Outrora ele ameaçava a nossa morte com o poder de sua morte, dizendo pela boca do profeta Oséias: “Ó morte, eu serei a tua morte; inferno, serei a tua moradia”. Com efeito, morrendo, ele se sujeitou às leis do túmulo, mas, ressuscitando, aboliu-as e assim interrompeu a continuidade da morte, tornando-a temporal, de eterna que ela era. “Pois assim como todos morrem em Adão, em Cristo todos receberão a vida”.

Verifique-se, pois, caríssimos, o que o apóstolo Paulo diz: “A fim de que aqueles que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que morreu e ressuscitou por eles”; e como as coisas antigas passaram, e se fez uma realidade nova, ninguém permaneça na antiga vida carnal, mas todos se renovem, dia após dia, progredindo pelo aumento da piedade. Pois, por mais que alguém seja

justificado, enquanto está nesta vida tem a possibilidade de ser mais aprovado e melhor. Quem não progride falha, e quem não adquire nada perde alguma coisa. Devemos, pois, correr com os passos da fé, pelas obras de misericórdia, mediante o amor da justiça, para que, celebrando espiritualmente o dia de nossa redenção, “não com velho fermento, nem com fermento de malícia e perversidade, mas com pães ázimos: na pureza e na verdade”, mereçamos ser participantes da ressurreição de Cristo, que vive e reina com o Pai e o Espírito Santo pelos séculos dos séculos. Amém.

PRIMEIRO SERMÃO SOBRE A RESSURREIÇÃO DO SENHOR

(pronunciado no sábado santo, vigília da Páscoa)

1. *Mortos com Cristo, com ele ressuscitem os fiéis*

No sermão anterior, caríssimos, julgamos ter-vos, como convém, incitado à participação da cruz de Cristo. Moveu-nos o desejo de que o mistério pascal penetrasse a vida dos fiéis, e nos costumes se guardasse o que a festa convida a venerar.

Experimentastes bem qual a utilidade de tudo isso. A devoção ensinou-vos quão proveitosos são para a alma e o corpo os jejuns mais prolongados, as preces mais freqüentes, as esmolas mais generosas. Quase não se encontra quem não tenha aproveitado desses exercícios e não haja depositado no íntimo de sua consciência alguma coisa que justamente o regosije. Sejam, porém, conservados, com cuidado e perseverança, os resultados obtidos. Cessado o esforço, não se volte à inércia, e a inveja do diabo não roube o que a graça de Deus concedeu.

Na observância dos quarenta dias procuramos conformar-nos de algum modo à cruz no tempo da paixão do Senhor; esforçemo-nos também para sermos participantes da ressurreição de Cristo e, enquanto estivermos neste corpo, passarmos da morte à vida.

Em qualquer conversão há um término do que era e um início do que não era. Importa saber para quem se vive, ou para quem se morre, porque há morte que é causa de vida e vida que é causa de morte. Tanto uma como outra realiza-se apenas no tempo que passa, e da qualidade das ações temporais é que dependem as diferentes retribuições na eternidade.

Trata-se, pois, de morrer para o diabo e de viver para Deus; de abandonar a iniquidade e de ressurgir para a justiça. Pereça o que é velho, surja a novidade. E tendo dito a Verdade: “Ninguém pode servir a dois senhores” (Mt 6,24; Lc 16,13), seja Senhor nosso não aquele que impele os que estão de pé à ruína, e sim, aquele que eleva os prostrados à glória.

2. *Abreviação dos “três dias”*

Disse o Apóstolo: “O primeiro homem, tirado da terra, é terreno; o segundo vem do céu. Qual é o terreno, tais são também os terrenos; qual o celeste, tais os celestes também. E da mesma maneira que trazemos a imagem do homem terreno, traremos também a imagem do homem celeste” (1Cor 15,47-49). Motivo de grande alegria é nossa transferência da objeção terrena à dignidade celeste, pela misericórdia inefável de quem, para nos elevar ao que é seu, desceu ao que é nosso. Assumiu não apenas a substância, mas também a condição da natureza pecadora. Deus impassível permitiu fosse-lhe infligido o que experimenta, infelizmente, a mortalidade humana.

No intuito de que uma tristeza prolongada não atormentasse os ânimos dos discípulos, ele abreviou com admirável rapidez o prazo pré-estabelecido de três dias. Assim, diminuiu um tanto o espaço de tempo, sem nada faltar ao número de dias, pois juntou ao segundo dia inteiro a última parte do primeiro e a primeira parte do terceiro. A ressurreição do Salvador impediu que sua alma se demorasse nos infernos e seu corpo na sepultura. Tão rápida vivificação da carne incorrupta mais se assemelhou ao sono do que à morte. A divindade não se apartou de nenhuma das duas partes substanciais da natureza humana que assumiu, e o que separou com poder, pelo poder reuniu.

3. *Provas da ressurreição*

Muitas provas se seguiram dando autoridade à fé que havia de ser pregada no mundo inteiro. Além da pedra rolada, do sepulcro vazio, dos lençóis postos de lado, dos anjos a narrarem com pormenores o fato, provando suficientemente a realidade da ressurreição do Senhor, ele em pessoa

apareceu visivelmente às mulheres e amiúde aos apóstolos (At 1,3). Não só falou com eles, mas também entrou em casa, tomou a refeição, admitiu que o tocassem e apalpassem com cuidado e curiosidade os que ainda eram presa da dúvida. Entrou com as portas fechadas no recinto onde estavam os discípulos (Jo 20,19). Com um sopro comunicou-lhes o Espírito Santo e, depois de dar-lhes a luz da inteligência, revelou o sentido oculto das Escrituras (Lc 24,27). Mostrou ainda a ferida do lado, as chagas dos cravos e todos os sinais da paixão recente (Jo 20,27). Tiveram de reconhecer que nele as propriedades das naturezas divina e humana permaneciam indivisas. Assim ficamos sabendo que o Verbo não se identifica com a carne e, confessamos que o Filho único de Deus é Verbo e carne.

4. Transformação na carne de Cristo

O mestre das gentes, o apóstolo Paulo, caríssimos, não discorda desta crença quando diz: “E, se todavia temos conhecido a Cristo segundo a carne, agora, porém, já não o conhecemos assim (2Cor 5,16). A ressurreição do Senhor portanto não eliminou a carne, mas a transmutou e o aumento do poder não consumiu a substância. A qualidade se alterou, a natureza não se desfez. Fez-se impassível o corpo que pôde ser crucificado; tornou-se imortal ele que pôde morrer; fez-se incorruptível depois que pôde ser ferido. Com razão se diz não ter sido reconhecível a carne de Cristo em estado igual ao anterior, porque nada restara de passível, nada ficara de fraco. Era a mesma essência, mas não idêntica pela glória.

Não é de admirar afirma Paulo do corpo de Cristo o que diz de todos os cristãos espirituais: “Nós, portanto, doravante não mais conhecemos a ninguém segundo a carne” (2Cor 5,16).

Em Cristo teve início a nossa ressurreição, porque há uma prefiguração do objeto de nossa esperança naquele que por todos morreu. Não hesitamos, desconfiados, nem ficamos em dúvida à espera do incerto. Tendo recebido o começo do que nos foi prometido, já temos com os olhos da fé o futuro e alegres com a promoção de nossa natureza, já estamos de posse do que cremos.

5. Deve aderir o cristão às coisas celestes

Não nos ocupem as aparências das coisas temporais, nem os bens terrenos desviem nossa contemplação das celestes. Sejam consideradas já passadas as coisas que em sua maior parte já não existem; e nosso espírito atento ao que permanece, fixe seus desejos lá onde são eternos os dons oferecidos. Embora salvos só em esperança, e ainda vivamos na corruptibilidade duma carne mortal, em verdade dizemos não vivermos na carne, se não nos dominarem os afetos carnis; com razão já não nos convém o nome daquele cuja vontade não seguimos.

Se o Apóstolo disse: “Não queirais afagar a carne, satisfazendo-lhe a cupidez” (Rm 13,14), sabemos não nos ser interdito o conveniente à saúde ou reclamado pela fraqueza humana. Mas, como não se deve atender a toda espécie de desejos, nem fazer tudo o que à carne apetece, fomos exortados à temperança de modo que à carne, sujeita ao juízo da razão, não concedamos o supérfluo, nem recusemos o necessário. Daí dizer o Apóstolo em outra passagem: “Ninguém jamais odiou sua própria carne, antes, cada qual a nutre e dela toma cuidado” (Ef 5,29). Seja alimentada e sustentada, não para praticar os vícios, nem para a luxúria, mas para cumprir o seu dever.

A natureza renovada mantenha-se na ordem; os apetites inferiores não prevaleçam de maneira torpe e perversa sobre os superiores, nem se submetam os superiores aos inferiores. Supere a alma os vícios e não haja escravidão onde deve haver domínio.

6. Evitar reincidência, após a festa pascal

Reconheça, pois, o povo de Deus ser em Cristo nova criatura, e vigilante compreenda quem a

assumiu em si e a quem ela acolheu. Renovada, não volte à decrepitude instável. Não abandone o trabalho quem pôs a mão ao arado (Lc 9,62). Mas veja o que semeou, sem voltar-se para olhar o que deixou. Ninguém reincidente no mal do qual surgiu; embora por fraqueza corpórea ainda esteja prostrado por algumas doenças, deseje instantaneamente ser aliviado e curado. Eis o caminho da salvação e a imitação da ressurreição iniciada em Cristo.

Como não faltam quedas nem tombos no terreno escorregadio desta vida, os caminantes deixem o fluido e pisem terra firme, porque está escrito: “Do Senhor procedem os passos do homem, que ele guia e cujo caminho aprova. Se cair, o justo não fica prostrado, porque o Senhor o ampara pela mão” (Sl 36,23-24).

Seja mantido, caríssimos, este empenho não só na solenidade pascal, mas por toda a vida, santificando-a. Tendão a tornar-se um hábito os exercícios, e permaneçam intangíveis, uma vez que a sua curta experiência deleitou os espíritos dos fiéis. Se alguma falta penetrar sorrateiramente, seja apagada por um imediato arrependimento. E como é difícil e lenta a cura de doenças inveteradas, tanto mais depressa se empreguem os remédios, quanto mais recentes as feridas.

Sempre e integralmente nos reerguendo de todos os tropeços, mereçamos chegar àquela incorruptível ressurreição da carne que há de ser glorificada, em Cristo Jesus, Senhor nosso, o qual vive e reina com o Pai e o Espírito Santo, pelos séculos dos séculos. Amém.

SEGUNDO SERMÃO SOBRE A RESSURREIÇÃO DO SENHOR

1. A carne de Cristo, mistério e exemplo

A narração evangélica, caríssimos, nos apresentou todo o mistério pascal, e de tal modo penetrou, através do ouvido corporal até o espiritual, que nenhum de nós deixou de recompor os fatos.

O texto da história divinamente inspirada evidenciou como o Senhor Jesus Cristo foi impiedosamente traído, a que juízo foi submetido, a crueldade com que foi crucificado e a glória na qual ressuscitou.

Sinto, porém, o dever de acrescentar a minha palavra. Percebo como vossa expectativa piedosa reclama o que costume vos dar, e por isso junte-se à solenidade da leitura sagrada, a exortação do sacerdote. Através dos ouvi-dos dos fiéis que nada de instrutivo devem ignorar, cresça a semente da palavra, a pregação do evangelho, na terra de vosso coração. Removidos os espinhos e abrolhos, sufocantes, brotem livremente e dêem fruto as plantas dos sentimentos piedosos e os germes das vontades retas.

A cruz de Cristo, dada aos mortais para a sua salvação, é mistério e exemplo. Mistério, porque nela se consuma o poder divino; exemplo, porque excita a devoção humana. Livres os homens do jugo do cativo, a redenção ainda lhes possibilita o seguimento, a imitação. Se a sabedoria humana se gloria de seus erros, de tal modo que, quem escolhe um mestre segue suas opiniões, seus costumes e todas as suas determinações, qual será nossa comunhão com o nome de Cristo, se não nos unirmos inseparavelmente àquele que é, conforme sua própria declaração: “Caminho, verdade e vida” (Jo 14,6)? Caminho de uma vida santa, Verdade de uma doutrina divina, Vida de felicidade eterna.

2. O Verbo assume nossa natureza para redimi-la

Tendo caído todo o gênero humano na pessoa de nossos primeiros pais, Deus misericordioso quis socorrer por intermédio de seu unigênito, Jesus Cristo, a criatura feita à sua imagem, de tal modo que fora da natureza não houvesse reparação da mesma e a segunda condição ultrapassasse a dignidade da própria origem.

Teria sido feliz o homem, se não houvesse decaído da condição em que Deus o fez; mais feliz, porém, será se permanecer naquele em que foi feito. Foi muito ter recebido de Cristo a forma; bem mais é ter em Cristo a substância. No que lhe é próprio recebeu-nos aquela natureza (que se mostra benigna à medida que o quer, sem incorrer em arrependimento e na mutabilidade. Recebeu-nos aquela natureza) que não consumiria o que é seu pelo que *é nosso, nem o nosso pelo que é seu*. Uniu numa só pessoa a divindade e a humanidade, de modo que, na distribuição de fraquezas e poderes, nem a carne se tornasse inviolável pela divindade, nem a divindade, por causa da carne, pudesse ser passível.

Recebeu-nos aquela natureza que não rompeu o trâmite comum da propagação do gênero humano, porém excluiu-se do contágio do pecado, transmitido a todos os homens. A fraqueza, contudo, e a mortalidade que não são pecado e sim, pena do pecado, foram assumidas pelo Redentor do mundo, como suplício, a fim de dá-las como preço. A transmissão da condenação a todos os homens, em Cristo fez-se mistério de piedade. Ofereceu-se ao exator cruel, livre do débito, e admitiu que as mãos dos judeus, servos do diabo, atormentassem a carne imaculada. Quis ser mortal até à ressurreição a fim de não ser para os que nele cressem insuperável a perseguição, nem a morte terrível. Não fosse incerto o consórcio da glória, pois era indubitável a comunhão da natureza.

3. Mortos com Cristo, com ele ressuscitados. O Senhor continuamente nos conforta na terra e

convida-nos para a glória

Se, portanto, caríssimos, cremos de coração, sem hesitar, o que confessamos com a boca, em Cristo fomos crucificados, fomos mortos, fomos sepultados e também ressuscitamos ao terceiro dia. Daí dizer o Apóstolo: “Uma vez, pois, que ressuscitastes com Cristo, procurai as coisas lá de cima, onde Cristo está assentado à direita de Deus; interessai-vos pelas coisas lá de cima, não pelas coisas terrenas, desde que vós morrestes, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, nossa vida, aparecer, então também vós, revestidos de glória, haveis de aparecer com ele” (Cl 3,1-4).

Em vista de saberem os corações dos fiéis como podem, desprezando os apetites mundanos, elevar-se até a sabedoria do alto, o Senhor nos promete sua presença, dizendo: “Eis que eu estou convosco todos os dias até ao fim do mundo” (Mt 28,20). Não foi em vão que o Espírito Santo disse por meio de Isaías: “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, a quem será dado o nome de Emanuel, que quer dizer: “Deus conosco” (Is 7,14; Mt 1,23).

Jesus realiza o sentido próprio de seu nome e tendo subido ao céu não abandona os que adotou. Assentado à di-reita do Pai, habita no corpo todo e aqui embaixo corrobo-ra a paciência, enquanto convida lá de cima para a glória.

4. Virtude e exemplo da cruz

Não percamos o senso no meio das vaidades, nem trepidemos na adversidade. No primeiro caso, acariciam-se decepções, no segundo agrava-se o labor.

“Dos efeitos da bondade do Senhor está cheia a terra” (Sl 32,5). Assiste-nos em toda a parte a vitória de Cristo. Assim se cumpre a palavra: “Tende confiança! Eu venci o mundo!” (Jo 16,33). Armemo-nos, pois, incessantemente, com a cruz do Senhor contra as ambições do século, contra as concupiscências da carne, contra os dardos dos hereges. Estaremos sempre em festa pascal se nos abstermos do velho fermento da malícia (pela sinceridade da verdade).

Nas vicissitudes desta vida, repletas de sofrimentos de toda espécie, lembremo-nos da exortação do Apóstolo a nos instruir: “Tende em vós os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus. Ora ele, subsistindo em a natureza de Deus, não julgou o ser igual a Deus um bem a que não devesse nunca renunciar; mas despojou-se de si mesmo, tomando a natureza de servo, tornando-se semelhante aos homens e, reconhecido como homem por todo o seu exterior, humilhou-se, fazendo-se obediente até à morte, e à morte de cruz. E por isso Deus o exaltou e lhe deu o nome que está acima de todo o nome, para que, em nome de Jesus, todo joelho se dobre nos céus, na terra e abaixo da terra, e toda a língua proclame que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai” (Fl 2,5-11).

Se entendeis o mistério da grande piedade e compreendeis o que o Filho unigênito de Deus fez pela salvação do gênero humano, tende em vós os mesmos sentimentos de Cristo Jesus, cuja humildade não desprezam os ricos e da qual não se corem os nobres. Não é possível elevar-se a felicidade humana a tal fastígio que se possa envergonhar daquilo que Deus, permanecendo em a natureza de Deus e assumindo a natureza de servo, não julgou indigo de si.

5. Tender para os bens celestes. Conservar a fé nas duas naturezas de Cristo

Imitai o que Deus fez. Amai o que ele amou. E ao encontrardes em vós a graça de Deus, retribui, amando nele a vossa natureza. Cristo não perdeu as riquezas pela pobreza, não diminuiu a glória pela humildade, nem perdeu a eternidade pela morte. Assim também vós, seguindo-lhe os passos, as pegadas, desprezai os bens terrenos, para vos apossardes dos celestes.

Tomar a cruz é morte aos apetites, extinção dos vícios, fuga da vaidade, abdicação de todo erro.

Se o impudico, o luxurioso, o soberbo, o avaro não pode celebrar a Páscoa do Senhor, ninguém é mais alheio a esta festa do que o herege, principalmente aquele que erra acerca da encarnação do Verbo, diminuindo as propriedades da divindade ou eliminado as da carne.

O Filho de Deus é verdadeiro Deus, recebendo do Pai tudo o que o Pai é, sem começo temporal, sem variação e mudança. Não se separa da unidade, não é diverso do onipotente, é Unigênito eterno do Pai eterno. A alma fiel, crendo no Pai e no Filho e no Espírito Santo, na mesma essência da única divindade, não divida a unidade em graus, nem confunda a Trindade numa singularidade. Não basta conhecer o Filho de Deus somente em a natureza do Pai, se não o reconhecermos no que é nosso, a ele que não deixou o que lhe é próprio. O aniquilamento pelo qual passou por causa da restauração humana foi dispensação de misericórdia e não privação de poder. Como pelo plano eterno de Deus “não há no céu outro nome, dado aos homens, pelo qual possamos ser salvos” (At 4,12), o invisível tornou visível a sua substância, o supratemporal fê-la temporal, o impassível, passível. A força, porém, não haveria de se consumir na fraqueza, mas a fraqueza se transformaria em poder incorruptível.

6. A “passagem” de Cristo é preparação de nosso trânsito à pátria celeste

A festa, que chamamos Páscoa, denominam-na os hebreus “Phase”, isto é, passagem, segundo afirma e atesta o evangelista. “Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara a hora de passar deste mundo para o Pai” (Jo 13,1). Que natureza efetuará tal trânsito senão a nossa, uma vez que o Pai está inseparavelmente no Filho e o Filho no Pai? Mas, como o verbo e a carne formam uma só pessoa, a parte assumida não se separa de quem assumiu. A honra daquele que é exaltado chama-se aumento de quem eleva, segundo a supracitada palavra do Apóstolo. “E por isso Deus o exaltou e lhe deu o nome que está acima de todo o nome” (Fl 2,9). Insiste na exaltação da natureza humana que foi assumida. Como na sua paixão, a divindade permanece indivisa, assim é ele co-eterno na glória da divindade.

O próprio Senhor preparava para seus fiéis morte feliz, em participação deste dom inefável, quando, já estando iminente a paixão, suplicava não apenas por seus apóstolos e discípulos, mas também por aqueles que vão crer em mim, por meio de sua palavra, para que todos sejam uma coisa só, assim como tu, ó Pai, estás em mim, e eu em ti, também eles sejam um em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17,20-21).

7. Não participe da festa pascal quem nega em Cristo a natureza humana

Não têm participação alguma nesta unidade os que negam que em Deus, verdadeiro Filho de Deus, permaneceu a natureza humana. Atacando o mistério salutífero, excluem-se da festa pascal, porque discordando do Evangelho e contradizendo o Símbolo, não podem celebrá-la conosco. Ousem embora usurpar o nome de cristãos, são repelidos por todas as criaturas que têm a Cristo como Cabeça.

Vós, porém, com razão exultais nesta solenidade e alegrai-vos piedosamente, porque não admitindo mentira de permeio com a verdade, não duvidais do nascimento de Cristo segundo a carne, de sua paixão e morte, nem de sua ressurreição corporal. Reconheceis, sem separação alguma da divindade, ser verdadeiro o Cristo nascido do seio da Virgem, verdadeiro no lenho da cruz, verdadeiro no sepulcro da carne, verdadeiro na glória da ressurreição, verdadeiro à direita da majestade paterna. Daí afirmar também o Apóstolo: “Aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo. Transformará o nosso corpo miserável, tornando-o semelhante ao seu corpo glorioso” (Fl 3,20-21), aquele que vive e reina com o Pai e o Espírito Santo nos séculos dos séculos. Amém.

PRIMEIRO SERMÃO NA ASCENSÃO DO SENHOR

1. Cristo ressuscitado aparece e a dúvida dos discípulos confirma a fé

Hoje, caríssimos, completam-se os quarenta dias santificados, dispostos segundo um plano sagrado e empregados para nossa instrução, a contar da bem-aventurada e gloriosa ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo, quando o poder divino reergueu no terceiro dia o verdadeiro templo de Deus, destruído pela impiedade dos judeus.

O Senhor prolonga sua presença corporal por este espaço de tempo, para munir das provas necessárias a fé em sua ressurreição. A morte de Cristo turbara muito os corações dos discípulos; certo torpor de desconfiança havia-se insinuado nos espíritos oprimidos de tristeza, por causa do suplício da cruz, do último suspiro e do sepultamento do corpo exânime. Por isso, quando as santas mulheres, como narra a história evangélica, anunciaram que a pedra havia sido rolada do túmulo, o sepulcro estava vazio e os anjos tinham testemunhado que o Senhor vivia, suas palavras pareceram aos apóstolos e aos outros discípulos uma espécie de delírio.

O Espírito de verdade não teria permitido que tal hesitação e vacilação proveniente da fraqueza humana penetrassem na mente de seus pregadores, se aquela trépida solicitude, a dúvida e a curiosidade, não lançassem os fundamentos de nossa fé. Por meio dos apóstolos eram socorridas as nossas perturbações e os nossos perigos. Por eles aprendíamos como vencer as calúnias dos ímpios e os argumentos da sabedoria terrena. Vendo, nos instruíram; ouvindo, nos ensinaram; tocando, nos confirmaram.

Demos graças pela economia divina e pela necessária lentidão de nossos santos pais! Duvidaram para que não duvidássemos, nós.

2. Importantes ações de Cristo nesses dias

Não passaram inutilmente, caríssimos, os dias decorridos entre a ressurreição e a ascensão do Senhor, mas neles se corroboram grandes sacramentos, foram revelados profundos mistérios.

Neles eliminou-se o medo da morte cruel e manifestou-se a imortalidade não apenas da alma, mas também a do corpo.

Neles, pelo sopro do Senhor, infundiu-se o Espírito Santo nos apóstolos todos; ao bem-aventurado apóstolo Pedro, com primazia, foi entregue após as chaves do reino, o cuidado das ovelhas do Senhor.

Nesses dias, o Senhor juntou-se como terceiro companheiro aos dois discípulos em viagem (Lc 24,15) e para expelir as trevas de nossa dúvida, censura a lentidão destes temerosos e hesitantes. Seus corações iluminados concebem a chama da fé; de tépidos tornam-se ardentes ao explicar-lhes o Senhor as Escrituras.

Na fração do pão abrem-se os olhos dos convivas. Muito mais felizes esses olhos que se abrem e vêem manifesta a glória da natureza do Senhor do que os dois primeiros membros do gênero humano que verificaram a confusão causada pela própria prevaricação.

3. As chagas confirmam os corações vacilantes dos discípulos

Entre esses e outros milagres, quando os discípulos estavam agitados por trepidantes cogitações, o Senhor apareceu no meio deles, dizendo-lhes: “Paz a vós!” (Lc 24,36; Jo 20,26). Para dissipar as opiniões que eles revolviam no coração (julgavam ver um espírito e não um corpo), repreendeu os juízos discordantes da verdade, apresentou aos olhos dos que duvidavam as cicatrizes que lhe restavam da crucificação nas mãos e nos pés, e convidou-os a tocá-las cuidadosamente. No intuito de

se curarem as feridas dos corações descrentes, foram conservados os sinais dos cravos e da lança, de modo que acreditassem, não por crença dúbia, mas com firme conhecimento, que haveria de partilhar o trono de Deus Pai aquela natureza que havia jazido no sepulcro.

4. A ascensão enche de alegria aqueles que a morte fizera tímidos e a ressurreição deixara na dúvida

Durante o tempo, caríssimos, decorrido entre a ressurreição e a ascensão do Senhor, a Providência de Deus estabeleceu, ensinou e insinuou diante dos olhos e dos corações dos seus, que reconhecessem ter o Senhor Jesus Cristo verdadeiramente ressuscitado, como verdadeiramente havia nascido, sofrido e morrido. Os bem-aventurados apóstolos e todos os discípulos, atemorizados com a morte na cruz e de fé oscilante na ressurreição, de tal modo se fortaleceram com a evidência da verdade que a subida do Senhor aos céus não somente não os entristeceu, mas ao contrário encheu-os de grande alegria (Lc 24,52). E, em verdade, grande e inefável motivo de júbilo era elevar-se, na presença duma santa multidão, uma natureza humana acima da dignidade de todas as criaturas celestes, ultrapassar as ordens angélicas e subir mais alto que os arcanjos, e nem assim atingir o termo de sua ascensão senão quando, assentada junto do eterno Pai, fosse associada ao trono de glória daquele a cuja natureza estava unida no Filho.

A ascensão de Cristo, portanto, é nossa exaltação e para lá onde precedeu a glória da Cabeça, é atraída também a esperança do Corpo.

Exultemos, caríssimos, repletos de gáudio e alegremo-nos com piedosa ação de graças! Hoje não só fomos firmados como possuidores do paraíso, mas até penetramos com Cristo no mais alto dos céus, tendo obtido, pela inefável graça de Cristo, muito mais do que perdêramos por inveja do diabo. Aqueles que o virulento inimigo expulsou da felicidade da habitação primitiva, o Filho de Deus, tendo-os incorporado a si, colocou-os à direita do Pai. Ele, que vive e reina com o Pai na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos. Amém.

SEGUNDO SERMÃO NA ASCENSÃO DO SENHOR

1. A ascensão é nossa alegria; aumenta-nos a fé e a esperança

O mistério de nossa salvação, caríssimos, que aquele, por quem foi criado o universo, avaliou pelo preço de seu sangue, realizou-se num desígnio de humildade, desde o dia do nascimento corporal até o termo da paixão. E embora da natureza de servo já se irradiassem muitos sinais da divindade, aquele período propriamente serviu para demonstrar ser verdadeira a humanidade que ele assumira.

Depois da paixão, contudo, rompidas as cadeias da morte, que perdera seu vigor atacando quem não podia conhecer o pecado, a fraqueza mudou-se em força, a mortalidade em eternidade, o opróbrio em glória.

Nosso Senhor Jesus Cristo deu desta glória numerosas e manifestas provas e evidenciou-a a muitos, até introduzir também nos céus o triunfo da vitória que obtivera dentre os mortos.

Se, na solenidade pascal, a ressurreição do Senhor foi causa de nossa alegria, sua ascensão aos céus é motivo presente de gáudio, enquanto rememoramos e veneramos devidamente aquele dia em que a humildade de nossa natureza em Cristo foi elevada acima de todas as milícias do céu, das ordens dos anjos, além dos postos excelsos de todas as potestades, ao trono de Deus Pai.

Estas obras divinas nos consolidam, nos edificam, porque tanto mais admirável se torna a graça de Deus, quanto, apesar de distante dos olhares humanos o que incute reverência, a fé não hesita, a esperança não vacila, não se esfria a caridade. Próprio do vigor dos grandes espíritos e luz das almas bem fiéis é crer firmemente o que não se vê com os olhos corporais, fixar o desejo onde o olhar não penetrar.

Como nasceria a piedade em nossos corações ou como seria alguém justificado pela fé, se nossa salvação consistisse apenas no que é visível? Por isso, disse o Senhor àquele que parecia duvidar da ressurreição de Cristo se não pudesse verificar pela vista e pelo tato as cicatrizes da paixão em sua carne: “Creste porque viste. Felizes os que crêem sem terem visto!” (Jo 20,29).

2. Cristo subiu aos céus para nos tornar capazes da bem-aventurança. O que era visível, agora passou para os mistérios

A fim de sermos capazes, caríssimos, desta felicidade, nosso Senhor Jesus Cristo, tendo consumado a pregação evangélica e os mistérios do Novo Testamento, no quadragésimo dia após a ressurreição, diante de seus discípulos, elevou-se aos céus (Lc 24,51; Mc 16,19). Pôs termo à sua presença corporal, havendo de permanecer à direita do Pai até que decorram os tempos determinados por Deus para se propagarem os filhos da Igreja, e ele volte a fim de julgar os vivos e os mortos, no mesmo corpo com o qual subiu.

Tudo o que havia de visível em nosso Redentor, passou para os mistérios.

Para tornar a fé melhor e mais firme, à visão sucedeu a doutrina, a cuja autoridade obedeceriam os corações dos fiéis iluminados pelos raios vindos do alto.

3. Fé de tal modo fortificada pela ascensão, que nenhum tormento pôde superar, mesmo nas crianças

Nem vínculos, nem cárceres, nem exílios, nem fogo, nem dilaceramento das feras, nem suplícios requintados da crueldade dos perseguidores atemorizaram esta fé, aumentada pela ascensão do Senhor e fortificada pelo dom do Espírito Santo. Por ela, em todo o mundo, não só os homens, mas ainda as mulheres, não somente os meninos, mas também as frágeis virgens, combateram até a efusão

do próprio sangue.

Tal fê expulsou os demônios, curou as doenças, ressuscitou os mortos.

Até os santos apóstolos que, apesar de confirmados com tantos milagres, instruídos com tantos sermões, se haviam horrorizado com a atrocidade da paixão do Senhor, e não tinham aceitado sem hesitação a realidade da ressurreição, fizeram tal progresso com a ascensão de Cristo que tudo o que antes lhes incutira medo se converteu em alegria. A contemplação de seu espírito atingiu a divindade daquele que se assentara à direita do Pai. Já não se retardavam no objeto da visão corpórea, dirigindo a atenção da mente para quem ao descer não se afastara do Pai, nem se apartara dos discípulos ao subir.

4. Maior “presença” pela divindade após a ascensão. Significado das palavras dos anjos

O filho do homem, Filho de Deus, caríssimos, se revelou de modo mais excelente e sagrado quando se recolheu à glória da majestade paterna. Mais distante pela humanidade, de maneira inefável começou a estar mais presente pela divindade. Então, a fê mais esclarecida, pelos passos do espírito foi acedendo ao Filho, igual ao Pai, sem necessitar tocar a substância corpórea de Cristo, pela qual é menor do que o Pai.

Manteve sua natureza, o corpo glorificado; a fê dos fiéis era convidada até onde podia atingir o Unigênito igual ao Pai, não com as mãos corporais, mas com o entendimento espiritual.

Por tal motivo, o Senhor, depois da ressurreição, disse a Maria Madalena, quando esta, representando a Igreja, se precipitou para tocá-lo: “Não me retenhas porque ainda não subi para o Pai” (Jo 20,17), isto é, não quero que venhas corporalmente para junto de mim, nem me reconheças por meio dos sentidos. Conduzo-te a realidades mais sublimes. Preparo-te bens maiores. Quando subir a meu Pai, então com mais perfeição e verdade tocar-me-ás, havendo de aprender o que não apalpas e crer no que não vês.

Quando os olhos dos discípulos, cheios de admiração e atenção, se erguiam e acompanhavam o Senhor que subia aos céus, apareceram diante deles dois anjos, fulgurantes na brancura admirável das vestes, que disseram: “Homens galileus, por que estais a olhar para o céu? Esse Jesus, que do meio de vós foi elevado para o céu, assim há de vir, da mesma maneira que o vistes ir para o céu” (At 1,1). Tais palavras davam a conhecer a todos os filhos da Igreja a necessidade de crerem que Jesus Cristo há de voltar visivelmente no mesmo corpo com o qual subiu. Não podem duvidar de que tudo está sujeito àquele a quem desde o seu nascimento corporal os anjos prestaram serviço.

O anjo anunciou à bem-aventurada Virgem que Cristo haveria de ser concebido do Espírito Santo. Quando nasceu da Virgem, também a voz dos anjos celestes cantou para os pastores. Os primeiros testemunhos dos mensageiros do alto ensinaram que ele havia ressuscitado dos mortos. Assim igualmente o ministério dos anjos apregooou que há de vir na própria carne para julgar o mundo. Podemos compreender quantas potestades serão assessoras no juízo, se, ao ser julgado, tantas o serviram.

5. Peregrinos, como nos estimula a ascensão de Cristo, desprezemos as coisas terrenas, e aproximemo-nos, enriquecidos pela caridade, de Cristo

Exultemos, portanto, caríssimos, com gáudio espiritual e alegrando-nos junto de Deus com adequadas ações de graças, levantemos os desimpedidos olhos de nossos corações às alturas onde Cristo se encontra. Os desejos terrenos não deprimam os espíritos chamados para o alto. Não ocupem as coisas perecíveis os predestinados à eternidade. Os atrativos enganadores não retardem os que ingressaram no caminho da verdade. Os fiéis atravessem os tempos reconhecendo-se como peregrinos no vale deste mundo. Se aqui, certas comodidades atraem, não sejam perversamente

abraçadas, mas com fortaleza, se passe além.

O apóstolo são Paulo incita-nos a tal fervoroso devotamento e admoesta-nos com a caridade que, a fim de apascentar as ovelhas de Cristo nele nasceu pela tríplice profissão de amor ao Senhor: “Caríssimos, exorto-vos, como a estrangeiros e peregrinos cá embaixo, a abster-vos dos desejos carnaís, que guerreiam a alma” (1Pd 2,11). Em favor de quem milita, as volúpias carnaís senão do diabo, que se compraz em prender aos deleites dos bens corruptíveis, as almas que tendem aos supernos, e subtrair-lhes os tronos por ele perdidos. Todo fiel sabiamente vigie contra as suas insídias para poder vencer a tentação do inimigo.

Nada é mais forte, caríssimos, contra os dolos do diabo do que a benignidade da misericórdia e as larguezas da caridade, pelas quais se evita ou se vence todo pecado. Não é possível, contudo, apreender a sublimidade desta virtude antes de ser derrotado o adversário dela. Que há de mais avesso à misericórdia e às obras de caridade do que a avareza, de cuja raiz brotam todos os males? Se não for sufocada no que a fomenta, necessariamente no campo do coração, onde a planta deste mal se arraigou, nascerão os espinhos e abrolhos dos vícios, em vez de semente da verdadeira virtude. Resistamos, pois, a tão pestífero mal, caríssimos, e sigamos a caridade, sem a qual virtude alguma pode brilhar (1Cor 13).

Pelo caminho da caridade, por onde desceu Cristo até nós, possamos subir até ele; ao qual com Deus Pai e o Espírito Santo, honra e glória nos séculos dos séculos. Amém.

PRIMEIRO SERMÃO DE PENTECOSTES

1. Pentecostes em o Novo e Antigo Testamento

Os corações de todos os católicos, caríssimos, reconhecem que a solenidade de hoje merece ser venerada entre as principais festas. Sem dúvida, inspira grande reverência este dia, consagrado pelo Espírito Santo com o excelente milagre do dom que ele fez de si mesmo. Décimo desde aquele em que o Senhor subiu acima de todos os céus para se assentar à direita de Deus Pai, refulge como quinquagésimo em seu ponto de partida, a ressurreição, encerrando grandes mistérios dos antigos e dos novos sacramentos, que demonstraram manifestamente ter sido a graça prenunciada pela lei e a lei cumprida pela graça.

Outrora, ao povo hebreu libertado do Egito, no quinquagésimo dia após a imolação do cordeiro, a Lei foi dada no monte Sinai (Êx 19,17). Assim, no quinquagésimo dia, após a paixão de Cristo na qual foi morto o verdadeiro Cordeiro de Deus, desceu sobre os apóstolos e o povo fiel o Espírito Santo (At 2,3). Reconheça, pois, facilmente o cristão zeloso terem os fatos iniciais do Antigo Testamento servido de começo ao Evangelho e haver sido a segunda Aliança travada pelo mesmo Espírito que instituíra a primeira.

2. Instruídos de modo admirável os discípulos

Atesta a história dos apóstolos: “Ao chegar o dia de Pentecostes, achavam-se todos eles reunidos no mesmo lugar, e veio subitamente do céu um ruído semelhante a um sopro de vento impetuoso, que encheu toda a casa onde eles habitavam. E apareceram-lhes línguas divididas à maneira de fogo, e repousou uma sobre cada um deles; e ficaram todos eles cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito Santo lhes concedia que se exprimissem” (At 2,1-4).

Como é veloz a palavra da sabedoria! Quão depressa se aprende o que é ensinado quando Deus é o mestre! Não foi preciso haver tradução para ser entendida, nem prática para ser utilizada, nem tempo para ser estudada. O Espírito da verdade soprou onde quis (Jo 3,8), e as línguas próprias de cada povo, tornaram-se comuns, nos lábios da Igreja.

Foi nesse dia, pois, que começou a ressoar a trombeta da pregação evangélica; desde então houve a chuva de carismas e rios de bênçãos a irrigarem o deserto e a terra árida porque a fim de renovar a face da terra “o Espírito de Deus sobre as águas adejava” (Gên 1,2) e para dissipar as antigas trevas coruscaram os fulgores de uma nova luz, quando pelo esplendor das línguas brilhantes, foi concebido o verbo luminoso do Senhor, palavra de fogo, possuidora de eficácia para iluminar e de força para queimar, despertando o entendimento e consumindo o pecado.

3. Perfeita igualdade das três Pessoas

Embora, caríssimos, a própria forma de realização tenha sido admirável, e não se duvida que naquele uníssono exultante de todas as vozes humanas tenha estado presente a majestade do Espírito Santo, ninguém pense que a sua substância divina tenha aparecido na forma que os olhos corporais puderem perceber. A natureza invisível, comum também ao Pai e ao Filho, mostrou pelo sinal escolhido a qualidade de seu dom e de sua obra. Manteve, porém, oculta a propriedade de sua essência em sua divindade, pois, do mesmo modo que nem ao Pai, nem ao Filho, igualmente nem ao Espírito Santo pode o olhar humano atingir.

Na Trindade divina nada é dessemelhante, nada desigual. Tudo quanto se pode cogitar sobre aquela substância não difere em poder, glória ou eternidade. Quanto às propriedades pessoais, uma é a Pessoa do Pai, outra a do Filho e outra a do Espírito Santo, contudo não é diferente a divindade,

nem a natureza diversa. Se, na verdade, do Pai é o Filho unigênito, e o Espírito Santo é espírito do Pai e do Filho, não porém como qualquer criatura é do Pai e do Filho, ele o é enquanto com ambos vive e pode e subsiste eternamente naquilo que é o Pai e o Filho.

O Senhor, por isso, na véspera de sua paixão, prometendo aos seus discípulos a vinda do Espírito Santo, disse: “Teria ainda muitas coisas a dizer-vos, mas por agora não estais em condições de as compreender. Quando, porém, ele vier, o Espírito da verdade, guiar-vos-á por toda a verdade. É que não vos falará por si mesmo, mas falará de quanto ouve e enunciar-vos-á as coisas vindouras. Ele glorificar-me-á porque receberá do que é meu, para vo-lo anunciar. Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso eu disse que ele receberá do que é meu, para vo-lo anunciar” (Jo 16,12-15).

O Pai, portanto, não possui algo de diverso do Filho, ou o Pai e o Filho do Espírito Santo. Mas, tudo o que tem o Pai, tem-no igualmente o Filho, tem-no o Espírito Santo. Sempre na Trindade houve esta comunhão, porque nela ter tudo é o mesmo que sempre existir. Não se pense a seu respeito em qualquer tempo, grau ou diferença; e se ninguém pode explicar o que Deus é, ninguém ouse afirmar dele coisa diversa do que é. É mais desculpável não falar da natureza inefável o que ela merece do que asseverar o que lhe é contrário. Tudo o que os corações piedosos puderem conceber sobre a eterna e imutável glória do Pai, entendam-no inseparavelmente e sem distinção também do Filho e do Espírito Santo.

Confessamos, portanto, que esta bem-aventurada Trindade é um só Deus, porque nas Três Pessoas não há diferença alguma de substância, de poder, de vontade ou de operação.

4. Erros dos macedonianos

Detestamos os arianos, que querem haja alguma distância entre o Pai e o Filho. Detestamos também os macedonianos que, apesar de admitirem a igualdade entre o Pai e o Filho, julgam que o Espírito Santo é de natureza inferior, não considerando estarem incorrendo na blasfêmia que não será perdoada no século presente, nem no futuro juízo, pois disse o Senhor: “Aquele que falar contra o Filho do homem ser-lhe-á perdoado; mas, a quem falar contra o Espírito Santo, não lhes será perdoado, nem neste século, nem no futuro” (Mt 12,32). Quem permanece nessa impiedade não tem perdão por excluir aquele que poderia testemunhar em seu favor e jamais alcançará o remédio da indulgência, por não ter advogado que o patrocine.

Do Espírito Santo provém a invocação do Pai, as lágrimas dos penitentes, os gemidos dos suplicantes: “Ninguém pode dizer: ‘Jesus é o Senhor’ senão pelo Espírito Santo” (1Cor 12,3). O Apóstolo prega claramente que a onipotência deste é igual à do Pai e à do Filho e uma só é a divindade, dizendo: “Ora há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo; há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos” (1Cor 12,4-6).

5. O Espírito santificador, na Igreja

Por meio destas e de inúmeras outras provas, pelas quais corusca a autoridade das palavras divinas, incitem-nos a unanimemente celebrar o Pentecostes, exultando em honra do Espírito Santo que santifica toda a Igreja católica, instrui todos os espíritos racionais. Ele é inspirador da fé, doutor da ciência, fonte da dileção, sinete da castidade, causa de todas as virtudes.

Alegrem-se os corações de todos os fiéis, porque no mundo inteiro é louvado e confessado por todas as línguas o Deus único, Pai, Filho e Espírito Santo. O significado da figura do fogo, que apareceu persiste por sua operação e por seu dom.

O mesmo Espírito da verdade faz brilhar a morada de sua glória no esplendor de sua luz, e nada quer em seu templo de tenebroso ou de tépido.

Seu auxílio e seu ensinamento já nos obtiveram a purificação pelos jejuns e as esmolas. Segue-se a este dia venerável uma observância salutar, cuja utilidade todos os santos sempre experimentaram. Nossa solicitude pastoral nos leva a exortar-vos a praticá-la com ardor, de modo que se, nesses últimos dias, alguém houver contraído algumas máculas por negligência incauta, penitencie-se com o jejum e emende-se com a devoção da piedade.

Jejuemos, portanto, quarta e sexta-feira; sábado com a devoção de costume celebremos as vigílias. Por Jesus Cristo nosso Senhor, que com o Pai e o Espírito Santo vive e reina nos séculos dos séculos. Amém.

SEGUNDO SERMÃO DE PENTECOSTES

1. Instrução tanto para os neófitos, como para os espirituais

O texto das palavras divinas, caríssimos, mostrou-nos plenamente a causa e a razão da solenidade do hoje, quinquagésimo dia após a ressurreição do Senhor, décimo de sua ascensão, em que, como sabemos, o Espírito Santo, prometido e esperado, se difundiu sobre os discípulos de Cristo.

Visando, porém, a formar os novos filhos da Igreja, devemos acrescentar o obséquio de nossa palavra. Não receamos entediar os espirituais e bem instruídos com o que já conhecem. Só podem lucrar em querer que se instile na mente do maior número possível o que eles aprenderam para proveito próprio. Faça-se, pois, a distribuição dos dons divinos aos corações de todos. Doutos e indoutos não menosprezem o serviço prestado por nossos lábios; aqueles, para provarem amor a que já sabem, estes para mostrarem desejo daquilo que ainda desconhecem. Assista-vos nesta boa disposição a liberalidade daquele de cuja majestade tentamos falar. Faça-vos ele capazes de receber e nos conceda com superabundância o que transmitir, para o bem de toda a Igreja.

2. Perfeita igualdade nas Pessoas da Santíssima Trindade, embora haja atributos peculiares em cada uma

Quando fixamos o olhar da mente, procurando entender a dignidade do Espírito Santo, não pensemos em algo de diferente da excelência do Pai e do Filho. A essência da Trindade divina em nada entra em discrepância com sua unidade. Eternamente é o Pai genitor de seu Filho, eterno como ele. Eternamente o Filho é gerado, sem tempo, pelo Pai. Eternamente o Espírito Santo é Espírito do Pai e do Filho. Nunca o Pai foi sem o Filho, nunca o Filho sem o Pai, nunca o Pai e o Filho foram sem o Espírito Santo. Excluem-se todos os graus de existência, porque nenhuma Pessoa é anterior, nenhuma posterior. A imutável divindade desta bem-aventurada Trindade é uma na substância, indivisa nas obras, concorde na vontade, idêntica no poder, igual na glória.

Quando a Sagrada Escritura se exprime aparentemente discriminando por fatos ou palavras o que convém a cada uma das Pessoas, a fé católica não se perturba, mas é esclarecida, porque, por palavras ou obras apropriadas insinua-se a verdade da Trindade. Mas, não divida o intelecto o que o ouvido distingue. Efetivamente, fazem-se algumas atribuições ao Pai, outras ao Filho, outras ao Espírito Santo para não errarem os fiéis na confissão da Trindade. Sendo inseparável, não se entenderia que é Trindade, se ao falar não se fizessem distinções. A própria dificuldade de expressão, pois, induz nosso coração à inteligência, e a ciência celeste nos ajuda utilizando nossa própria fraqueza.

Como na divindade do Pai e do Filho e do Espírito Santo não se deve pensar em singularidade ou em diversidade, pode-se simultaneamente apreender, de certo modo, a verdadeira unidade e a verdadeira Trindade, embora não seja possível proferi-las simultaneamente.

3. O Espírito Santo foi dado também no Antigo Testamento

Está implantada, caríssimos, em nossos corações a fé que nos leva a crer para nossa salvação haver em toda a Trindade juntamente uma só virtude, uma só majestade, uma só substância, indivisível na ação, inseparável no amor, igual no poder, enchendo simultaneamente tudo, tudo contendo ao mesmo tempo. Aquilo que é o Pai, é também o Filho, e também é o Espírito Santo.

A verdadeira divindade em nenhuma das Pessoas pode ser maior ou menor. Deve ser confessada nas Três Pessoas de modo que a Trindade não comporte isolamento e a igualdade conserve a unidade.

Mantendo firmemente, como dizia, caríssimos, tal fé, não duvidamos de que ao se difundir o Espírito Santo sobre os discípulos do Senhor no dia de Pentecostes, este fato não constituiu o começo de seus dons, mas foi acréscimo da liberalidade, porque também os patriarcas, os profetas, os sacerdotes e todos os santos dos tempos anteriores foram santificados pelo mesmo Espírito. Sem a graça deste, nunca foi instituído sacramento algum, nem mistério algum celebrado. Sempre a mesma foi a virtude dos carismas, embora não idêntica a medida dos dons.

4. Dado aos apóstolos, o Espírito Santo implora por nós

Os próprios santos apóstolos, antes da paixão do Senhor, não estavam privados do Espírito Santo, nem o poder, a virtude, estava ausente das obras do Salvador. Ao dar este último aos discípulos o poder de curarem as enfermidades e de expulsarem os demônios (Lc 10,19), concedia-lhes, na verdade, o efeito de seu Espírito, que a impiedade dos judeus negava existir naquele que ordenava aos espíritos imundos, atribuindo os benefícios divinos ao diabo. Daí, merecerem tais blasfêmias com toda a razão a sentença do Senhor: “Todo pecado e blasfêmia serão perdoados ao homem, mas a blasfêmia contra o Espírito Santo não lhe será perdoada. Aquele que falar contra o Filho do homem, ser-lhe-á perdoado; mas a quem falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste século, nem no futuro” (Mt 12,31-32). Evidencia-se que não há remissão dos pecados sem a invocação do Espírito Santo, nem alguém pode sem ele gemer como convém ou orar como deve, segundo diz o Apóstolo: “Não sabemos o que devemos pedir como nos convém; mas o próprio Espírito implora por nós com gemidos inexprimíveis” (Rm 8,26). E: “Ninguém pode dizer ‘Jesus é o Senhor’, senão pelo Espírito Santo” (1Cor 12,3). Nada mais pernicioso, nem mortífero do que ser privado do Espírito Santo, porque nunca merecerá perdão quem é abandonado pelo intercessor.

Por este motivo, caríssimos, em todos os que haviam crido no Senhor Jesus foi infundido o Espírito Santo, e os apóstolos haviam recebido também o poder de perdoar os pecados, quando após sua ressurreição, o Senhor insuflou sobre eles e disse: “Recebei o Espírito Santo; àqueles a quem perdoardes os pecados, ficar-lhes-ão perdoados; àqueles a que os retiverdes, ficar-lhes-ão retidos” (Jo 20,23).

Era, contudo, reservada graça maior e inspiração mais abundante à perfeição que seria conferida aos discípulos. Por ela aceitariam o que antes não haviam recebido e empregariam melhor o dom que haviam acolhido. Dizia, por isso, o Senhor: “Teria ainda muitas coisas a dizer-vos; mas por agora não estais em condições de as compreender. Quando, porém, ele vier, o Espírito da verdade, guiar-vos-á por toda a verdade. É que não vos falará por si mesmo, mas falará de quanto ouve e anunciar-vos-á as coisas vindouras. Ele glorificar-me-á, porque receberá do que é meu para vo-lo anunciar” (Jo 16,12-14).

5. Não estavam em condições de compreender

Qual a razão por que o Senhor, ao prometer o Espírito Santo aos discípulos, tendo já dito: “Manifestei-vos tudo o que ouvi de meu Pai” (Jo 15,16), acrescentou: “Teria ainda muitas coisas a dizer-vos, mas por agora não estais em condições de as compreender. Quando, porém, ele vier, o Espírito da verdade, guiar-vos-á por toda a verdade” (Jo 16,12-13). Acaso quis o Senhor dar a entender que possuía uma ciência inferior ou que havia ouvido menos da parte do Pai do que o Espírito? Ele é a verdade, e o Pai nada pode dizer, nem o Espírito Santo ensinar sem o Verbo. Por isso foi dito: “Receberá do que é meu” (Jo 16,14), porque ao dar o Pai aquilo que o Espírito Santo recebe, também o concede o Filho. Não devia, portanto, ser insinuada outra verdade, nem pregada outra doutrina.

Importava que aumentasse a capacidade dos discípulos e se multiplicasse a constância daquela

caridade que expulsa o temor e não receia o furor dos pesquisadores.

Os apóstolos, repletos da nova abundância do Espírito, começaram a querer com mais ardor e poder com eficácia maior tudo isso, progredindo da ciência de mestres até à tolerância nos sofrimentos; já destemidos diante de qualquer tempestade, pela fé calcavam as ondas do século e a soberba do mundo e desprezando a morte, levavam a todas as nações a verdade do Evangelho.

6. Refutação dos maniqueus

Não acolhamos, caríssimos, com inteligência tarda ou ouvido distraído as palavras que o Senhor acrescentou: “Falará de quanto ouve e anunciar-vos-á as coisas vindouras” (Jo 16,13). Esta sentença, além de outras expressões da verdade a refutarem a impiedade dos maniqueus, abertamente prostra todas as doutrinas de tal falsidade sacrílega. Eles, para darem a impressão de seguirem um homem grande e sublime, acreditam que o Espírito Santo apareceu em seu mestre Manes e que o Paráclito prometido pelo Senhor não veio antes de nascer esse sedutor de infelizes. De tal modo o Espírito de Deus teria nele habitado que Manes não teria sido outra coisa senão o próprio Espírito que, pelo ministério da voz corporal e da língua teria ensinado toda a verdade a seus discípulos e revelado segredos que os séculos anteriores jamais haviam conhecido. A autoridade da pregação evangélica declara como isto é falso e vão. Manes, pois, é ministro da falsidade diabólica e autor de uma obscena superstição. Sua condenação tornou-se evidente quando, 260 anos após a ressurreição do Senhor, sob o consulado de Probo e Paulino, e grassando já a oitava perseguição contra os cristãos, milhares de mártires provaram com sua vitória a realização da promessa do Senhor: “Quando vos tiverem levado diante deles, não vos dê cuidado o que falareis ou o que haveis de dizer; ser-vos-á dado nesta hora o que haveis de dizer, porque não sois vós que falais, mas o Espírito de vosso Pai que fala em vós” (Mt 10,19-20).

7. É vão afirmar que a Igreja não possuía o Espírito Santo antes da aparição de Manes

Não podia ser diferido o cumprimento da promessa do Senhor por um intervalo de tempo tão grande, nem aquele Espírito de verdade rejeitado pelo mundo dos ímpios ser contido a efusão septiforme de seus dons, defraudando de sua inspiração tantas gerações da Igreja, até que nascesse o prodigioso porta-bandeira de torpes mentiras, ao qual nem sequer se pode atribuir exígua porção de inspiração divina. Pertence ele a essa parte do mundo que não pode receber o Espírito da verdade. Repleto do espírito do diabo resistiu ao Espírito de Cristo. Como o ensinamento do Paráclito fez os santos de Deus predizerem o futuro, ele, para que a sucessão dos acontecimentos não condenasse a sua falsidade, recorreu à imprudência de pretéritas fábulas sacrílegas.

Como se a lei santa e as profecias divinamente inspiradas nada nos houvessem ensinado da eternidade do Criador e da ordem da criação, imaginou monstros de mentiras a se repelirem mutuamente ofendendo a Deus e injuriando as naturezas criadas no bem. A quem, enfim, havia de insinuar suas insânias senão aos estultos, inteiramente avessos à luz da verdade que, por causa da cegueira da ignorância ou de apetites vergonhosos, não chegam às coisas sagradas, mas às execráveis, as quais por pudor devemos calar, sendo já bem notórias pela confissão deles próprios.

8. Quem nega a carne de Cristo, também há de negar que o Espírito foi dado à Igreja

Nenhum de vós, caríssimos, acredite que o autor de tamanha impiedade tenha recebido de algum modo o Espírito Santo. Nada obteve este homem do poder prometido e enviado por Cristo à sua Igreja. Diz o apóstolo são João: “O Espírito ainda não viera, visto que Jesus não ti-nha sido ainda glorificado” (Jo 7,39). A ascensão do Senhor, foi, pois, a razão de ser dado o Espírito. Necessariamente nega ter sido doado o Espírito quem não afirma que Cristo, verdadeiro homem, foi

exaltado à sessão à direita do Pai.

Nós, porém, caríssimos, adotados pela regeneração do Espírito Santo para alcançarmos uma eternidade feliz de alma e de corpo, celebremos a festa sagrada de hoje com obséquio racional e casta alegria, confessando com o apóstolo são Paulo que o Senhor Jesus Cristo, “subindo às alturas, levou cativos consigo, distribuiu dons aos homens” (Sl 67,19; 4,8).

Seja o Evangelho de Deus pregado por todas as vozes humanas e “toda a língua proclame que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai” (Fl 2,11).

9. O jejum é um dom do Espírito

Acrescentemos, caríssimos, à presente solenidade a devota celebração do jejum, em consequência de uma tradição apostólica. Também ele deve ser contado entre os grandes do Espírito Santo. Contra as atrações da carne e as insídias do diabo foram-nos concedidos os auxílios dos jejuns, com os quais, com o socorro de Deus, venceremos todas as tentações.

Jejuemos, pois, quarta e sexta-feira e no sábado celebremos as vigílias junto do bem-aventurado apóstolo Pedro. Que ele patrocine nossas orações a fim de merecermos em tudo a misericórdia de Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo, que vive e reina com o Pai e o Espírito Santo, nos séculos dos séculos. Amém.

TERCEIRO SERMÃO DE PENTECOSTES

1. Superabundância de dons

A festa de hoje, caríssimos, celebrada em todo o orbe terrestre, foi consagrada pela vinda do Espírito Santo que, após a ressurreição do Senhor, no quinquagésimo dia, conforme era esperado, desceu sobre os apóstolos e sobre o povo fiel (At 2,1). Era esperado porque prometera o Senhor Jesus que haveria de vir (Lc 24,49; 41,4), não para começar a fazer dos santos a sua morada, mas a fim de inflamar os corações que já lhe eram sagrados com maior fervor e inundá-los mais abundantemente. Havia de cumulá-los de seus dons e não apenas iniciar a doação. Não era, pois, obra nova, mas liberalidade mais rica.

A majestade do Espírito Santo jamais se separa da onipotência do Pai e do Filho e as disposições universais do governo divino provêm da providência da Trindade toda. Uma só é a benignidade da misericórdia, uma a severidade da justiça. Nada se divide na ação, quando nada diverge na vontade. Aquilo que o Pai ilumina, ilumina-o também o Filho, ilumina o Espírito Santo. Embora seja uma a Pessoa enviada, outra a que envia e outra a que promete, simultaneamente se nos manifestam a unidade e a Trindade. Se a essência possui a igualdade, sem admitir isolamento, entenda-se ser idêntica à substância, mas distinguiem-se as Pessoas.

2. Atribuições na obra de nossa redenção

Dispositivo de nossa redenção e razão de nossa salvação é realizar o Pai certas coisas, outras o Filho e outras propriamente o Espírito Santo, salva a cooperação da inseparável divindade.

Se o homem, criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26), houvesse permanecido na dignidade de sua natureza, se não tivesse sido enganado pela fraude diabólica, nem se desviado, pela concupiscência, da lei que lhe fora imposta, o Criador do mundo não se teria feito criatura, o sempiterno não se teria sujeitado ao tempo, nem Deus Filho, igual a Deus Pai, teria assumido a natureza de servo e a semelhança da carne de pecado. Mas, uma vez que “pela inveja do demônio a morte entrou no mundo” (Sb 2,24) e o cativo humano não poderia ser abolido a não ser que defendesse nossa causa aquele que, sem prejuízo de sua majestade, far-se-ia verdadeiro homem, sendo o único a não contrair o contágio do pecado, a misericórdia da Trindade distribuiu entre si a obra de nossa restauração, de modo que o Pai fosse aplacado, o Filho aplacasse, o Espírito Santo inflamasse.

Era preciso ainda que também fizessem alguma coisa em seu próprio benefício os que haveriam de se salvar e convertidos de coração ao Redentor, escapassem da dominação do inimigo, porque, como disse o Apóstolo: “Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: ‘Abba! Pai!’ (Gl 4,6). “Onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade” (2Cor 3,17). E, “ninguém pode dizer: ‘Jesus é o Senhor’, senão pelo Espírito Santo” (1Cor 12,3).

3. Em nada são atingidas a igualdade e a consubstancialidade

Se, portanto, caríssimos, orientados pela graça, conhecemos com fé e sabedoria o que em nossa restauração atribui-se propriamente ao Pai, e ao Filho e ao Espírito Santo, ou em comum às Três Pessoas, aceitaremos, sem dúvida, o que foi feito humilde e corporalmente em nosso favor, sem nada pensarmos de indigno sobre a glória da única e mesma Trindade. Embora espírito algum seja capaz de compreender a Deus, nenhuma língua de discorrer sobre ele, no entanto, por mais que o intelecto humano atinja acerca da essência da divindade paterna, se não pensar simultaneamente o mesmo de seu Unigênito ou do Espírito Santo, não é segundo a piedade que apreende, mas carnalmente demais

tem o senso obscurecido e perde até o que parecia raciocinar de modo correto sobre o Pai. Abandona toda a Trindade quem não sustentar que nela há unidade. Não pode, absolutamente, ser um o que difere por qualquer desigualdade.

4. Nada de semelhante na criação. Igualdade na Trindade

Quando, portanto, para confessar o Pai, o Filho e o Espírito Santo aguçamos a mente, repilamos para longe do espírito as realidades visíveis e as idades das naturezas temporais; para longe, os corpos que ocupam lugar e os lugares destinados aos corpos. Afaste-se do coração o que se distende no espaço ou se encerra dentro de limites, tudo o que não está sempre nem totalmente em toda a parte. O conceito de divindade da Trindade não inclua distância, nem procure graus; e quem pensar a respeito de Deus algo de mais adequado, não ouse negá-lo de uma das Pessoas, como se fosse mais honroso atribuí-lo ao Pai e não ao Filho e ao Espírito Santo.

Não é piedade preferir o Pai ao Unigênito. Ofensa infligida ao Filho é injúria feita ao Pai. O que se suprime em um, a ambos se subtrai. Comum é neles a eternidade e a divindade. Não se considere inferior a si próprio, ou se melhorou por adquirir para si um ser que antes não era seu.

5. Alegria dos discípulos por causa da ascensão

Disse, em verdade, o Senhor Jesus a seus discípulos, conforme foi proclamado na leitura evangélica: “Se me amásseis, alegrar-vos-íeis por eu ir ao Pai, porque o Pai é maior do que eu” (Jo 14,28). Mas, aqueles ouvidos que ouviram com maior frequência: “Eu e o Pai somos uma só coisa” (Jo 10,30) e ainda: “Quem me vê, vê também o Pai” (Jo 14,9), entenderam-no sem estabelecer diferenças na divindade e não referiram a passagem àquela essência que sabiam ser com o Pai eterna e da mesma natureza. Aqui se indica a elevação do homem na encarnação do Verbo também aos santos apóstolos que, perturbados com o anúncio da partida do Senhor, são estimulados a uma eterna alegria por causa do acréscimo de honra à sua pessoa: “Se me amásseis, alegrar-vos-íeis por eu ir ao Pai” (ib. 28), isto é, se vísseis com perfeita ciência a glória que vos é conferida, porque eu, gerado de Deus Pai, também nasci como homem de uma mãe, e invisível como sou, mostrei-me visível, eterno na natureza de Deus, assumi a natureza de servo, havíeis de alegrar-vos “por eu ir ao Pai”. Tudo isto vos presta esta ascensão a vós e a humilde condição de vossa natureza em mim é exaltada acima de todos os céus, até ser posta à direita do Pai. Eu, porém, que sou com o Pai o que o Pai é, em si mesmo, permaneço inseparável do genitor e assim, vindo de junto dele até vós, dele não me aparto, como também, voltando a ele, não vos deixo. Alegrai-vos, portanto, “por eu ir ao Pai, porque o Pai é maior do que eu”.

Uni-vos a mim e tornei-me filho do homem a fim de que possais ser filhos de Deus. Daí, embora eu seja um, possuindo ambas as naturezas, enquanto me conformo à vossa, sou menor que o Pai; enquanto, porém, não me separo do Pai, sou maior do que eu mesmo. A natureza, pois, que é menor que o Pai, vá ao Pai, para que esteja a carne, onde o Verbo sempre está.

Numa fé única, a Igreja católica confessa ser menor segundo a humanidade quem ela acredita ser igual ao Pai pela divindade.

6. Três Pessoas, uma essência, uma operação

Seja desprezada, portanto, caríssimos, a vã e cega malícia herética que se ilude com a interpretação errônea desta sentença. Tendo dito o Senhor “Tudo quanto o Pai tem é meu” (Jo 16,15), ela não compreende que está tirando ao Pai tudo o que ousa negar ao Filho e assim erra em relação à humanidade, julgando faltar ao Unigênito os bens paternos, uma vez que assumiu os nossos.

A misericórdia de Deus não lhe diminui o poder, nem a reconciliação da criatura amada torna-se

imperfeição da glória eterna.

Aquilo que o Pai possui tem-no igualmente o Filho, e o que tem o Pai e o Filho, também o possui o Espírito Santo, porque a Trindade toda simultaneamente é um só Deus.

Não descobriu este dogma de fé a sabedoria terrena, nem foi a opinião humana que a tal crença persuadiu. Ensinou-o o próprio Filho unigênito, o próprio Espírito Santo o instituiu. Deste último, nada se pense de diferente do Pai e do Filho, porque apesar de não ser o Pai, nem o Filho, no entanto não se separa do Pai e do Filho. Ele é na Trindade uma Pessoa, mas possui uma só substância na divindade do Pai e do Filho. Esta substância tudo enche, tudo contém, e com o Pai e o Filho governa o universo. À qual são tributadas honra e glória nos séculos dos séculos. Amém.

SERMÃO OU TRATADO CONTRA A HERESIA DE ÊUTIQUES

(pronunciado em Roma na Basílica de Santa Anastácia)

1. Denúncia dos propagadores da heresia em Roma e advertência contra eles

Caríssimos, o dever dos médicos competentes e experimentados é prevenir, com remédios, as doenças às quais está exposta a fraqueza humana e indicar os meios de evitar o que prejudica a saúde; do mesmo modo, o nosso ministério pastoral deve velar para que a deturpação da heresia não prejudique o rebanho do Senhor e mostrar como evitar a astúcia dos lobos e ladrões. Com efeito, a impiedade dos hereges nunca pôde ocultar-se tão bem que não fosse descoberta por nossos santos Padres e justamente condenada.

Assim, não escapou à nossa solicitude, toda devotada à vossa Caridade, que egípcios, principalmente comerciantes, chegaram à cidade defendendo idéias criminosamente introduzidas em Alexandria por hereges que pretendem que Cristo teria só a natureza divina e que a carne tomada por ele da bem-aventurada Virgem Maria não teria tido nenhuma realidade; é uma doutrina ímpia, a qual diz que em Jesus o homem é falso, e que Deus é passível. Sobre o espírito ou a intenção que anima a audácia deles não podemos ter nenhuma hesitação: depois que eles se afastaram da verdade do Evangelho e seguiram as mentiras do diabo, eles querem que outros sejam companheiros de sua perdição.

Em nossa solicitude paterna e fraterna, exortamo-vos, pois, a rejeitar todo assentimento e todo acordo de pensamento a esses adversários da fé católica, a esses ini-migos da Igreja, a esses negadores da encarnação do Senhor, a esses homens que estão em oposição ao símbolo estabelecido pelos santos apóstolos. Com efeito, diz o Apóstolo: “Quanto ao herege, depois de uma primeira e de uma segunda admoestação, evita-o. Tal homem, tu o sabes, é um desviado e um pecador que se condena a si mesmo”.

2. A existência das duas naturezas em Jesus

Aquele que adere a essa doutrina ímpia, apesar de saber que ela fez perecer um grande número antes dele, e que considera religioso e católico o que na doutrina dos santos Padres, com toda a evidência, condenou, seja na doutrina pérfida de Fotino, seja nas loucas afirmações de Manes, seja nos dogmas insensatos de Apolinário, esse tal se perde por sua própria obstinação e se separa de Cristo por sua insensatez. Assim os que negam o mistério da encarnação do Senhor abraçam, para a perda de sua alma, uma abominação, como se ela fosse nova e ainda não condenada. Como se o Evangelho nos ensinasse outra coisa, e não a salvação do gênero humano, naqueles que crêem, mediante unicamente esse mistério da divina misericórdia, mistério segundo o qual o Filho único de Deus, igual em tudo ao Pai, assumiu nossa natureza e, continuando o que era, dignou-se ser o que não era, um homem verdadeiro. Ele, verdadeiro Deus, sem contrair nenhuma mancha de pecado, uniu a si, na verdade da carne e da alma, nossa natureza inteira e perfeita; concebido pela operação do Espírito Santo no seio da santa Virgem sua mãe, ele não se aborreceu com o nascimento segundo a carne nem com os começos da primeira idade. O Verbo de Deus Pai proclama, portanto, pelo poder de sua divindade e pela fraqueza de sua carne, que a natureza humana lhe está unida; por ter um corpo, ele faz ações corporais, e por ter a divindade, manifesta os sinais de seu poder espiritual.

É do homem ter fome, ter sede, dormir; é do homem temer, chorar, entristecer-se; é do homem ser crucificado, morrer, ser sepultado; mas é de Deus caminhar sobre o mar, mudar água em vinho, ressuscitar dos mortos, fazer o mundo tremer, ao morrer, e elevar-se acima de todos os céus com sua

carne restituída à vida. Aqueles que crêem em tudo isso sabem, sem nenhuma dúvida, o que devem atribuir à humanidade e o que devem atribuir à divindade, porque em ambas está Cristo, que não perdeu o poder de sua divindade e, nascendo, recebeu a verdade de homem perfeito.

3. Excomunhão dos fautores de erro e exortação a perseverar na verdadeira fé

Portanto, caríssimos, desses, dos quais estamos falando, fugi como de veneno mortal, execrai-os, desviai-vos deles e se, advertidos por vós, não quiserem corrigir-se, evitar conversar com eles, porque, como está escrito, “a palavra deles é como a gangrena, que corrói”. Àqueles que por um justo julgamento foram rejeitados da unidade da igreja não se deve nenhuma comunhão, comunhão que eles perderam não por ódio nosso, mas por seus crimes.

Vós, pois, amados de Deus e comprovados pelo testemunho apostólico, vós, aos quais o bem-aventurado apóstolo Paulo, doutor dos gentios, diz: “Porque a vossa fé é anunciada em todo o mundo”, guardai em vós o que sabeis que tão grande pregador pensava de vós. Ninguém de vós se torne excluído desse louvor, de vós que, por tantos séculos, segundo o Espírito Santo, não vos manchastes com nenhuma heresia, que também os contágios da impiedade eutiquiana não vos manchem.

Confiamos que a proteção de Deus guardará vossos corações e vossa fé, para que, pela observância perseverante da fé católica, agradeis eternamente àquele ao qual até agora obedecestes fielmente, por Cristo, Senhor nosso. Amém.

TOMO A FLAVIANO

Leão, bispo, ao dileto irmão Flaviano, bispo de Cons-tantinopla.

1. Recebemos tua estimada carta, cuja demora nos deixou surpresos. Examinando o processo dos bispos, certificamo-nos, enfim, do escândalo que aí surgiu contra a integridade da fé.

Tornou-se-nos patente agora o que antes era incompreensível.

Êutiques, que parecia digno do nome de presbítero, mostrou-se bastante imprudente e muito ignorante, merecendo que se lhe aplique o dito do profeta: “Renunciou à sensatez e à prática do bem. No leito medita a iniquidade” (Sl 35,4).

Poderá haver coisa mais iníqua do que alimentar idéias ímpias e não assentir ao parecer dos mais sábios e doutos? Em tal insipiência caem os que, ao depararem com alguma obscuridade na busca da verdade, não recorrer às palavras dos profetas, nem às escrituras dos apóstolos, nem à autoridade dos Evangelhos, mas a si mesmos.

São mestres do erro, porque não quiseram ser discípulos da verdade.

Que instrução teve do Novo e do Antigo Testamento quem não compreendeu sequer o início do Símbolo? O coração desse velho ainda não aprendeu o que, no mundo inteiro, profere a voz de todos os que hão de ser regenerados.

2. Desorientado em seus pensamentos sobre a encarnação do Verbo, e não querendo, a fim de obter as luzes do entendimento, dar-se ao trabalho de mergulhar nas Sagradas Escrituras, que ao menos recebesse com ouvido atento a profissão de todos os fiéis, comum e uníssona:

Creio em Deus Pai todo poderoso e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, concebido pelo poder do Espírito Santo e nascido da Virgem Maria.

Estes três artigos destroem as invenções de quase todos os hereges.

Quem crê em Deus, onipotente e Pai, demonstra ser o Filho sempiterno como ele, em nada diferente do Pai, porque Deus de Deus, onipotente do onipotente, nasceu coeterno do eterno. Não é posterior no tempo, nem inferior em poder, nem desigual em glória, nem separado quanto à essência.

O mesmo sempiterno Filho unigênito de um sempiterno Genitor nasceu pelo poder do Espírito Santo e de Maria Virgem. Tal nascimento temporal em nada diminuiu sua eterna e divina natividade, nada lhe acrescentou.

Entregou-se totalmente em prol da redenção do homem que fora seduzido, a fim de vencer a morte e destroçar por sua própria virtude o diabo que possuía o império da morte. Não poderíamos vencer o pecado e o autor da morte a não ser que assumisse nossa natureza e a fizesse sua, aquele a quem o pecado não pôde contaminar, nem a morte reter.

Visto que foi concebido por virtude do Espírito Santo no seio da Virgem Mãe, esta o deu à luz conservando intata a virgindade, como seu detrimento da virgindade o concebera.

Mas, se ele (Êutiques) não pôde haurir sincero entendimento nesta puríssima fonte da fé cristã porque havia obnubilado o esplendor da verdade perspícua, por causa da própria obcecação, que ao menos se submetesse à doutrina evangélica. Tendo dito Mateus: “Genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão” (Mt 1,1), buscasse ainda ser instruído pela pregação apostólica. Se lesse na epístola aos Romanos: “Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado a ser apóstolo, acolhido para anunciar o Evangelho de Deus, por este de antemão prometido por meio dos seus profetas nas santas Escrituras acerca de seu Filho, nascido, segundo a carne, da estirpe de Davi (1,1), que se aplicasse com solicitude e piedade aos livros proféticos. E ao encontrar a promessa de Deus a Abraão: “Na tua descendência dir-se-ão benditas todas as nações da terra” (Gên 12,3; 22,18), não duvidasse das

propriedades desta descendência e seguisse o Apóstolo que diz: “As promessas foram feitas a Abraão e à sua descendência. Não diz a Escritura: ‘aos descendentes’, como se se referisse a muitos, mas, querendo falar de um só, diz: ‘e a tua descendência’, que é Cristo” (Gál 3,16). Teria apreendido também com o ouvido interior a pregação de Isaías: “Eis a virgem que concebe e dá à luz um filho ao qual dará o nome de Emanuel, que quer dizer ‘Deus conosco’ (Is 7,14; Mt 1,23). Com fé teria lido as palavras do mesmo profeta: “Eis nasceu-nos um menino, um filho nos foi dado, sobre cujos ombros está o principado e cujo nome é: Admirável conselheiro, Deus forte, Pai perpétuo, Príncipe da paz” (Is 7,5). Não proferiria palavras vãs afirmando que o Verbo se fez carne de sorte que Cristo nascido do seio da Virgem tivesse a condição externa de homem, mas não a verdadeira carne da mãe. Acaso julgou que nosso Senhor Jesus Cristo não era de nossa natureza porque o anjo enviado à bem-aventurada sempre Virgem Maria disse: “virá sobre ti o Espírito Santo e a potência do Altíssimo te recobrirá, e por isso também o santo que há de nascer será chamado Filho de Deus” (Lc 1,35).

3. Assim a concepção da Virgem teria sido obra divina, mas a carne concebida não era da natureza de quem a concebeu.

Mas, essa geração singularmente maravilhosa e maravilhosamente singular não deve ser entendida como se, por uma nova espécie de criação, fossem supressas as qualidades do gênero humano.

O Espírito Santo deu fecundidade à Virgem, no entanto, a constituição do corpo originou-se do corpo (virginal). Ao “construir a Sabedoria sua casa para si” (Pr 9,1), o “Verbo fez-se carne e habitou entre nós” (Jo 1,14), isto é, no corpo assumido de uma carne humana ao qual animou com o sopro de vida racional.

4. Salvaguardadas pois, as propriedades de ambas as naturezas e substâncias, unidas numa só Pessoa, foi assumida a humildade pela majestade, pela força a fraqueza, pela eternidade a mortalidade.

Para obter o débito de nossa condição, a natureza inviolável uniu-se à passível. Assim, como remédio conveniente à nossa cura, um só e mesmo mediador entre Deus e o homem, o homem Cristo Jesus, de um lado podia morrer, e doutro lado, não o podia.

Nasceu o verdadeiro Deus com a íntegra e perfeita natureza de um verdadeiro homem, todo o que é seu, todo inteiro no que é nosso. Por “nosso” entendemos aquilo que o Criador fez em nós no início e que assumiu para ser reparado.

Não havia no Salvador vestígio algum daquilo que o sedutor infligiu e que o homem enganado admitiu. Tenha participado, embora, da fraqueza humana, não foi partícipe de nossos delitos. No princípio assumiu a condição de servo, mas não a mancha do pecado; exaltou o humano, sem subtrair coisa alguma do divino.

O aniquilamento pelo qual o invisível se fez visível e o Criador e Senhor de todas as coisas quis ser um dos mortais, era compassiva, condescendência não deficiência de poder.

Quem na natureza de Deus criou o homem, fez-se homem na condição de servo. Cada uma das duas naturezas conservou, sem alteração suas propriedades. Como a natureza de Deus não eliminou a natureza de servo, assim a natureza de servo não diminuiu a natureza de Deus.

Gloriava-se o diabo de ter sido o homem, por sua fraude, seduzido e privado dos dons divinos, despojado do dote da imortalidade e submetido à dura sentença de morte. Encontrava assim o demônio uma espécie de consolo dos próprios males na companhia do homem prevaricador.

Também Deus, exigindo justa prestação de contas, trocara a sentença do homem que ele havia criado em estado tão honroso. Foi, então, necessário, caríssimos, na execução de um plano oculto, que o Deus imutável, cuja vontade não pode ser privada de benignidade, completasse a primeira disposição de sua piedade para conosco com um mistério ainda mais escondido e o homem, instigado

à culpa pela astúcia da iniquidade diabólica, contra o desígnio de Deus não perecesse.

4. Desce, portanto, do reino celeste às íntimas regiões deste mundo Jesus Cristo, Filho de Deus, sem se afastar da glória paterna, gerado em ordem nova, em novo nascimento. Nova ordem, porque invisível no que lhe é próprio, fez-se visível no que é nosso; incompreensível quis ser apreendido; sendo antes dos tempos, começou a existir no tempo. O Senhor do universo assumiu a condição de servo, velando a imensidão de sua majestade. Dignou-se o Deus impassível tornar-se homem passível e o imortal submeter-se às leis da morte.

Vem à luz por novo nascimento, porque a virgindade inviolada, que ignorava a concupiscência, ministrou-lhe a matéria corporal.

Recebeu o Senhor de sua mãe a natureza, mas isenta de culpa. A natureza humana de nosso Senhor Jesus Cristo, nascido do seio da virgem, não difere da nossa por ter tido ele admirável natividade.

Sendo verdadeiro Deus, é também verdadeiro homem. Nesta unidade não há mentira, pois mutuamente se coadunam humildade humana e grandeza divina.

Como Deus não se altera por tal misericórdia, o homem não desaparece, absorvido pela dignidade divina. Age cada uma das naturezas em consonância com a outra, quando a ação é peculiar a uma delas. O Verbo opera o que lhe é próprio, e a carne executa o que lhe compete. Uma resplandece pelos milagres, enquanto a outra é sujeita aos opróbrios. Como não se aparta o Verbo da igualdade da glória paterna, a carne não perde a natureza do gênero humano. Um e o mesmo, convém repeti-lo, é verdadeiramente Filho de Deus e verdadeiramente filho do homem.

Deus, porque no princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus, e o Verbo era Deus (Jo 1,1). Homem, porque o Verbo fez-se carne e habitou entre nós (ib. 1,14).

Deus, porque todas as coisas foram feitas por meio dele, e sem ele, coisa alguma foi feita de quanto existe (ib. 1,3). Homem porque nascido de mulher, nascido sob a lei (Gl 4,4).

O nascimento carnal é manifestação da natureza humana; o parto da Virgem, indício do poder divino.

A humilhação do presépio denota a infância do menino (Lc 2,7); as vozes dos anjos declaram a grandeza do Altíssimo (Lc 2,13).

Assemelha-se aos homens em seus primeiros dias aquele que Herodes tenta impiamente matar (Mt 2,16). Mas, é Senhor de todos, aquele que, suplicantes, os magos alegram-se de adorar.

Quando procurou o batismo de João, seu precursor (Mt 3,13), para ser patente que o véu da carne encobria a di-vindade, veio do céu a voz do Pai que dizia: Este é o meu Filho amado, no qual ponho as minhas complacências (Mt 3,17).

Enquanto a astúcia do diabo tenta-o, como se fosse apenas homem, serve-o o exército dos anjos, como sendo Deus (Mt 4,1; 11).

Ter fome, ter sede, estar cansado e dormir evidentemente é humano. Mas, saciar com cinco pães cinco mil homens (Jo 6,12) e dar à samaritana a água viva (Jo 4,10), que não deixa mais ter sede quem a beber, andar sobre as ondas do mar a pé enxuto (Mt 14,25) e acalmar o furor dos vagalhões, falando imperiosamente à tempestade (Lc 8,24) é indubitavelmente divino. Omitindo muitos fatos, digamos apenas: não é próprio de uma só e mesma natureza chorar por comisseração o amigo morto (Jo 11,35) e após a remoção da pedra do sepulcro de um defunto de quatro dias, despertá-lo redivivo, somente emitindo uma ordem (ib. 43); ou pender do lenho e transformar o dia em noite, fazendo tremer todos os elementos; ou ser transpassado pelos cravos e abrir as portas do paraíso ao ladrão por causa de sua fé (Lc 23,43).

Do mesmo modo não provém da mesma natureza dizer: “Eu e o Pai somos uma só coisa” (Jo 10,30) e afirmar: “O Pai é maior do que eu” (Jo 14,28). Embora seja nosso Jesus Cristo uma só

Pessoa, Deus e homem, difere contudo a proveniência para as duas naturezas do opróbrio comum a ambas e da glória comum. Pelo que recebeu de nós, a humanidade, ele é menor do que o Pai; do Pai lhe vem a igualdade com o Pai, a divindade.

5. Por causa desta unidade de pessoa em duas naturezas lemos ter o Filho do homem descido do céu, quando o Filho de Deus, da Virgem da qual nasceu, assumiu um corpo. E novamente diz-se que o Filho de Deus foi crucificado e sepultado, ao sofrer tudo isso, não na própria divindade, pela qual o Unigênito é co-eterno e consubstancial ao Pai, mas na fraqueza da natureza humana.

Todos nós, confessamos, por isso, no Símbolo, que o Unigênito Filho de Deus foi crucificado e sepultado, segundo o dito do Apóstolo: “Se, de fato, tivessem conhecido, não teriam ao certo crucificado o Senhor da glória” (1Cor 2,8).

O próprio nosso Senhor e Salvador, querendo esclarecer a fé dos discípulos, por meio de suas interrogações, interpelou-os: “Quem dizem os homens que é o Filho do homem?” E como eles referissem as várias opiniões dos outros: “E vós”, perguntou-lhes, “quem dizeis que eu sou?” (Mt 16,13-15). Quem dizeis que eu sou, eu, o Filho do homem, que vedes na condição de servo e na realidade da carne? São Pedro, divinamente inspirado, numa confissão benéfica para todos os povos, disse: “Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo” (Mt 16,16). Foi digno, então, de ser chamado bem-aventurado pelo Senhor. Recebeu da pedra principal a virtude e o nome aquele que por revelação do Pai confessou identificar-se o Filho de Deus e Cristo. Aceitar um sem o outro não aproveita para a salvação. Igual perigo seria crer que o Senhor Jesus Cristo é Deus só sem ser homem, ou apenas homem e não Deus.

Qual a finalidade do prazo de quarenta dias após a ressurreição do Senhor (de seu verdadeiro corpo, porque ressuscitou aquele mesmo que fora crucificado e morto), a não ser libertar a integridade de nossa fé de qualquer obscuridade?

Conversou com seus discípulos, esteve na mesma casa e comeu com eles (At 1,4). Permitiu que o tocassem com diligência e curiosidade os que estavam ansiosos pela dúvida. Entrava com as portas fechadas onde estavam os discípulos; com seu sopro comunicava-lhes o Espírito Santo (Jo 20,22) e dando as luzes do entendimento, revelava os segredos das Sagradas Escrituras. E ainda mostrava a chaga do lado, as perfurações dos cravos e todos os sinais da paixão recente, dizendo: “Vêde as minhas mãos e os meus pés, sou eu mesmo; apalpai-me e observai que um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho” (Lc 24,39). Assim, reconheceriam os discípulos que nele as propriedades da natureza divina e humana permaneciam intatas, e saberíamos nós que Verbo e carne não se identificaram e que o único Filho de Deus é Verbo e carne.

Julgamos carecer Êtiques inteiramente — porque não reconheceu nem pela humildade da mortalidade, nem pela glória da ressurreição a natureza humana do Unigênito de Deus — deste mistério de fé. Não recebeu a sentença do apóstolo e evangelista são João: “Todo o espírito que confessa a Jesus Cristo encarnado, vem de Deus, e todo o espírito que não confessa a Jesus não vem de Deus. Tal é o fato do anticristo” (1Jo 4,2-3).

O que significa não confessar a Jesus senão separar dele a natureza humana e destruir com impudentes invenções o único mistério de salvação? Com a visão obscurecida acerca da natureza do corpo de Cristo, necessariamente há de errar também no atinente à sua paixão por causa da mesma cegueira. Se não considera falsa a cruz do Senhor, não duvida ter sido verdadeiro o suplício aceito pela salvação do mundo. Reconheça a realidade da carne daquele em cuja morte acreditou. Não desconfie ser homem com um corpo igual ao nosso quem ele sabe ter sido passível, porque a negação da verdadeira carne é igualmente negação da paixão corpórea. Se adere à fé cristã, e não desvia o ouvidos da pregação do Evangelho, contemple qual foi a natureza que pendeu do lenho da

cruz, traspassada pelos cravos, e tendo sido aberto o lado crucificado pela lança do soldado, entenda de onde brotou sangue e água, para que a Igreja de Deus fosse refeita pelo lavacro e o cálice.

Ouçã o bem-aventurado apóstolo Pedro pregar que a santificação do Espírito se faz pela aspersão do sangue de Cristo, e não leia superficialmente as palavras do mesmo apóstolo: “Sabendo que não fostes resgatados dos vossos costumes fúteis, herdados dos vossos antepassados, a preço de coisas corruptíveis, como a prata e o ouro, mas pelo sangue precioso de Cristo, como de um cordeiro sem defeito e sem mancha” (1Pd 1,18).

Não resista também ao testemunho do apóstolo são João que diz: “O sangue de Jesus Cristo, seu Filho, purifica-nos de todo o pecado” (1Jo 1,7). E ainda: “Esta é a arma invicta que vence o mundo: a nossa fé” (1Jo 1,7). “E quem é que vence o mundo senão quem crê que Jesus é o Filho de Deus? Este é que veio por água e sangue: Jesus Cristo; não só na água, mas na água e no sangue; e é o Espírito que dá testemunho, porque o Espírito é a verdade. Três são os que dão testemunho: o Espírito, a água e o sangue, e os três são unânimes” (1Jo 5,4-8). Isto é, o Espírito de santificação e o sangue da redenção e a água do batismo. Os três são uma só coisa, e permanecem indivisíveis, sem nenhuma separação, desta sua conexão.

A Igreja católica vive de tal fé e nela progride: Não há em Cristo Jesus humanidade sem verdadeira divindade, nem divindade sem verdadeira humanidade.

6. Êutiques respondeu a vosso interrogatório: “Confesso que nosso Senhor tinha duas naturezas antes da união; depois desta, confesso ter apenas uma natureza”.

Admiro-me que tão absurda e perversa profissão não tenha sido repreendida e censurada pelos juízes e tenha passado em silêncio palavra tão insipiente e blasfema, como se nada de escandaloso tivesse sido ouvido. Afirma ele tão impiamente que o Unigênito Filho de Deus, antes da encarnação, tivera duas naturezas, quanto criminosamente assevera haver nele uma só natureza depois que o Verbo se fez carne.

Não julgue Êutiques ter falado de maneira correta ou tolerável, uma vez que por vós não foi refutado. Por esta razão, irmão caríssimo, faça a tua diligente solicitude, se a causa chegar a resultado satisfatório por inspiração da misericórdia de Deus, com que a imprudência deste homem ignorante extirpe também tal idéia pestífera de seu modo de pensar.

A ordem do processo demonstra que começara a abandonar sua opinião e, coagido por vossa sentença, afirmou o que anteriormente não havia dito, e aquiesceu à crença da qual antes estivera alheio. Como, porém, não quis consentir em anatematizar a doutrina ímpia, vossa fraternidade entendeu que ele perseverava em sua perfídia e foi com justiça proferida a sentença condenatória.

Se, contudo, arrepender-se de maneira genuína e proveitosa, e reconhecer, mesmo tardiamente, a retidão com que agiu a autoridade episcopal, ou se rejeitar de viva voz, e subscrevendo pessoalmente, todos os seus erros, dando plena satisfação, não será repreensível certa indulgência para com aquele que se corrigiu.

Nosso Senhor, verdadeiro e bom Pastor, que deu a vida por suas ovelhas e veio a fim de não perder, mas para salvar as almas dos homens, quer que sejamos imitadores de sua piedade. A justiça, pois, reprima os pecadores e a misericórdia não repila os convertidos. É defendida com abundantes frutos a verdadeira fé, quando uma opinião falsa é condenada até pelos próprios sequazes.

Enviamos em nosso nome nossos irmãos, o bispo Júlio e o presbítero Renato do título de S. Clemente, com meu filho, o diácono Hilario, para cuidar da execução fiel e religiosa de toda a questão. Associamos-lhes Dulcídio, nosso notário, de fidelidade comprovada. Confiamos assista-os o auxílio divino, a fim de que se salve o que caiu em erro, rejeitando a malícia de seu modo de pensar.

Deus te guarde incólume, irmão caríssimo.

Dada nos idos de junho, durante o consulado dos ilustres Astúrio e Protógenes.

[8](#) Nesta Carta ou Tomo a Flaviano, redigida em 449, são Leão Magno I expõe com muita convicção a doutrina cristológica das duas naturezas em Cristo e a unicidade de pessoa. Embora a doutrina monofisita de Êutiques tivesse sido condenada num sínodo de Constantinopla em 448, Dióscoro, patriarca de Alexandria, favorável a Êutiques, fez com que o imperador Teodósio II convocasse um novo concílio para Êfeso em 449. Esta Carta de Leão Magno foi enviada ao patriarca de Constantinopla para esta ocasião. Contudo, Dióscoro e seus correligionários negaram a presidência do concílio aos legados de Leão Magno e impediram que sua Carta fosse lida na assembléia. Êutiques foi reabilitado. Como papa, Leão Magno I não reconheceu o concílio e o chamou “latrocínio de Êfeso”. Dois anos mais tarde, por necessidade de clarear definitivamente as questões que conturbavam a paz no império, Marciano, o novo imperador, convocou um concílio para Calcedônia. Na segunda sessão, deu-se a leitura da Carta dogmática de Leão Magno que foi aclamada com a expressão: “Pedro falou pela boca de Leão”. Cf. R. Frangiotti, História das Heresias (séc. I-VII): conflitos ideológicos dentro do cristianismo, Paulus, 1995: “Êutiques ou o monofisismo, pp. 139-151.

Coleção **PATRÍSTICA**

1. Padres Apostólicos, Clemente Romano – Inácio de Antioquia – Policarpo de Esmirna – Pseudo-Barnabé – Hermas – Pápias – Didaqué
2. Padres Apologistas, Carta a Diogneto – Aristides – Taciano – Atenágoras – Teófilo – Hérmiás
3. Apologias e Diálogo com Trifão, Justino de Roma
4. Contra as heresias, Ireneu de Lião
5. Explicação dos símbolos (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência, Ambrósio de Milão
6. Sermões, Leão Magno
7. A Trindade, S. Agostinho
8. O livre-arbítrio, S. Agostinho
- 9/1. Comentário aos Salmos (Salmos 1-50), S. Agostinho
- 9/2. Comentário aos Salmos (Salmos 51-100), S. Agostinho
- 9/3. Comentário aos Salmos (Salmos 101-150), S. Agostinho
10. Confissões, S. Agostinho
11. Solilóquios – A vida feliz, S. Agostinho
12. A Graça (I), S. Agostinho
13. A Graça (II), S. Agostinho
14. Homília sobre Lucas 12 – Homílias sobre a imagem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo, Basílio de Cesareia
15. História eclesiástica, Eusébio de Cesareia
16. Os bens do matrimônio – A santa virgindade consagrada – Os bens da viuvez: Cartas a Proba e a Juliana, S. Agostinho
17. A doutrina cristã, S. Agostinho
18. Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador Constâncio – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de S. Antão, S. Atanásio
19. A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos, S. Agostinho
20. Contra Celso, Orígenes
21. Comentário ao Gênesis, S. Agostinho
22. Tratado sobre a Santíssima Trindade, S. Hilário de Poitiers
23. Da incompreensibilidade de Deus – Da Providência de Deus – Cartas a Olímpia, S. João Crisóstomo
24. Contra os Acadêmicos – A Ordem – A grandeza da Alma – O Mestre, S. Agostinho
25. Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos / Explicação da Carta aos Gálatas / Explicação incoada da Carta aos Romanos, S. Agostinho
26. Examerão – os seis dias da criação, S. Ambrósio
- 27/1. Comentário às Cartas de São Paulo/1 – Homílias sobre a Carta aos Romanos – Comentário sobre a Carta aos Gálatas – Homílias sobre a Carta aos Efésios, S. João Crisóstomo
- 27/2. Comentário às Cartas de São Paulo/2 – Homílias sobre a Primeira Carta aos Coríntios – Homílias sobre a Segunda Carta aos Coríntios, S. João Crisóstomo
- 27/3. Comentário às Cartas de São Paulo/3 – Homílias sobre as cartas: Primeira e Segunda a Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus, S. João Crisóstomo
28. Regra Pastoral, S. Gregório Magno
29. A criação do homem / A alma e a ressurreição / A grande catequese, S. Gregório de Nissa
30. Tratado sobre os Princípios, Orígenes
31. Apologia contra os livros de Rufino, S. Jerônimo
32. A fé e o símbolo / Primeira catequese aos não cristãos / A disciplina cristã / A continência, S. Agostinho

Direção Editorial
Claudiano Avelino dos Santos

Coordenação de desenvolvimento digital
Erivaldo Dantas

Tradução
Sérgio José Schirato: Sermões sobre as Coletas I-VI; Sermões sobre a Quaresma I-XII.
Benôni Lemos: Sermões sobre o Natal II-IV; Sermões da Paixão do Senhor I, VI e VII; Sermão ou Tratado contra a heresia de Êtíques.
Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria, São Paulo: Sermão sobre a Transfiguração; Sermões da Ressurreição I-II; Sermões de Pentecostes I-III e a Carta a Flaviano.
Seleção dos Sermões, organização, introdução, notas explicativas e subtítulos dos Sermões sobre as Coletas e Sobre a Quaresma: Roque Frangiotti.

Revisão
H. Dalbosco

Capa
Visa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Leão I, o Grande, Santo, Papa, m. 461
Leão Magno : sermões / [organização, introdução e notas explicativas Roque Frangiotti ; tradução Sérgio José Schirato e outros]. — São Paulo : Paulus, 1996. — (Patrística)

Bibliografia.

eISBN 9788534938808

1. Leão I, o Grande, Santo, Papa, m. 461 2. Teologia — Igreja primitiva I. Frangiotti, Roque. II Título. III. Série.

93-3182 CDD-281.1

Índices para catálogo sistemático:
1. Padres da Igreja : Literatura cristã primitiva 281.1
2. Patrística 281.1

© PAULUS – 2014
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5084-3066
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

eISBN 9788534938808